Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23357 DIRECTOR **ANTÓNIO RUELLA RAMOS** QUARTA-FEIRA 31 OUTUBRO 90 70$00

Para as Câmaras de Lisboa e Porto

Candidato independente só com 10 mil assinaturas

É mais difícil concorrer como independente às Câmaras de Lisboa e Porto do que formar um partido político ou candidatar-se à Presidência da República

Pág. 6

Basílio ao ataque

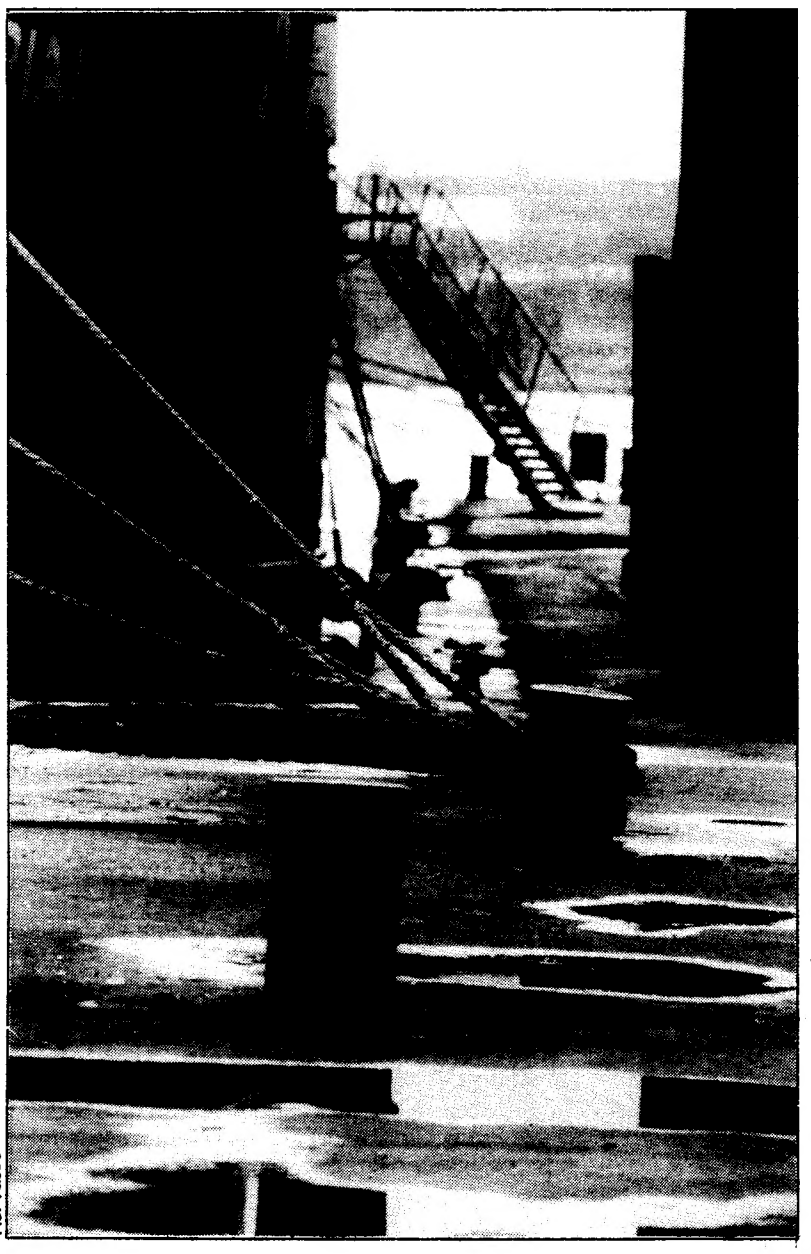
Basílio Horta apresentou oficialmente, esta manhã, a composição da Comissão Política da sua candidatura e os nomes do mandatário nacional e do director de campanha. Carlos Macedo é o mandatário nacional, «um homem que pertenceu à AD, e hoje está obviamente comigo». Esta apresentação indiciava os ataques ao PSD. Soares não foi poupado: «Esta candidatura é para ganhar e para obrigar Mário Soares a ir à segunda volta», disse. Pág. 5

«Partimos para estas eleições para ganhar»

«Queremos obrigar Mário Soares a disputar a segunda volta»

Rui Vasco

Basílio Horta junto do seu mandatário nacional, Carlos Macedo



Rui Vasco

Porto de Lisboa: que futuro?

Velhinho de 103 anos, curvado pelo peso dos problemas, o porto de Lisboa procura soluções que lhe restituam algum do prestígio e eficácia de que dispôs nos seus tempos de juventude. Por enquanto, apesar dos consideráveis esforços de modernização realizados nos últimos anos, paira, sobre os múltiplos projectos relativos ao seu futuro, alguma indefinição. Para festejar o seu aniversário a APL promove hoje várias iniciativas culturais e recreativas. Págs. 14 e 15

Em 13 de Maio

Vem aí o Papa

Setenta e quatro anos após a primeira das «aparições» da Cova de Iria, o Papa João Paulo II volta a pisar solo luso, naquela que será a sua segunda visita oficial ao nosso país. Confirmado já pela Conferência Episcopal Portuguesa, o chefe de Estado do Vaticano tomará parte na peregrinação de 13 de Maio a Fátima e presidirá a uma celebração eucarística em Lisboa. Entre outras, o Papa visitará as dioceses do Funchal e Angra do Heroísmo.

Nova lei das rendas não agrada a ninguém *Págs. 2 e 3*

Kadaré fala do seu adeus à Albânia *Pág. 17*

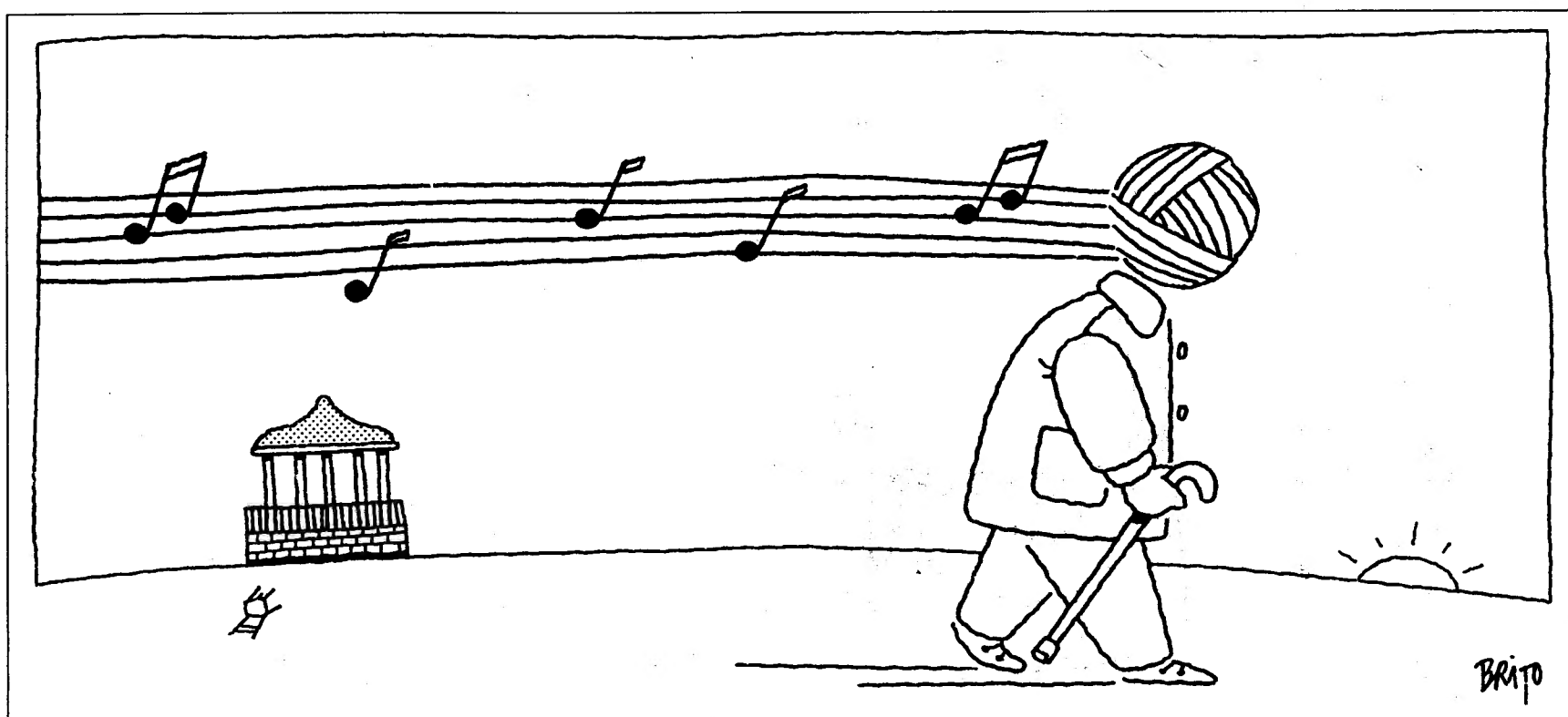
Leonor visita Costa Freire em Caxias *Pág. 7*

Shakespeare regressa à Cornucópia *Pág. 19*

Golfo a um passo da guerra

Pág. 9

PORTE PAGO



GRANDE ANGULAR

No dia 14 de Novembro, a nova lei sobre arrendamento entra em vigor. A duração dos contratos, os encargos e a transmissibilidade são alguns dos aspectos que, à partida, não são bem aceites

Rendas na trama da legislação

Ainda não entrou em vigor e já é notório que a nova lei de arrendamento não congrega grandes apoios por parte dos representantes dos inquilinos e dos proprietários. Ambos dizem que os argumentos apresentados pelo Governo não os convence e as suas apreensões começam a ser expressas publicamente. Mas, o autor da obra mantém-se indiferente às declarações e gaba-se, sem quaisquer pruridos. Diz mesmo que esta, sim, é a lei de arrendamento que estimulará proprietários e inquilinos.

Essa não é, no entanto, a opinião da Associação de Inquilinos de Lisboa (AIL) que afirma: «Estamos perante uma verdadeira lei contra o arrendatário». A Associação Lisbonense de Proprietários (ALP) mostra-se mais optimista. «A nova lei pode contribuir para uma maior abertura do mercado de habitação em Portugal» - diz. No entanto, não deixa de tecer algumas críticas a este diploma. «O Governo é o grande responsável pela degradação do nosso património habitacional» - acrescenta.

Num ponto, inquilinos e proprietários estão de acordo. Não existe um verdadeiro mercado de habitação em Portugal. As sucessivas políticas dos últimos 14 anos não têm senão contribuído para um agravar da situação. «A política que inflecte para a habitação própria é altamente ruinosa e de custos tremendos. O tempo urge e se a presente situação se eternizar as consequências serão dramáticas. Os prédios que têm caído em Lisboa, nos últimos dias, são prova disso» - diz Eduardo Carvalho da Silva, presidente da ALP.

Na sua opinião, a nova lei pode vir a atenuar um pouco esta realidade, mas não tanto quanto se pensa. Isto, porque os princípios agora introduzidos pelo Governo não satisfazem por completo as expectativas e anseios dos proprietários. Não se esperem, portanto, grandes milgares, nem apoios.

«A lei continua a discriminar os investidores. Como se costuma dizer, uns são filhos, outros enteados. Os investidores institucionais podem arrendar por um prazo de dois anos e nós só o podemos fazer no mínimo por cinco» - disse ao «DL» Carvalho da Silva.

Uma das grandes questões da nova lei é, de facto, a duração dos novos contratos de arrendamento. Os proprietários dizem que se trata de uma inovação no mercado habitacional português, mas que tal prazo ainda é demasiado longo. Os inquilinos, por sua vez, defendem que o prazo é limitado e que estes cinco anos são a prova cabal de que a tendência é para tornar cada vez mais precária o direito a uma habitação digna.

«Pensamos que vai haver uma maior abertura a nível das casas devolutas, mas cinco anos é um período longo. Deveria ser, pelo menos, de três anos porque, assim, muitos proprietários continuarão a não arrendar as suas casas. Podem precisar delas durante esse período» - afirma o representante dos proprietários.

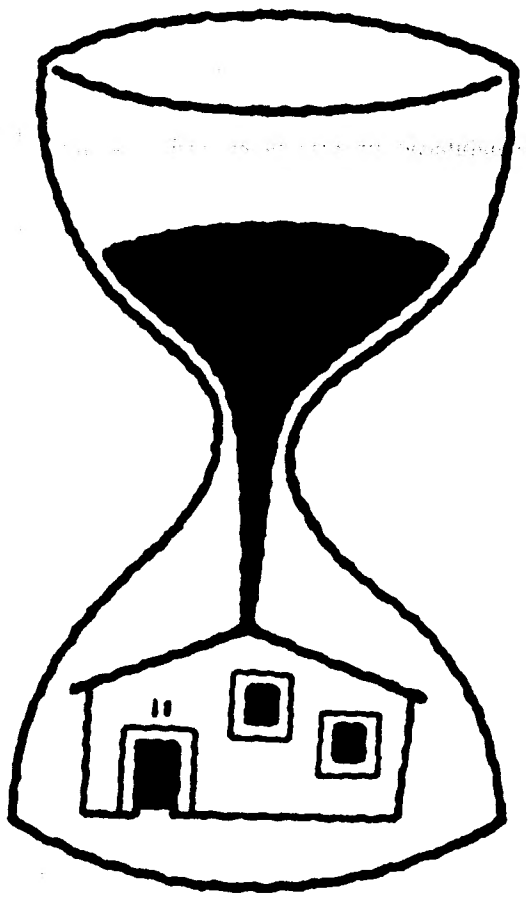
Para Eugénio Ramos, presidente da AIL, as dúvidas são muitas quanto aos efeitos positivos da nova lei. Nomeadamente, no que diz respeito às casas devolutas e ao prazo dos contratos. «Não somos intransigentes. Nem este problema se situa numa guerra entre senhorios e inquilinos, mas achamos que estas e outras alterações que se têm vindo a verificar pecam pela sua inoportunidade. Temos muitas dúvidas que as casas devolutas apareçam, porque ainda não se pôs termo à gritante especulação do sector imobiliário» - afirma.

Mas, as divergências entre senhorios e proprietários não ficam por aqui. As questões dos encargos e da transmissibilidade também não agradam a ambos. O presidente da AIL diz que o grande privilegiado com esta legislação é o senhorio, já que acaba por receber o dinheiro da renda e não ter outros encargos. «Até, no que diz respeito à obras, a lei nada traz de novo no sentido de o obrigar ou de o penalizar por não as fazer. O que se passa é que a situação do arrendatário pode ainda ser agravada, já que se prevê para estes casos um aumento da renda».

A divisão dos encargos é um aspecto importante para Eduardo Carvalho da Silva. «No fundo, trata-se de uma medida que já vigora há muito tempo nalguns países da Europa. O que é comportável para nós é o facto de a nova lei comportar ainda a questão da transmissibilidade e da não actualização da renda por morte de uma das partes» - disse.

Longe de gerar consensos, a nova lei entra em vigor dentro de dias. O futuro dirá como inquilinos e proprietários se irão reger pelos novos moldes.

Ana Mafalda Inácio



De lei em lei até à ruína

No princípio era a liberalização. Os acordos eram verbais e tinham como base a boa fé e a palavra de cada um. Um sistema que parecia agradar a gregos e a troianos, já que se funcionava ao sabor das vontades. Mas, quando a situação foi alterada pelo Código Civil de Seabra, se houve vozes discordantes, essas, não se fizeram ouvir muito alto.

Estava-se no ano de 1867 e em Portugal firmava-se o primeiro regime sobre arrendamento. A primeira reacção foi de agrado. Considerado por senhorios e inquilinos como «claro e liberal», este primeiro sistema veio estabelecer um contrato temporário, com um prazo supletivo de seis meses, e a sucessão pela morte do arrendatário ou do senhorio.

Nove anos passaram até à sua primeira reformulação. Nessa altura, os governantes perceberam que o sistema, outrora aplaudido por todos, pecava pelo seu carácter vago e mais não tinha contribuído senão para um aumento da actividade dos tribunais. Na verdade, durante este período, inúmeros casos requereram a intervenção judicial. E, em 1876, a lei é alterada para regular, com alguma minúcia, a cessação do respectivo contrato.

O artigo 498 estipulava, assim, que «o senhorio a quem não convier a continuação do arrendamento, além do prazo estipulado ou além daquele por que a lei o presume feito, despedirá o arrendatário, fazendo-o citar para efectuar o despejo no fim do arrendamento».

A 30 de Agosto de 1907 esta questão agrava-se com a publicação do artigo que expressa claramente a penalização dos arrendatários por crime de desobediência quando, não acatando a decisão judicial do despejo, obrigassem a passar à fase executiva.

A proclamação da República também deixou marcas na história do arrendamento urbano ao promover algumas alterações na legislação vigente. Os políticos, mais virados para a conquista do eleitorado do que para a resolução do problema da habitação, lançaram o congelamento das rendas, pelo prazo de um ano, e alongaram a antecedência requerida para a oposição à renovação dos contratos. Como se não bastasse, resolveram, ainda, conferir indemnizações aos arrendatários comerciais, quando estes tivessem aumentado o valor do prédio e cessasse o arrendamento.

A situação tornava-se cada vez mais complexa. Seguiram-se vários diplomas até que o Governo decidiu, por fim, nomear uma comissão, constituída por representantes de proprietários e inquilinos, de Lisboa e Porto, para codificar todas as disposições em vigor sobre o arrendamento de prédios urbanos. No entanto, e mercê da instabilidade política que se vivia na altura, esta comissão só viria a aparecer oficialmente através de um decreto de 17 de Abril de 1919.

A Grande Guerra de 1914-1918 foi um motor fundamental para novas intervenções legislativas neste domínio. Logo em 23 de Novembro, o decreto nº 1079 congelou as rendas por completo, no que dizia respeito aos contratos novos e antigos contratos, com a

Empréstimos

Sem casas para alugar, a solução, para os menos abonados, tem sido a compra através de empréstimo bancário. Isto na teoria, porque, na prática, o custo das habitações excede em muito o valor para a concessão de crédito. Apesar disso, a Caixa Geral de Depósitos esgotou em Setembro o dinheiro destinado a este sector, para o corrente ano. A partir de 18 de Novembro passa a existir uma outra outra alternativa: o *leasing*

Nesta modalidade, tal como acontece com a aquisição de equipamentos, as pessoas pagam uma renda, valor que, posteriormente, lhe é deduzido caso opte pela compra da casa. O acordo, entre as sociedades imobiliárias e os inquilinos, não pode ser celebrado por período inferior a três anos.

O contrato de locação financeira, regulamentado em 1979, foi alargado ao domínio da habitação, no dia 18 deste mês, passando a vigorar 30 dias após a publicação do despacho. O Conselho de Ministros justifica esta decisão, dizendo que «o regime agora estabelecido vem colocar à disposição do público um instrumento flexível e capaz de proporcionar os meios necessários para a compra de habitação própria».

Este novo despacho não estipula um prazo máximo para o pagamento da habitação ou para o valor da renda. Segundo Horácio Piriquito, do Gabinete de Imprensa, do Ministério das Finanças, «o que se pretende é criar um mercado alternativo, quer no aluguer concreto, quer na compra de habitação. O resto é o mercado que decide».

Seis meses antes do contrato de locação acabar o senhorio deverá perguntar ao inquilino se quer exercer o direito de compra do imóvel alugado. O não cumprimento desta obrigação le-va à prorrogação automática do acordo inicial.

Se o inquilino não receber qualquer carta registada do locador relativamente à compra, poderá solicitar a aquisição. Deve fazê-lo com uma antecedência mínima de 90 dias. O locatário pode, também, denunciar o contrato, com ou sem aquisição da casa, sempre que este o permita.

Crédito à habitação

A Caixa Geral de Depósitos, o Crédito Predial Português e o Montepio Geral têm sido as entidades bancárias com o monopólio da concepção de crédito à habitação. Mas, outros bancos vão entrar neste processo.

O Banco Comercial Português acaba de se lançar no mercado. Tem como trunfo a rapidez de avaliação dos pedidos de empréstimo. No entanto, para além de praticar uma taxa de juro superior à Caixa, 24 por cento contra 20,5 por cento, estipula um montante mínimo do dinheiro a emprestar: cinco mil contos.

As pessioas que recorrem ao crédito bonificado têm dificuldade em encontrar casas dentro dos preços estipulados na legislação.

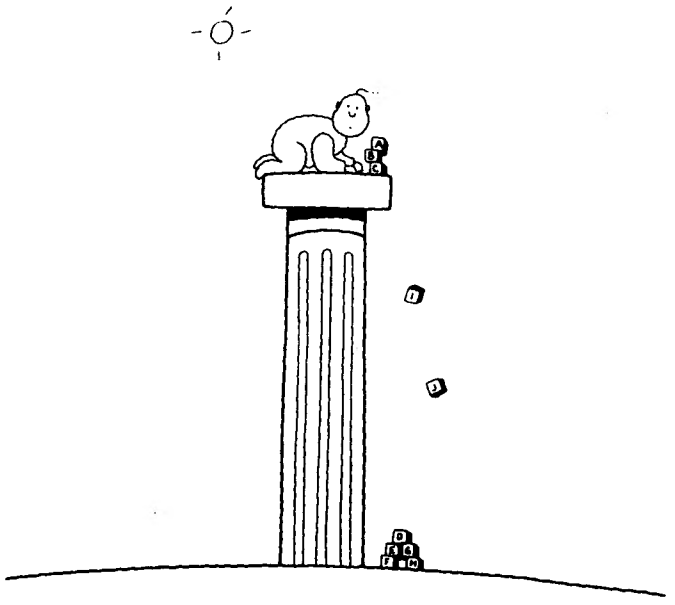
Em Lisboa ou no Porto, um casal jovem, cuja soma das idades não seja superior a 55 anos, só poderá pedir empréstimo se o custo da casa não exceder os sete mil e 300 contos. Este valor vai baixando consoante a localidade. Por exemplo, em Tomar, o custo máximo da habitação é de cinco mil e 300 contos. A taxa de juro praticada pela Caixa é de 20, 5 por cento.

O prazo para o pagamento das mensalidades é de 25 e 30 anos. Há duas formas de amortizar a dívida: através de uma mensalidade constante ou de uma prestação evolutiva. O devedor, por cada mil contos, paga um valor fixo de 10 mil 107 escudos mensais ou opta pela segunda modalidade, pagando seis mil 763 escudos por mês, no primeiro ano, montante que vai subindo até aos 29 mil 206 escudos, nos últimos 12 meses.

Céu Neves

É difícil habitar em Portugal. Desde que surgiu o primeiro código de arrendamento, em 1867, nunca mais ninguém se entendeu. Senhorios e inquilinos entram em guerra e a legislação é cada vez mais complexa

final



excepção das de montante elevado.

O despejo por conveniência do senhorio foi também torneado, já que o novo contrato deveria manter a renda anterior. Os proprietários eram obrigados a arrendar os prédios devolutos. O esquema em causa foi mantido, com modificações, pela lei nº 828 de Setembro de 1917, a qual veio declarar: «é expressamente proibido aos senhorios ou sublocadores (...) intentarem acções de despejo que se fundem em não convir-lhes a continuação do arrendamento, seja qual for o quantitativo das rendas».

Previa-se que tal lei se aplicasse apenas enquanto durasse o estado de guerra e até seis meses depois de assinado o tratado de paz.

Menos de um ano volvido, o Governo pôs cá fora um diploma que pretrendia acabar com a multiplicidade de decretos sobre esta matéria. Manteve-se o congelamento das rendas e a proibição dos despejos por conveniência do senhorio.

Em 1924, registou-se uma certa abertura no mercado habitacional com a liberalização do regime de rendas. Os contratos podem cessar por conveniência do senhorio.

O Código Civil de 1939 trouxe também algumas alterações, mas, pode dizer-se, que a grande reforma no domínio do arrendamento ficou a dever-se à lei nº 2030, de 22 de Junho de 1948. Este diploma teve como mérito a intenção de contemplar assuntos diversos, com algum relevo para os que diziam respeito à expropriação por utilidade pública, para o direito à superfície e à transmissão por divórcio ou morte do arrendatário. A actualização das rendas foi, apenas, admitida fora de Lisboa e do Porto.

O Código Civil de 1966 manteve as prescrições fiscais relativamente à actualização das rendas em Lisboa e Porto. Uma solução que muitos consideraram que veio agravar ainda mais o problema do arrendamento em Portugal.

Assim, antes da Revolução de Abril, as rendas nas duas principais cidades do País encontravam-se desactualizadas. A evolução do arrendamento, que acompanhou o período de 1974 e 1975, retomou muitos dos caminhos já trilhados durante a Guerra de 1914-1918.

Um decreto de Maio de 1974, congelou por 30 dias as rendas dos edifícios urbanos e, em Setembro, um novo decreto alarga a suspensão das avaliações fiscais para actualização das rendas, suspende o direito de demolição e estabelece o dever de arrendar. O não cumprimento de tais regras eram penalmente reprimidas.

Em 1975, dá-se a liberalização total de todo o esquema vigente sobre arrendamento ao legalizar-se a ocupação de fogos.

A Constituição de 1976 considera a habitação como um direito que assiste a todos os portugueses, cabendo ao Governo criar as condições necessárias para tornar que tais preceitos se tornem realidade.

No entanto, tudo aponta para que um quadro não muito favorável: de lei em lei até à ruína final. Disso se queixam proprietários e inquilinos.

A. M. I

COMENTÁRIO

Solução política

Por vezes os ministros confundem a realidade com o sonho e falam às massas com a convicção que só um político pode ter. «Vamos voltar a ver nas janelas das cidades portuguesas escritos», afirmam.

Como muitos já esqueceram o que são «escritos» e as novas gerações nem sequer imaginam o que isso seja, é bom explicar que eles não são mais do que uns rectângulos pequenos de papel branco que se colocavam nas janelas dos apartamentos que estavam disponíveis para aluguer.

Proliferavam por tudo o que era cidade, quando as rendas de casa eram acessíveis e as necessidades de habitação menores do que são presentemente. Poupavam o dinheiro de um anúncio nos jornais e cumpriam com eficácia o seu objectivo: o de promover o aluguer de casas.

Mudaram os tempos, mudaram-se as modas. Escritos são coisas que não se vêem há anos em Portugal. Quem tem disponibilidades para alugar um apartamento (e não quem quer ou necessita) levanta-se de manhã cedo, compra um jornal e agarra-se ao telefone na esperança de ser o primeiro.

Os que querem ou necessitam, mas não podem, continuam a viver em casa dos familiares, arrostando dramas pessoais e colectivos de que todos temos conhecimento mais ou menos próximo, quantas vezes vivido até ao desespero.

De quem é a culpa desta lamentável situação, cuja solução se arrasta e se agrava em cada ano que passa? De quem aluga as casas? Pensamos que não. O preço médio de um apartamento, pouco mais do que medíocre, fora das grandes cidades já vai nos 6000 contos. Isto significa que, se o proprietário não for um benfeitor da humanidade, nunca o poderá alugar por menos de 58 contos por mês, sob risco de estar a perder dinheiro, pois que uma aplicação de um capital idêntico num mero depósito a prazo dá um rendimento líquido, no mínimo, idêntico àquele valor.

Perante isto, fácil se torna verificar que é humanamente impossível alugar uma pequeno apartamento novo por menos do que 40 contos mensais. E esta verba está apenas ligeiramente abaixo do salário médio bruto nacional. Que fica, então, para o cidadão médio poder comer, vestir-se, pagar a água, luz e gás, os transportes e tudo o que representa despesas do dia a dia?

E não se venha falar nas sucessivas e «milagrosas» leis de arrendamento urbano, pois que não há (infelizmente) decreto-lei que dê mais disponibilidades financeiras aos cidadãos de menores recursos que são, ao fim e ao cabo, os que têm reais dificuldades, não em encontrar casa, mas em arranjar um rendimento que a ela lhes dê acesso.

Fácil se torna concluir que a resolução do problema habitacional português não pode passar pelo mercado de aluguer de casas, pelo menos enquanto se mantiver o terrível vício dos Governos alimentarem o erário público à custa das desgraças dos cidadãos, que até a pequena porta da compra de habitação própria vêem fechar-se ante seus pasmados olhos.

Na verdade, o recurso à compra de casa torna-se cada vez mais limitado, tanto pela falta de crédito como pelo preço que por ele é cobrado, que leva a que a prestação mensal se aproxime muito de uma renda que se tenha de pagar por um aluguer.

Perante este beco sem aparente saída, pergunta-se: mas então não é possível resolver o problema da habitação em Portugal? Claro que é. E não é necessário outro milagre que não seja o da vontade política. Basta, para tanto, que o Governo (o actual ou qualquer outro) decida dispensar das alcavalas fiscais e demais taxas a habitação que não seja de luxo. Logo aqui, mesmo sem tocar nas taxas de juro e admitindo uma certa especulação nos terrenos, o preço dos apartamentos passariam para quase metade do seu custo. Ou seja, passaria a haver casas para comprar e até para alugar a preços razoáveis. Por outras palavras, de forma rápida e eficiente, resolver-se-ía o problema da habitação em Portugal. De outra forma é adiar o inadiável, é prolongar o sofrimento dos portugueses, reforçando as suas já muitas angústias.

Victor Leitao

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

OS CRISÂNTEMOS DA ESCRITA

Por Branquinho Pequeno

Que nos dizem os epitáfios, de que nos fala essa literatura funerária, por conseguinte marginal, que algo do morto pretende conservar, através da escrita? A etimologia da palavra vem do grego, «epi» (sobre) e «taphos» (sepultura). Texto de adeus, memória gravada. Hoje, esta escrita obedece, em geral, às fórmulas standard. Sem esquecer que um texto original custa caro.

Os primeiros epitáfios nascem com a civilização da identidade individual, individualidade que se vai apagando a partir do séc. V da nossa era: desaparece em primeiro lugar a efígie do morto e, ao longo da Idade Média, as inscrições tornam-se cada vez mais raras. Nem para Carlos Magno houve escrita. Resistiram os epitáfios dos santos, dos Papas, de certas figuras carismáticas. As grafias tornam-se, por seu turno, cada vez mais descuidadas. A partir do séc. XI, o epitáfio reaparece, timidamente, tal como a efígie. E no entanto só a partir do séc. XIII, início da era moderna, que o anonimato perde efectivamente terreno e que o indivíduo aparece em seus contornos com maior nitidez, sobretudo nos epitáfios laicos das classes superiores. A sepultura individualiza-se, a arte funerária personaliza-se. O povo, esse manter-se-á no anonimato até bem mais tarde, pelo menos até o séc. XVIII. Hoje, se o anonimato perdeu terreno, a morte tornou-se tabu. Morre-se pianíssimo e sobriamente. O texto seguinte é uma excepção: Teodora porquê tão cedo talvez porque eras perfeita?/ por isso não tinhas lugar onde só há egoísmo e maldade/. Foi essa terrível doença foi a morte... viverás sempre nos nossos corações/ que te amaram/ e conheceram a tua convivência/ Teodora da Conceição Correia/ eterna saudade de seu marido, sogros cunhado, e sobrinhos 1924-1979 (cemitério de Cascais). Vejamos este outro epitáfio:/ à memória de Anne Elie Marie Aurelie de Montmorency marquesa de Biencourt nascida a 23 de Abril de 1803 e adormecida na paz do Senhor a 25 de Abril de 1883/ (Igreja de Azay-le-Rideau, França). O sono é parente da morte. Ontem como hoje. Aqui, o morto adormecido enviamos à aliança entre «Thanatos» e «Hypnos», os irmãos gémeos que, no mito grego, o transportavam, segurando-o um pela cabeça, o outro pelos pés. Sabemos também que o finado, não só está dormindo como o faz em paz, sem sobressaltos nem violências, que é o modelo da boa morte, consagrada pela fórmula do «requiescat in pace». Para que as almas penadas não regressem, que estas nunca vêm por bem e pedem contas aos vivos a toda a hora, culpabilizando-os...

A recusa da morte, a necessidade fantasmática de a iludir e de conservar o morto, a integridade de sua imagem, é uma constante nas actuais civilizações ocidentais. De notar, a este propósito, o emprego cada vez mais frequente do presente do indicativo na escrita dos epitáfios, paralelamente à perda de vitalidade do pretérito perfeito simples,

O imperialismo do presente nos textos funerários europeus favoriza a desdramatização da morte, «sacraliza» o morto, que passa assim a ausentar-se da história

tempo do passado irrevocável, «tempo morto». O presente, em contrapartida, é a-temporal, porquanto tanto pode exprimir o passado (presente histórico), como o presente e o futuro. O imperialismo do presente nos textos funerários europeus favoriza a desdramatização da morte, «sacraliza» o morto, que passa assim a ausentar-se da história. Desdramatização que leva a obnubilar o «acidente» da morte ou a inscrevê-lo num território fora das contingências. Fora do Tempo... e expressão dessa necessidade imperiosa de «conservar» o desaparecido (note-se o eufemismo).

O que vai de par com a extrema nominalização do discurso, nos epitáfios sem verbo, sem história:/ in lovely memory (cemitério inglês de Lisboa). A necessidade de conservar intacta a imagem do deaparecido compreende-se tanto melhor quanto a decomposição do cadáver é um insulto e uma ameaça, a que se opõe justamente a dureza e a nobreza dos granitos e dos mármores.

Quem fala a quem nos epitáfios? São geralmente os próximos parentes que se dirigem ao finado:/ anjinho reza por nós/ (cemitério de Tours, França). O destinatário pode também ser quem passa:/ pára caminhante aqui jazem os restos mortais de... filha obediente consorte amável mãe carinhosa na idade de 36 anos (seu marido inconsolável 1840). Pode ainda ser o desaparecido, mais concretamente, a dirigir-se a quem passa/ sofri demasiado nesta terra estou feliz por me encontrar por ela coberto/ (Cemitério de Saint-Lambert-des-Levées, França). Pode haver mesmo intimidação, evidente nos legendários textos bretões:/ rezai por nós, os finados, que um dia o sereis também/. Enfim, Deus tem a palavra:/ Deixai vir a mim as criancinhas o Céu pertence-lhes/ (cemitério de Tours, França). Interessante seria estabelecer uma tipologia dos epitáfios, de ricos e pobres, civis e militares, casados e solteiros, crentes e ateus, homens e mulheres, novos e velhos. Referirei somente aqui as mulheres e as crianças: a mulher tem nesta literatura uma identidade estrita, subalterna, como bem sublinhou Urbain Didier, boa esposa, boa mãe, esposa de senador, director:/ Estelle Naquart esposa em primeiras núpcias do capitão Apchie em segundas núpcias do tenente-coronel Renouard/ (cemitério de Nancy, França 1845-1928). Neste caso, a mulher é epifenómeno, só existe e ganha sentido apoiada em seus sucessivos maridos, continuando a ter na morte o estatuto marginal que já era o seu em vida. E as crianças? Essas, estão duplamente falecidas nos nossos cemitérios: em primeiro lugar, estão votadas ao ostracismo territorial, confinadas ao cantinho das crianças. Por outro lado, não raramente, nos seus epitáfios apenas figura o nome próprio, o apelido não é mencionado. Deste ponto de vista, elas existem ainda menos que as mulheres. Aliás as crianças são anjos, estão para além da humanidade ou, numa outra tradução, nunca a atingiram:/ ao voares anjo querido fugiu-nos a felicidade/ amor orgulho esperança tudo morreu contigo/ (cemitério dos Prazeres, Lisboa).A uma morte singular, escrita singular. E se a singularidade vai mais além, a morte fica sem escrita. E com outras supostas marginalidades, o preço é a vala comum ou a incineração. Todas as Inquisições o sabem.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 756 Processo 1/872

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 10 kV, 1246, 3003 metros, com origem no apoio n.º 8 da linha L 1066 para o PT A, n.º 433 Ota do Boição e término no PT n.º 848, sito no Casal dos Calhandros Grandes, freguesia e concelho de Loures, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 31/10/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 756 Processo 1/865

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 10 kV, n.º L 1002, 236 metros, com origem no apoio n.º 8 da linha n.º 1240 para o PTS n.º 62 Ponte de Lousa e término no PTS n.º 10 no Barro, freguesia e concelho de Loures, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 22 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 31/10/90

"não deite papeis no chão"

POLÍTICA

Severiano Falcão regressa de surpresa à presidência da Câmara de Loures

Severiano Falcão, presidente eleito do município de Loures, retomou hoje a efectividade de funções, recuperado do problema de saúde cuja natureza se desconhece, que o obrigou a submeter-se a uma intervenção cirúrgica.

O autarca, operado em finais de Junho, manteve-se em convalescença ao longo de três meses, o que não o impediu de participar no trabalho partidário. Não faltou às reuniões do Comité Central e ao congresso extraordinário de Maio, realizado precisamente em Loures. Severiano, que deu a conhecer a sua decisão de retomar o cargo em carta enviada ao vereadores, passou já o dia de ontem na Câmara e participa na reunião do executivo marcada para esta tarde.

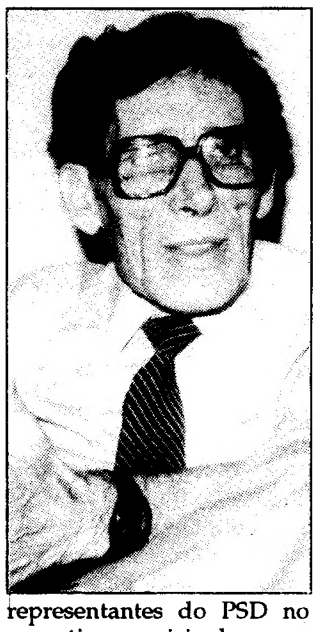
Quando suspendeu o cargo, a 6 de Março, alegando motivos de saúde, alguns órgãos de Comunicação Social admitiram que, substituido por Demétrio Alves, Falcão abria caminho a um «crítico» da direcção comunista. «A raposa», como é apelidado nos meios partidários, é considerado um dos «ortodoxos» do núcleo dirigente do PCP, enquanto ao jovem quadro são conhecidas ligações ao INES. Nesta perspectiva, preparava-se uma discreta retirada. O próprio Severiano desmentiu esta manhã tal versão, em declarações ao «DL», ao afirmar que «as razões foram as invocadas, de saúde, felizmente superadas».

Independentemente das causas de fundo da decisão, a verdade é que, segundo apurou o nosso jornal, a ascensão de Demétrio, estreante do trabalho autárquico, ao lugar de «número dois», consagrada já nas eleições de Dezembro do ano passado, não terá sido vista com bons olhos por outros vereadores comunistas, veteranos da gestão autárquica.

De surpresa

O regresso de Severiano surpreendeu não apenas os funcionários camarários como a maioria dos membros da bancada comunista na Assembleia da República. Foi, porém, saudado pelo social-democrata Pacheco Pereira. «É com muito gosto que vejo o seu regresso às funções de presidente, o que significa as melhoras da doença», afirmou. O deputado, também vereador da edilidade lourense, sublinhou, em nome do PSD, o facto de ter sido Falcão o vencedor das eleições. «Foi ele o nosso adversário. Qualquer solução artificial seria uma fraude aos resultados eleitorais».

Segundo apurou o «DL», recentes visitas do autarca à Câmara que lidera desde 1979 causavam manifestações de regozijo e uma certa perturbação no homem que tomou seu lugar. Aliás, para aumentar a tensão, Demétrio Alves era invariavelmente tratado por presidente substituto pelos



representantes do PSD no executivo municipal.

Durante o curto período durante o qual esteve à frente dos destinos do município, Demétrio deu sequência a um entendimento tácito com o PS na gestão camarária. Uma convergência, empreendida por Falcão, na linha da estratégia adoptada pelo PCP em diversas autarquias da cintura de Lisboa onde perdeu a maioria absoluta no último sufrágio, como Almada e Vila Franca de Xira.

Embora refutando a ideia de que a aproximação ao PS se destina a isolar o PSD - algo «difícil de conceber no poder local» - Severiano Falcão reconheceu que «tem funcionado em termos exemplares, mesmo na minha ausência». Fez questão, aliás, de salientar que não sentiu qualquer quebra no trabalho autárquico. «Pelo contrário: as coisas multiplicaram-se em esforços e capacidade».

Na vereação, o regresso de Severiano provoca apenas uma alteração, de acordo com comunicado emitido ao fim da tarde de ontem: a cessação de funções do vereador Herberto Goulart, que ocupava o sexto lugar na lista CDU e regressa agora ao seu cargo na Administração dos Serviços Municipalizados.

PM/MJR

Soares gravou batalha verbal

O auditório da TSF vai ter oportunidade de ouvir no próximo sábado, a partir das 10 horas, um dos mais vivos debates dos últimos anos. Trata-se do programa «Se eu mandasse», da responsabilidade de Vasco Pulido Valente, com a colaboração de Emídio Rangel, cuja primeira edição foi gravada ontem, no estúdio do Instituto Franco Portuguais.

O convidado era o candidato Mário Soares. Durante quase duas horas - muito mais que o tempo previsto - submeteu-se ao fogo cerrado de Francisco Louçã e Paulo Portas, no papel de arguentes, que foram muito para além do tema em discussão - «Republicano, laico e socialista».Paulo Portas chegou a irritar Mário Soares que, embora sem perder a serenidade, comentou a «brutalidade» com que lhe foram colocadas algumas perguntas.

Das questões teóricas e ideológicas à descolonização, passando pelo seu relacionamento com a hierarquia da Igreja Católica, a tudo Soares respondeu com surpreendente veemência, amortecendo a «brutalidade» de Paulo Portas, dando a volta à ironia e à subtileza de Francisco Louçã.. Paulo Portas perguntou-lhe se, tal como tinha afirmado estar convicto da inocência do eng. Carlos Melancia, também achava que Rui Mateus, Menano do Amaral e Tito de Morais eram inocentes. Soares respondeu-lhe não ser seu hábito «deixar cair os amigos» mas, disse, «também não sou nenhum chefe de *gang* como se quer para aí insinuar».

Entretanto, há surpresas para o Espaço-Tivoli: Maria Elisa, Maria Antónia Palla e Margarida Marante, as três jornalistas despedidas da RTP, serão as entrevistadoras de Mário Soares, dia 7, no Espaço-Tivoli.

A.V.

Basílio quer reviver o projecto da AD

O candidato à Presidência da República Basílio Horta fez esta manhã num hotel de Lisboa o balanço de duas semanas de actividade.

«Anunciei a minha candidatura com alguns amigos, mas praticamente sozinho. Hoje tenho o apoio do CDS, do PPM e de milhares de sociais-democratas que se identificam com os nossos valores», disse Basílio Horta no final da sua intervenção, e para fechar o círculo da AD transposto para a sala através do discurso e da presença de homens como Carlos Macedo, Basílio terminou citando Sá Carneiro em 1979: «Se fôr necessário governamos sem o PS e contra o PS», e acrescentou - « é preciso ter também a coragem de dizer hoje que é útil para Portugal ter outro Presidente da República».

O candidato apresentou os três objectivos da sua candidatura que, apenas em duas semanas, já foram atingidos: marcar a diferença; defender uma nova posição de Portugal na Europa e a moralização da sociedade.

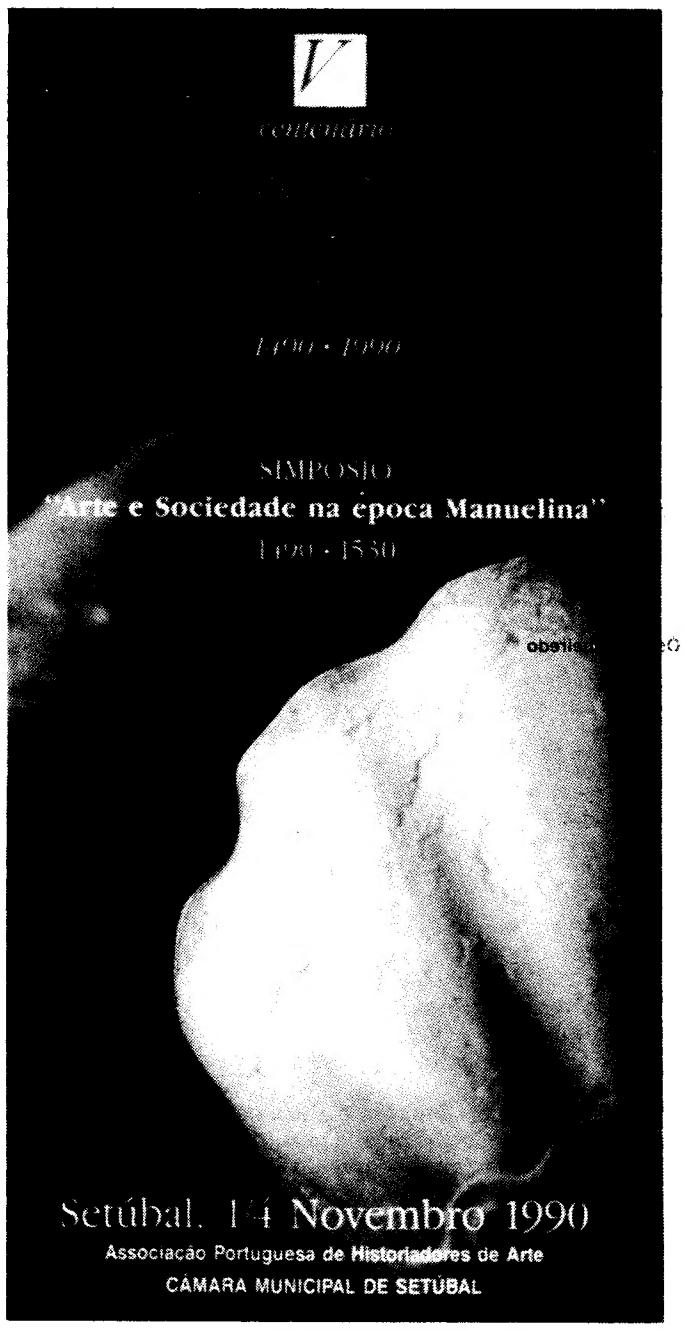
«Assumi a responsabilidade de perante um candidato que se diz de esquerda, socialista e laico, representar a maioria do povo português que não é de esquerda, nem socialista e defende os princípios cristãos». Desta forma, Basílio Horta estabelecia a diferença entre «os do lado de cá e os do lado de lá».

O candidato não perdeu todas as oportunidades para fazer ataques directos ao PSD, quando sublinha que «não se ganham combates por falta de comparência», ou a estabilidade «é um valor respeitável , mas é também um conceito dinâmico. Não queremos a estabilidade dos cemitérios, dos desertores e da renúncia».

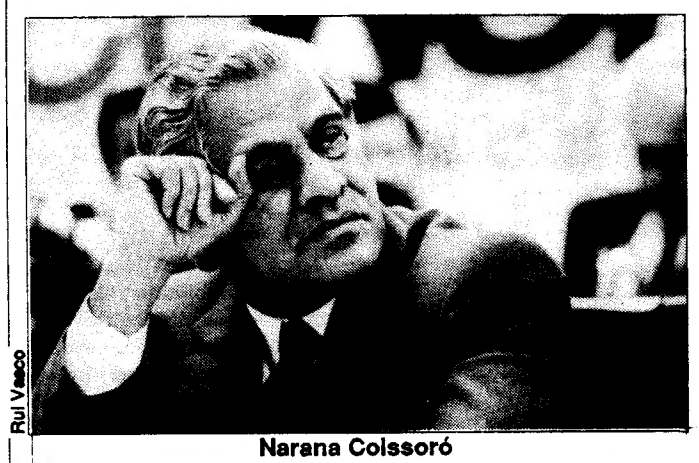
Acusações implicitas ao próprio mandato de Mário Soares, quando Basílio Horta refere que a sua candidatura «é uma pedrada no charco de águas paradas, de vida pantanosa e conformista».

As acusações a Soares ficaram explícitas quando Basílio Horta fala nos erros do passado no processo de descolonização «que fizeram sofrer muitos portugueses e ainda hoje fazem sofrer muitos africanos».

Finalmente, em relação ao terceiro objectivo da sua campanha, a moralização, Basílio Horta contestou as tentativas de «subordinação do Procurador Geral da República ao Ministério Público, quando se sabe que a Procuradoria tem garantido a moral e transparência» e considerou «espantosas as dificuldades que se colocam ao Procurador de Justiça e ao Tribunal de Contas no exercício das suas funções». Basílio Horta fez questão de referir que «não há qualquer ligação entre o MASP e a minha candidatura e qualquer insinuação é caluniosa e injuriosa».



BOCA DE CENA



Rui Vasco

Narana Coissoró

«Acrobacias coqueirais na Ilha do Príncipe»

Para Narana Coissoró, a iniciativa de Cavaco Silva, anunciada no Verão passado em Faro e ontem traduzida em proposta de lei à Assembleia da República, mais não pretendia do que «embaraçar as oposições no início do novo ano político». Simplesmente, essas intenções teriam sido frustradas pela crise do Golfo que, segundo Narana Coissoró, «encontrou o primeiro-ministro nas suas acrobacias coqueirais na Ilha do Principe e os ministros estendidos nas praias». Por isso, «a arma de arremesso perdeu a força e o impacto e não criou qualquer surpresa nem incómodo aos restantes partidos», comentou o deputado do CDS.

As trinta luas de Herculano

Herculano Pombo manifestou-se extremamente surpreendido pelo facto de o Governo pretender agora alterar a lei eleitoral e as competências das autarquias, quando falta pouco tempo para as correspondentes eleições. E para não deixar ninguém em dúvida quantificou esse «pouco tempo» e perspectivou o que vem aí: «Faltam apenas trinta luas, ou mil dias, para que o povo português seja de novo chamado a eleger os seus autarcas: e desde já saudamos os candidatos individuais que nessas eleições não deixarão de aparecer por todo o País».

Canotilho e Vital invocados em vão?

O relator da Comissão que apreciou as alterações «sub judice» foi o jovem deputado social-democrata José Puig. Para emitir o parecer da praxe, Puig socorreu-se de dois constitucionalistas de Coimbra -Vital Moreira e Gomes Canotilho, ambos ligados ao Partido Comunista, no passado ou no presente. E concluiu pela inexistência de perigo de contaminação inconstitucional na proposta do Governo, tanto nas candidaturas de independentes, como na limitação do número de mandatos. Mas a avaliar pelas reservas do deputado comunista João Amaral («Duvidosa constitucionalidade», disse ele sobre a primeira questão, «claramente inconstitucional», qualificou a segunda»), não nos surpreenderia nada se José Puig, lá mais para diante, não será obrigado a interrogar-se se invocou os seus mes[illegible] que João Amaral deixou a pairar a ameaça de posterior recurso ao Tribunal Constitucional.

O pacote autárquico do Governo, ontem discutido no Parlamento, tira como uma mão o que deu com a outra: a lei passa a admitir listas independentes mas vai ser mais difícil concorrer às câmaras de Lisboa e Porto do que formar um partido político ou entrar na corrida ao cadeirão de Belém

Independentes à cata de dez mil assinaturas

Se o leitor pensava candidatar-se às próximas eleições autárquicas, em lista autónoma e apoiado por simples grupos de cidadãos, damos-lhe um conselho, resultante do que se passou ontem na Assembleia da República: pense duas vezes, ou mais, porque vai ter de percorrer muita calçada, à cata de assinaturas, sobretudo se no seu horizonte está uma Câmara de média dimensão. Isto para não falar das de Lisboa e Porto que exigem dez mil subscritores...

O Governo acabou por concretizar as ideias avançadas por Cavaco Silva, no seu comício anual de Verão, em Faro, e o Parlamento discutiu-as na sua tradução legal, que admite listas autónomas das dos partidos, limita a quatro os mandatos sucessivos dos presidentes das câmaras e, ao mesmo tempo, lhes reforça os poderes.

Estas candidaturas independentes são também uma velha batalha do PRD que já as tentara fazer passar em sede de revisão constitucional e anda há quatro anos a divulgá-las. Os renovadores apoiaram, por isso, via Carlos Lilaia, as pretensões do Governo no que toca a tais candidaturas, tal como o seu projecto contempla igualmente a limitação a quatro do número de mandatos o que corresponde ao máximo de doze anos consecutivos de exercício do cargo.

Mais renitente, por tradição, a aceitar a perda de influência partidária na vida política, o PS deixou de remar contra a corrente e também apresentou uma proposta consagradora das candidaturas autárquicas independentes. Mas continua a opor-se à limitação do número de mandato por considerar tratar-se (Jorge Lacão dixit) de «uma restrição inaceitável, desproporcionada e sem justificação plausível de um direito fundamental de participação política». E, obviamente, não aceita o reforço do presidente com a correspondente perda do conjunto da vereação.

Presidentes reforçam competências

Esse reforço passa, na proposta do Governo, pela expressa atribuição de competências antes só tacitamente delegadas. São elas, resumidas pelo ministro Valente de Oliveira, «a superintendência na gestão e direcção do pessoal, a outorga nos contratos, as acções necessárias à administração corrente do património, a promoção da execução das obras constantes de planos aprovados e a concessão de licenças».

Todos os partidos da oposição disseram discordar desta específica e importante alteração à legislação autárquica.

Já o Partido Comunista, expresso opositor do conjunto de disposições do pacote ontem discutido, confessou aceitar, em teoria, as candidaturas independentes. Apoiou-as, inclusive, quando da última revisão constitucional mas foi derrotado em tal pretensão e hoje continua a considerá-la deslocada em lei avulsa.

João Amaral, aliás, duvidou da constitucionalidade desta proposta do Governo. «As outras são claramente inconstitucionais», garantiu o deputado comunista e presidente da Assembleia Municipal de Lisboa.

Jorge Lacão, em nome do PS: a pressa do Governo nesta legislação avulsa, pretende disfarçar os atrasos da Regionalização

Daniel Reis

O Governo abriu mão das maiorias artificiais

Pacheco Pereira, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD, funcionou como porta-voz da sua bancada na defesa destas propostas governamentais. E coube-lhe, nomeadamente, explicar uma mudança significativa da estratégia do Governo neste terreno: a constituição de «executivos maioritários sólidos e operacionais» -que a oposição crisma de «maiorias artificiais»- não foi englobada no pacote em discussão na Assembleia da República, sendo remetida para a revisão constitucional seguinte.

O motivo invocado por Pacheco Pereira foi o de «não se pretender abrir uma discussão jurídico-constitucional no quadro actualmente em vigor» o que, politicamente traduzido, significa o receio de o pacote autárquico, por este preciso motivo, poder vir a ser devolvido pelo Tribunal Constitucional.

Tratava-se de impor governos municipais formados pelo cabeça da lista mais votada para a Câmara, mesmo que reunindo só a maioria relativa dos votos. Na lógica do sistema, os nomes e o programa desses executivos deveriam ser submetidos à Assembleia Municipal, começando a governar se não fossem rejeitados pela maioria absoluta dos deputados municipais.

Por outro lado e por se desconhecerem os efeitos práticos das alterações legislativas em curso em S. Bento, o PSD pediu ao presidente da Assembleia da República para as colocar à discussão pública, até às próximas eleições autárquicas, num debate parlamentar para o qual sejam convidados homens de cultura, do poder local, universitários e «todos aqueles que podem contribuir para erguer o edifício da democracia local», segun-do a expressão do deputado Pacheco Pereira.

Cinco minutos: o tempo da independência

Ao mesmo tempo que o Parlamento diligenciava consagrar direitos acrescidos de participação dos cidadãos independentes nas eleições autárquicas, um deputado independente era seriamente coarctado na possibilidade de defender o seu próprio projecto sobre esta matéria.

A vítima da «ditadura parlamentar» dos partidos foi Coelho dos Santos, deputado independente eleito nas listas do PSD e que se recusou a justificar, de afogadilho, o projecto que apresentara ao plenário e é totalmente autónomo das posições colectivas da sua bancada e do Governo.

O deputado conseguira reunir 20 minutos para uma intervenção -tempo cedido pelo PRD e pela própria bancada em que se integra- mas o presidente da Assembleia entendeu que ele só teria di-reito a cinco, tempo limite de que dispõem, regimentalmente, os deputados independentes para semelhantes iniciativas.

Perante tal avareza na gestão dos tempos de intervenção, Coelho dos Santos recusou-se a entrar na discussão dos projectos e terá admitido, mesmo, a hipótese de assumir formalmente a sua independência como deputado, desligando-se da bancada do PSD.

Mais difícil que concorrer à Presidência da República

Aprovando, embora, a participação de grupos de cidadãos independentes nas eleições autárquicas, a Assembleia corre o risco de inviabilizar, na prática, esta inovação legislativa, tantas são as assinaturas exigidas.

A proposta do Governo, que reúne todas as condições para vir a ser consagrada, vai ao extremo de prever o dobro das necessárias para a constituição dos partidos políticos.

O número de assinaturas de que falam os projectos em discussão -incluindo o apresentado pelo deputado independente Coelho dos Santos, da bancada do PSD- situa-se entre os seguintes limites, mínimo e máximo, consoante se trate de pequenos municípios rurais ou das grandes concentrações urbanas:

CÂMARAS MUNICIPAIS

Proponente	Mínimo	Máximo
PRD	150	1.500
PS	250	5.000
Coelho dos Santos	200	2.500
Governo		10.000

Na proposta de lei do Governo, o número de subscritores de listas independentes corresponde «ao quociente do número de eleitores pelo dobro do número de mandatos da respectiva Câmara Municipal».

O máximo, é de dez mil assinaturas em Lisboa e Porto, ou seja, bastante mais que o exigido aos candidatos à Presidência da República (7.500) e o dobro do necessário para se constituir qualquer partido político.

Rui Pacheco

A Pacheco Pereira coube defender a estratégia do pacote autárquico: a questão dos executivos maioritários fica para a próxima revisão da Constituição, porque ao Governo não interessam, de momento, quaisquer conflitos constitucionais

A bancada do PSD não cessa de o atacar em S. Bento

Jorge Sampaio na ordem do dia

Jorge Sampaio tem uma tripla função na sociedade portuguesa. É presidente da Câmara Municipal de Lisboa, é secretário-geral do PS e, como não lhe bastasse, o PSD resolve invocar o seu nome em todas as sessões da Assembleia da República. Não admira, por isso, que no período antes da Ordem do Dia, destinado a declarações políticas, o social-democrata João Matos, tenha dedicado uma intervenção ao que, na opinião da sua bancada, ainda não foi feito na CML.

Segundo o parlamentar do PSD, «para o PS, governar é um exercício de estilo, é um mero discurso sobre ideias», enquanto que «para o PSD, governar é decidir, resolver os problemas». Em relação à dívida reclamada pela CML ao Governo, no valor de 40 milhões de contos, o deputado João Matos afirma que o Executivo de Cavaco Silva vai investir no metropolitano cerca de 88 milhões de contos. E interroga-se: «Quer a Câmara de Lisboa receber os 40 milhões mais os 88 da expansão do metropolitano?»

O acordo ortográfico também foi abordado no plenário por Edite Estrela. A deputada socialista saudou o novo acordo, conseguido este ano, defendendo também a necessidade de o Governo «promover uma política do idioma, coerente e digna, através do diálogo com os outros países que adoptaram o português como língua materna ou oficial».

A crise no Golfo foi o pretexto para uma inteligente troca de palavras entre Miguel Urbano Rodrigues do PCP e Adriano Moreira do CDS: distanciados politicamente, em 180 graus, isso não os impediu de trocarem mútuos elogios.

O parlamentar comunista classificou «a invasão do Koweit como um acto de brutalidade, violador dos princípios básicos do Direito Internacional» e elogiou a atitude do Conselho de Segurança das Nações Unidas, orgão que , segundo o PCP, deve coordenar as acções na crise do Golfo Pérsico.

Miguel Urbano Rodrigues citou, sempre, trabalhos publicados na imprensa norte americana para lançar um alerta contra as intenções pouco humanitárias dos Estados Unidos nesta crise, e a possibilidade de virem a desencadear um conflito à revelia das decisões da ONU. «Nesta época de pós-guerra fria, a Terra, vista como aldeia planetária, não precisa de um gendarme internacional. A humanidade não pediu nem quer um gendarme que a reduzam a um estatuto de menoridade», disse o deputado comunista.

Ao interpelá-lo, Adriano Moreira elogiou «os cuidados de investigação» de Miguel Urbano Rodrigues, mas sublinhou ser «menos indicado olhar para esta questão como se se tratasse de um conflito dos Estados Unidos na região do Golfo. «Se é verdade que o mundo não precisa de um gendarme, também é necessário um Conselho de Segurança da ONU que faça respeitar as suas decisões», comentou Adriano Moreira.

Maria João Rocha

Regionalização: a próxima batalha

Objecto, já ontem, de referências sistemáticas no Parlamento, a propósito das alterações à legislação autárquica, a regionalização tem aprazada a próxima batalha: será no dia 9 de Novembro, uma sexta-feira, e o pretexto para a desencadear é uma iniciativa do Partido Comunista.

A bancada da maioria, relapsa a aceitar acelerações do processo, vai ser nesse dia obrigada a discutir e votar um projecto de deliberação do PCP que pretende estabelecer o calendário preciso dos trabalhos parlamentares, com vista à instituição concreta das Regiões Administrativas do Continente.

Esta é uma questão que unifica toda a oposição, a ponto de também nas recentes jornadas parlamentares do Partido Socialista ter sido lançado o repto ao PSD para se vincular à criação das Regiões até ao fim do ano. A regionalização já foi aprovada na generalidade e está a ser debatida, há mais de um ano, na Comissão Parlamentar especializada. Só ainda não avançou porque a Assembleia continua a aguardar a proposta governamental, entretanto anunciada mas não concretizada.

Orçamento avança a 20 de Novembro

Também as Grandes Opções do Plano e o Orçamento do Estado para 1991 já têm datas marcadas de discussão: as GOP's sobem a plenário nos dias 20, 21 e 22 de Novembro e o debate na generalidade sobre o OE/91 vai decorrer nos dias 10 e 11 de Dezembro. Até lá, incumbe à Comissão Parlamentar de Economia e Finanças desbastar as propostas do Governo.

Agendados foram, entretanto, os debates sobre as alterações à lei do Serviço Militar (para 8 de Novembro, por iniciativa do PS) e sobre a lei dos baldios (no dia 15, sob projecto do PSD.

Acompanhada pelo deputado Nuno Delerue

Leonor vai hoje a Caxias visitar Costa Freire

Leonor Beleza conta visitar, ainda hoje, o ex-secretário de Estado da Saúde, Costa Freire, que se encontra detido em Caxias, soube o «DL». A ex-ministra e deputada do PSD será acompanhada por Nuno Delarue, seu colega de bancada e que sempre se manifestou solidário com Leonor, mesmo nos momentos mais críticos da polémica que envolve o Ministério da Saúde.

Segundo comentário da nossa fonte, a visita a Costa Freire é uma demonstração de solidariedade com o seu ex-secretário de Estado e, ao mesmo tempo, uma «bofetada» de luva branca à direcção do PSD por não ter tido «uma atitude idêntica em relação à própria Leonor Beleza».

O «deixar cair» o caso e, por vezes, a ausência de empenhamento na defesa da que foi um dos braços fortes do primeiro governo de Cavaco Silva, terão desgostado a ex-ministra que, no entanto, tem mantido o silêncio em relação aos orgãos de Comunicação Social. Recorde-se que o «DL» já noticiou ter Leonor Beleza manifestado o desejo de pedir a suspensão da sua imunidade parlamentar para se poder defender melhor; mas a «task-force» do partido aconselhou-a a manter as suas prerrogativas e defesas parlamentares, receando que o processo se arraste até às eleições legislativas, o que poderia causar graves prejuízos políticos ao PSD.

Nos corredores da Assembleia da República os casos «Melancia» e »Ministério da Saúde» são comentados em paralelo para justificar as vantagens politicas de o Presidente da República e o primeiro-ministro manterem um certo equilíbrio no desenvolvimento destes dois casos, considerados como o «calcanhar de Aquiles» de um e outro.

Fontes sociais-democratas contactadas ontem pelo «DL» consideram que a decisão de Lenor Beleza em visitar Costa Freire «é um pleno, com riscos políticos se ficar provada a existência de corrupção ou vantagens políticas».

PS insiste na ida de Cavaco à Comissão

O complicado caso do Ministério da Saúde, quando foi sua titular Leonor Beleza, conheceu ontem um novo desenvolvimento em S. Bento, perante a insistência do Partido Socialista em chamar o primeiro-ministro à Comissão de Inquérito que está a apurar as eventuais irregularidades na instalação do hospital S. Framncisco Xavier, em Lisboa.

O PS insistiu neste assunto no seio da Comissão e entrega hoje o competente requerimento na Mesa da Assembleia da República. O que o PS pretende ouvir de Cavaco Silva é a sua confirmação da ordem que se presume terá sido dada ao Ministério da Saúde para abrir o hospital, custasse o que custasse, antes das últimas eleições legislativas.

Dados recolhidos ao longo das sessões da Comissão Parlamentar de Inquérito indiciam a pressa em inaugurar o hospital como explicação mais lógica da ligeireza, pelo menos, de alguns comportamentos administrativos de responsáveis do Ministério e da Secretaria de Estado.

M.J.R.

ECONOMIA

Agricultura em família com personalidade

A partir de ontem existe uma nova entidade jurídica. Trata-se da Empresa Familiar Agrícola Reconhecida (EFAR), criada pelo Governo, com o objectivo de estimular o aumenta da exploração no sector. De acordo com o decreto-lei agora publicado, a medida visa evitar o fraccionamento da propriedade por via de partilhas e proporcionar um maior equilíbrio social, sectorial e regional.

Lar/Transregional aumenta capital

Ao mesmo tempo que decide reduzir os custos das passagens entre Lisboa e Portimão, a Lar/Tranregional anuncia que vai aumentar o capital social de 300 mil para 600 mil contos, para o que contribui a participação da TAP, que sobe de 15 para 30 por cento, assumindo um papel mais interventor na empresa transportadora, que passará a operar tendo em vista o desenvolvimento da vertente de alimentador de tráfego de passageiros para a TAP.

Presidente da Renault é «manager do ano»

O director-geral da Renault, Raymond-H. Levy, foi eleito «manager do ano», pelos leitores da revista «Nouvel Economiste», galardão atribuido pela segunda vez a um presidente desta empresa, que já em 1980 viu assim homenageado o seu presidente de então, Bernard Vernier-Palliez. A distinção foi entregue, no passado dia 25 de Outubro, por Michel Tardieu, director da publicação, numa cerimónia a que assistiu Michel Rocard, primeiro-ministro francês.

Preço da gasolina baixa em Espanha

O preço da gasolina super em Espanha baixou três pesatas (4,5 escudos) a partir da meia-noite de ontem, passando a custar 91 pesetas (136,5 escudos). Os restantes combustíveis beneficiaram de reduções e os preços agora estabelecidos são ligeiramente inferiores aos máximos autorizados na semana passada pelo Governo, que o faz com base nos custos do petróleo, durante um período de referência prévio.

Crise do Golfo surge como causa principal na recessão das vendas

Portugal compra menos automóveis ligeiros

O sector automóvel acusa uma quebra de vendas desde o mês de Agosto passado, data em que teve início a guerra no Golfo. Portugal acompanha assim a crise generalizada a nível internacional visto que o mercado automóvel português depende essencialmente do exterior.

No ano corrente, porém, as vendas mantêm-se superiores ao ano de 1989 visto que aquele ano foi marcado pela introdução de medidas de contenção ao consumo que alteraram nomeadamente o crédito à compra de automóveis.

Segundo os últimos dados estatísticos, no passado mês de Setembro venderam-se 14.024 automóveis contra 12.191 unidades vendidas no ano anterior, com os veículos da Renault a registar uma diminuição nas vendas de 5 por cento e os da Fiat com uma subida de 7 por cento.

Portugal detem um dos menores e mais envelhecidos parques automóveis da Europa, com 7,2 habitantes por automóvel. A média da CEE é de 2,7 habitantes por veículo. Em Espanha é de 3,7 habitantes por unidade, enquanto nos EUA é de 1,7 habitantes por automóvel.

O automóvel «afasta-se» dos portugueses

Em Portugal, um veículo tem uma idade média de sete anos. Em 1989, o parque automóvel português possuia 51 por cento de viaturas com cinco anos de idade e 28,3 por cento com mais de 10 anos.

Edgar Piló, da ACAP, Associação do Comércio Automóvel de Portugal, justifica a situação do mercado automóvel no país, com a quebra verificada na sequência das medidas do Governo em Abril do ano passado, considerando, no entanto, que no início de 1990 a procura aumentou.

Segundo aquele responsável, este aumento foi motivado por três necessidades básicas: a fraca motorização existente no país, o envelhecimento do parque automóvel e a dimensão normal do parque de um país que pertence à CEE.

Esta dimensão normal poderá rondar 220 mil a 240 mil viaturas vendidas por ano, embora este valor esteja sujeito a correcções devido ao facto de em Portugal não haver estatísticas neste domínio já que, até 1988, o mercado estava contingentado.

O ano de 1988 foi o ano do grande «boom» a nível das vendas automóveis de passageiros, devido à liberalização da importação de veículos, 213 mil unidades vendidas contra 124 mil em 1987.

Segundo Edgar Piló, no final de 1989 as vendas voltaram a subir na sequência de rumores que indicavam que o imposto automóvel iria subir no início de 1990. No corrente ano, prevê-se que as vendas subam aos 200 mil veículos contra os 192 mil do ano anterior.

Procura supera oferta na OPV da Centralcer

Chase Manhantan interessado na privatização

A privatização da Central de Cervejas é já um sucesso, antes mesmo de acontecer, já que a procura excedeu em 25 por cento a oferta, logo no primeiro dia de subscrição, cujo prazo termina hoje. O interesse vem de muitos pontos, tendo o presidente da empresa que numerosos clientes do Chase Manhantan Bank demonstraram vontade de participar na operação.

O presidente da Centralcer, Morais Beiroco, acrescentou que o banco norte-americano pretendeu saber, junto da administração da empresa, qual a possibilidade de concorrer à compra de 48 por cento da cervejeira, o que é impossível, dado haver o limite máximo de 30 por cento para a participação estrangeira.

Contudo Morais Beiroco congratulou-se com essa intenção, tendo afirmado que ela «demonstra a grande receptividade que a privatização a 100 por cento da empresa tem tido nos mais variados investidores».

Tal como já noticiado, a Carlsberg continua grandemente interessada na operação e deverá tentar obter a maior participação possível. Presentemente encontram-se dois técnicos em Lisboa, a fim de terminar o processo para compra.

Morais Beiroco afirmou ser «completamente falso que os grandes investidores tenham decidido não concorrer à privatização da sociedade» e acrescentou que, «na sua maioria, estão todos na corrida», considerando «manobra de contra-informação» notícias divulgadas em contrário.

Uma questão quente que se mantém surgiu com a decisão dos antigos accionistas agrupados na Parfil de não concorrerem à OPV da Centralcer, facto que Morais Beiroco disse ser uma hipótese de «bluff».

O único grupo que abandonou a corrida para a Centralcer foi o australiano Foster, que na Inglaterra controla a Elders/Courage. Esta decisão, anunciada a poucos dias do final do período de subscrição, foi considerada como estranha, sendo dados como justificação os problemas que têm surgido na Austrália e no Reino Unido.

Para já, a Centralcer revela números: entre Janeiro e Agosto obteve quase 1,7 milhões de contos de resultados líquidos, pelo que se mantêm as últimas previsões quanto a valores para o exercício deste ano, que apontam para cerca de dois milhões de contos.

Empresas transportadoras podem ir à falência

O Mercado Comum de 1993 pode significar «a falência ou a subordinação comercial» de muitas empresas transportadoras portuguesas se o Governo não assumir «sem equívocos» um papel de definição e dinamização de um conjunto de medidas urgentes, com vista a reestruturar as empresas, nomeadamente no que se refere à necessidade de renovação das suas frotas.

A Antram, Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias, no encerramento das suas III Jornadas de Transportes, no passado domingo, no Estoril, sublinhou que não vai deixar de exigir que o Governo «cumpra as promessas de apoio e incentivos que nos têm sido feitas e que ainda estão por cumprir».

Segundo aquela associação, as empresas de transportes rodoviárias de mercadorias estão condenadas a utilizar veículos em segunda mão importados da Europa, nomeadamente o sector TIR que vive uma situação de crise muito grave. O presidente da Antram, Osvaldo Costa, chegou mesmo a dizer que as soluções aceites pelo Governo são «típicas do Terceiro Mundo».

Apesar de não estar ainda marcada a data de publicação do novo quadro regulador dos transportes, prometido desde Março passado, o secretário de Estado dos Transportes, Jorge Antas, considerou que a «excessiva preocupação da Antram não é justificável, pois se assiste a um aumento da circulação de mercadorias, fruto do significativo crescimento económico do país».

Dedução do IVA

Jorge Antas aproveitou para anunciar que o executivo a que pertence incluiu na proposta de lei do Orçamento de Estado a dedução integral do IVA relativo ao gasóleo consumido para o transporte público de mercadorias.

Aquele responsável governamental prometeu analisar com o sector a melhor forma de o apoiar, «de acordo com as regras da concorrência, de modo a potenciar a abertura parcial do mercado previsto pela legislação recentemente aprovada e em vias de publicação»

O sub-director geral da Energia, Jorge Borrego, por sua vez, anunciou a intenção de aquela entidade promover com a Antram «um projecto de racionalização de consumos de energia para o sector».

Ainda no âmbito da Jornadas, a direcção regional de Lisboa da Antram assinou com a Câmara Municipal de Lisboa, na presença de Jorge Sampaio, um protocolo de cooperação tendo em vista minorar os impactos negativos das operações de carga e descarga de mercadorias nas zonas urbanas de maior congestionamento de tráfego.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$90	50$90
ALEMANHA (marco)	87$65	88$85
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$067	4$317
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	113$10	115$60
(notas de 5 a 1000)	113$60	116$10
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA	1$363	1$483
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	131$85	135$35
(notas de 5 a 1000)	132$35	135$85
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	26$15	26$85
HOLANDA (florim)	77$70	78$80
IRLANDA (libra)	234$85	238$85
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$969	1$044
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	259$00	263$50
SUÉCIA (coroa)	23$65	24$15
SUÍÇA (franco)	103$15	104$65
VENEZUELA (bolívar)	2$389	3$189

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

INTERNACIONAL

Já cheira a guerra no Golfo

A tensão cresce e a expectativa subsiste. As forças militares estão em alerta máximo. Resta saber se avançam para o conflito iminente

As tropas iraquianas começaram hoje a prepararem-se para entrar em combate no Kuwait, depois de o Presidente Saddam Hussein ter alertado para um eventual ataque das forças norte-americanas e aliadas.

Na cidade do Kuwait, veteranos da guerra Irão-Iraque receberam instruções para se prepararem para combates, para repelir qualquer ataque dos 310 mil soldados norte-americanos na Arábia Saudita e no Golfo.

Saddam Hussein sugeriu que a guerra poderá rebentar dentro de dias, enquanto os Estados Unidos negaram ter um calendário para desencadear as hostilidades.

Não obstante, num sinal claro de preocupação sobre o agravamento do conflito, quase a entrar no terceiro mês, Washington anunciou que o secretário de Estado James Baker se vai encontrar com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, na próxima semana.

Em Washington, líderes do congresso norte-americano disseram que o presidente George Bush estava a perder a paciência perante a recusa do Iraque de retirar as suas tropas do Kuwait.

O principal aliado de Bush na crise, a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, disse que a força multinacional no Golfo tem a autoridade necessária para desencadear um ataque contra o Iraque.

«As Nações Unidas disseram claramente ao Iraque que tem de sair do Kuwait. Saddam Hussein começou uma guerra. Guerra que continua, dia a dia, com a morte e maus tratos de pessoas», disse Thatcher numa sessão do parlamento.

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Douglas Hurd, voltou a afirmar que a opção militar existe.

«Espero que a ameaça seja suficiente. Mas sei, tal como Hussein, que não podemos esperar indefinidamente». Hurd e Thatcher reafirmaram que não haverá negociações.

Saddam Hussein convocou o Conselho de Guerra para uma reunião na capital iraquiana, na próxima terça-feira, e ordenou aos seus comandantes que estejam prontos para entrar em combate nos próximos dias.

Depois da reunião de 450 mil tropas iraquianas estacionadas no Kuwait foram colocadas em estado de alerta máximo.

Entretanto, o secretário norte-americano da Defesa, Dick Cheney, reafirmou que os EUA admitem o uso de força militar contra o Iraque e que não há um limite de tropas norte-americanas a enviar para o Golfo.

«Não excluimos a opção militar. Pensamos que é importante que essa possibilidade não seja eliminada», afirmou Cheney aos jornalistas antes de se dirigir aos participantes do Conselho de Assuntos Mundiais, reunido em Pittsburgh.

Disposto, também, a desencadear uma acção militar contra o Golfo está o Reino Unido, por considerar que não é possível esperar eternamente que o Iraque decida retirar do Kuwait, disse o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros.

«Queremos deixar bem claro para o líder iraquiano, que a opção militar existe e que não temos medo dela», salientou o ministro britâncio.

Hurd disse que as consequências de uma acção militar serão muito graves, «mas sabiamos disso quando enviámos tropas para a região do Golfo».

As declarações de Hurd conincidiram com a advertência feita por Hussein aos seus comandantes, a quem alertou para o facto de terem de estar preparados para um possível ataque nos próximos dias.

Golfo e armas na agenda

Baker e Shevardnadze reunem-se na Europa

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, reune-se no dia 9 de Novembro numa cidade europeia com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, com quem discutirá a situação no Golfo e o controlo de armamentos, informou o Departamento de Estado.

A cidade onde os dois chefes de diplomacia se reunirão não foi identificada pela porta-voz do Departamento, Margaret Tutwiler, que se limitou a dizer que o encontro não se realizará na União Soviética.

Antes, a 4 de Novembro, Baker efectuará uma visita oficial de 24 horas à Arábia Saudita, durante a qual se avistará em Taif com o emir kuwaitiano no exílio, Jaber As-Sabah Al-Sabah, e em Riade com o rei Fahd e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Saud Al-Faisal.

Baker dará conta a Fahd e Faisal dos resultados dos contactos entre Washington e a comunidade internacional, visando a resolução da crise do Golfo.

As etapas seguintes são o Egipto, Turquia, França e Grã-Bretanha.

A porta-voz do Departamento de Estado, Margaret Tutwiler, que anunciou a viagem, garantiu que os EUA não fixaram qualquer data para o desencadeamento de uma acção militar contra o Iraque.

Não pôs em causa, todavia, notícias segundo as quais Baker discutirá com os aliados dos Estados Unidos o possível uso da força contra Bagdad.

O jornal «The Los Angeles Times» noticiou que Baker discutiria com os aliados um prazo para o possível uso da força militar contra as tropas iraquianas no Kuwait.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

No dia 6 em Lisboa

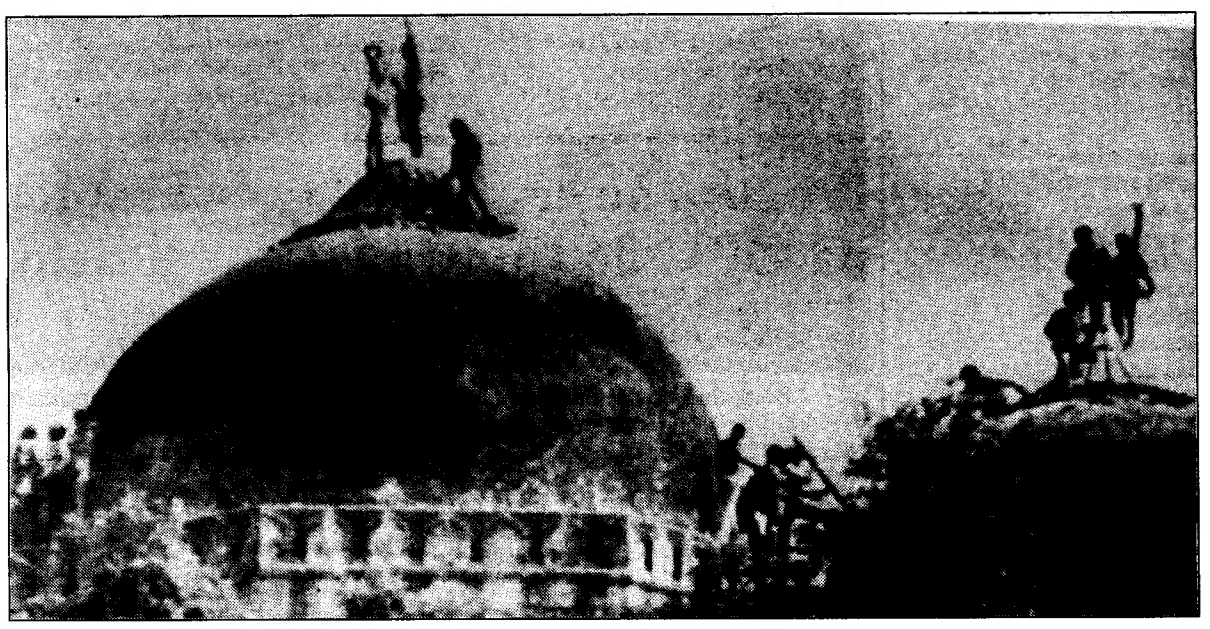
Luanda e UNITA discutem cessar-fogo

A quinta ronda de negociações para a paz em Angola, entre o Governo angolano e a UNITA, tem início dia 6 de Novembro em Lisboa, disseram hoje à agência Lusa fontes próximas do processo negocial. Esta data para as próximas negociações já foi confirmada ao Governo português pelas autoridades de Luanda e pela direcção da UNITA, depois de terem analizado e aprovado os documentos políticos e militar que servirão de base, em Lisboa, à próxima ronda negocial.

Os aspectos principais a discutir no próximo dia 6 entre o movimento rebelde e as autoridades angolanas, serão o reconhecimento político da UNITA e a assinatura de um cessar-fogo militar. O acordo sobre estas duas importantes questões do processo de paz para Angola parece garantido segundo fontes contactadas pela agência Lusa.

A aceitação pelo Comité Central do MPLA-PT da instauração do multipartidarismo já no primeiro trimestre de 1991 representa igualmente uma garantia de éxito nas próximas conversações. Apesar desta nova atitude política do MPLA-PT satisfazer as exigências colocadas pelo movimento rebelde para a assinatura do cessar-fogo militar, a UNITA exigiu ainda que sejam o Presidente José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi a assinarem o cessar-fogo na presença de observadores internacionais. A assinatura do cessar-fogo seria, ainda segundo as exigências da UNITA posterior a esta quinta ronda de conversações, mas estas duas últimas questões não têm ainda o consenso de Luanda devendo ser pontos a serem discutidos no dia 6, em Lisboa. Por outro lado os aspectos mais polémicos da questão militar - a criação de um exército único e a fiscalização do cessar-fogo pelas Nações Unidas - têm já o acordo de princípio da UNITA e mais recentemente do Governo angolano.

Redacção «DL»/Lusa



Alguns militantes hindus tentam destruir a mesquita do século XVI

Na Índia

Confrontos religiosos fazem dezenas de mortos

A morte de 31 pessoas, na sequência de confrontos entre hindus e muçulmanos, levou a que o exército indiano reforçasse o recolher obrigatório em dezenas de povoações do norte da Índia.

Forças governamentais mataram, ontem, a tiro cinco pessoas e feriram 20, na cidade santa de Ayodhya quando um grupo de fundamentalistas hindus rompeu as barricadas da polícia e invadiu uma mesquita muçulmana.

Outras 25 pessoas morreram em confrontos de rua, e um hindu suicidou-se numa acção de protesto, enquanto prossegue a disputa sobre a propriedade do local onde se encont ra a mesquita que continua a provocar a violência.

Os actos de violência alastraram-se ao Bangladesh, país predominantemente muçulmano. Milhares de muçulmanos, algums munidos de navalhas e paus, invadiram dois templos na cidade do Porto de Chittagong para protestar contra o incidente de Ayodhya.

A polícia conseguiu afastar os manifestantes sem que se tenham registados feridos e impôs o recolher obrigatório nessa cidade.

Na Índia, durante esta semana, a disputa que envolve a mesquita da cidade de Ayodhya resultou na morte de, pelo menos, 139 pessoas.

Os fundamentalistas hindus anunciaram que iniciariam na próxima terça-feira a construção do templo do Deus Brahma no local ocupado pela mesquita de Ayodhya há mais de 460 anos.

Ontem, cerca de dez mil hindus romperam as barricadas da polícia que protegia a mesquita. A polícia utilizou gás lacrimogeneo e canas de bambú para reprimir a multidão. Depois de várias horas de confrontos a polícia abriu fogo contra a multidão.

Milhares de jovens fundamentalistas, com faixas cor de laranja atadas em volta da cabeça, indicando a fé hindu, conseguiram rmper as barreiras da polícia e entrar na mesquita. Lá dentro, os jovens arrancaram tijolos, soltaram pedaços de estuque das três cúpulas e colocaram uma bandeira cor de laranja sobre cada cúpula antes de serem afastados pela polícia.

O Governo anunciou que impedira qualquer tentativa de destruir a mesquita e deteve, durante esta semana, 90 mil apoiantes co Conselho Mundial de fundamentalistas hindus.

Túnel da Mancha está quase concluído

Após três anos de escavações dum lado e doutro do braço de mar que separa a França das Ilhas Britânicas, as duas equipas que trabalham na realização do Eurotunnel estabelecem hoje a primeira ligação física entre os dois países. O lado britânico, que pôs termo às escavações na semana passada, enviou uma sonda para o lado francês através de uma perfuração do diametro de 5 centimetros. A sonda, que atravessará os últimos cem metros que faltam para completar o túnel, será recebida esta noite pelo lado francês. Depois de uma correção de 31 mm as enormes máquinas escavadoras dos dois lados retomarão os trabalhos para escavar os últimos 100 metros e unir definitivamente a França a Inglaterra. Ao abatimento da última parede, previsto para meados de Janeiro, assistirão o Presidente francês, François Mitterand e a primeira-ministro britânica, Margaret Thatcher.

O histórico momento da abertura do túnel que une os dois países e o encontro subterrâneo dos dois chefes de Estado será transmitido em directo pela televisão britânica. Quanto à estabelecimento das linhas ferróviarias, fulcro do projecto Eurotunnel, os trabalhos de escavação das galerias estarão completados para o fim de 1991.

Redacção «DL»/ AFP/Lusa

Cabo Verde marca eleições livres

As primeiras eleições pluripartidárias de Cabo Verde vão realizar-se a 13 de Janeiro de 1991, anunciou o jornal «Voz do Povo», na Cidade da Praia. A data, fixada pelo Presidente da República, corresponde ao acordo estabelecido entre o PAICV, partido há 15 anos no poder e a pricipal força de oposição, o Movimento para a Democracia (MDP). O Presidente Aristides Pereira marcou igualmente a data das primeiras eleições presidenciais, cuja primeira volta ocorrerá em 17 de Dezembro. Aristides Pereira actualmente em Luanda a convite do Presidente José Eduardo dos Santos abordará os problemas ligados à cooperação bilateral e á evolução dos processos de mudança nos países africanos.

Cônsul alemão continua sequestrado

O Governo mexicano intensifica as negociações com cinco membros de uma organização pró-direitos humanos, que desde anteontem mantém como refém um diplomata alemão no interior do consulado da Alemanha em Oaxaca e exigem a libertação dos presos políticos mexicanos. O secretário do Governo local disse que o cônsul alemão, Wolfgang Wilczek Weestpall, está bem de saúde e não sofreu qualquer tipo de agressão por parte dos sequestradores.

Nova Constituição de Moçambique

A nova Constituição multipartidária de Moçambique entrará em vigor a 30 de Novembro, segundo proposta apresentada à Assembleia Popular pelo Comité Central da FRELIMO. A questão da nacionalidade foi a que criou maior controvérsia e atrasou a revisão da Lei Fundamental moçambicana.

Jovem mata os pais com pistola alugada

Um jovem estudante norte-americano de 16 anos alugou por cem dólares (cerca de 13 mil escudos) uma pistola a um colega e em seguida dirigiu-se para casa onde assassinou os pais. O jovem, William Carlsson já confessou o seu crime e se entregou às autoridades policiais do Quebec. Segundo as investigações da polícia o jovem já teria anunciado na escola que iria matar os pais com os quais ao que parece teria tido uma discussão sobre as suas próprias crenças religiosas.

A Câmara de Moscovo apelou a Gorbachev para que não haja exibição de material de guerra nas comemorações da revolução, no dia 7 de Novembro

Tensão origina receio de distúrbios em Moscovo

As autoridades municipais de Moscovo apelaram ao Presidente Gorbachev para que, devido à situação tensa que se vive na capital, reconsidere a realização do desfile militar na Praça Vermelha no dia 7 de Novembro, aniversário da revolução, ou, pelo menos, que não seja exibido material de guerra.

Ao anunciar há dias o desfile de 7 de Novembro, o porta-voz do Ministério da Defesa da URSS declarou não se tratar de uma demonstração de força, mas de uma tradição.

O vice-presidente do Sovie-te de Moscovo, Serguei Stankevitch, por seu turno, disse não estar prevista qualquer concentração de tropas, incluindo paraquedistas e unidades do KGB, à volta da cidade.

No entanto, Stankevitch disse que se aquelas organizações solicitarem as respectivas autorizações e as suas palavras de ordem não violarem as leis, as manifestações serão autorizadas, embora intervaladas, para prevenir conflitos.

De referir que uma sondagem de opinião revelou que 62,8 por cento dos moscovitas estão contra a celebração daquela data e os restantes 37,2 por cento a favor.

A sondagem foi conduzida por sociólogos da televisão soviética e incidiu sobre uma amostra de 54.632 pessoas.

Indicadores alarmantes

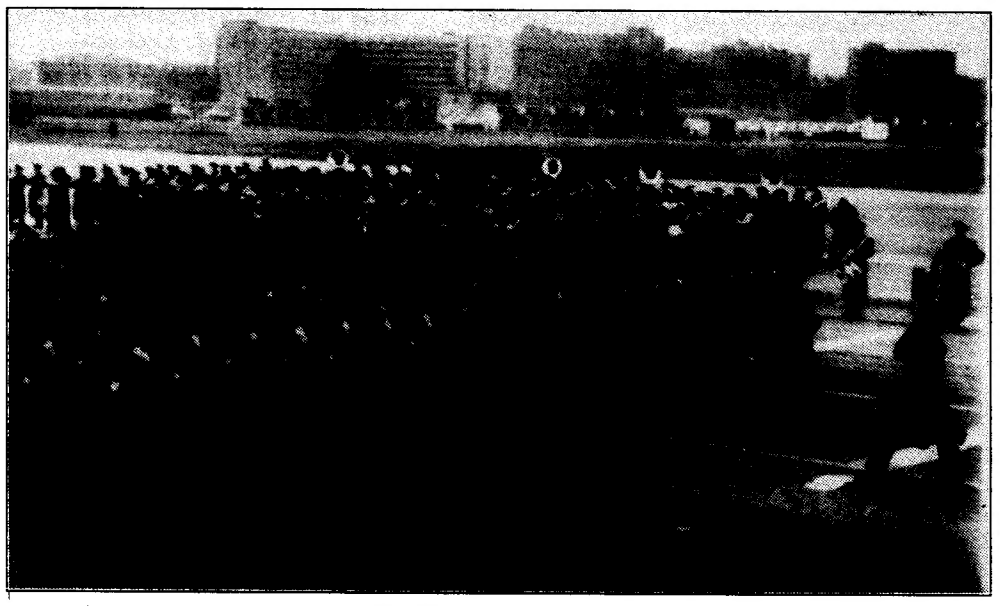
Entretanto uma fonte da CEE revelou que a situação económica da URSS, que agrava a tensão na capital, é «muito alarmante», com um défice da balança de pagamentops de 12 mil milhões de dólares e uma quebra de dois por cento do PNB em 1990.

Estes números foram divulgados durante uma reunião em Bruxelas dos 24 embaixadores dos países mais desenvolvidos, que se comprometeram a auxiliar as reformas na Europa de Leste, adiantou a mesma fonte.

A situação actual está de tal forma «agravada», prevendo a comissão receber um apelo da União Soviética para o auxílio urgente em bens alimentares e medicamentos durante a próxima semana, acrescentou.Durante a Cimeira da CEE, no último fim-de-semana em Roma, os Doze mostraram-se já dispostos em «ajudar a União Soviética desta forma», frisou.

A economia soviética enfrenta um período de grande estagnação, acompanhada por uma «forte» subida dos preços, idêntica à ocorrida na Europa Ocidental nos anos 70, segundo a mesma fonte.

O produto nacional bruto (PNB) soviético deverá diminuir dois por cento este ano, prevendo-se uma quebra «ainda mais elevada» no próximo ano.



Soldados soviéticos ensaiam em Moscovo o desfile para as tradicionais comemorações da revolução, a 7 de Novembro

Adiada visita de Gorbachev à Alemanha

«Uma nova data em Novembro está a ser estudada» para a visita de Mikhail Gorbachev à Alemanha, anunciou em Bona o porta-voz do Governo alemão, Hans Klein, confirmando que o Presidente soviético não poderá deslocar-se a Bona de 4 a 6 do próximo mês.

O porta-voz da presidência soviética acaba de revelar em Moscovo que Gorbachev «não irá à Alemanha esta semana» e «provavelmente não o fará antes de 7 de Novembro».

Esta visita, segundo as mesmas fontes destina-se à assinatura de um tratado de boa vizinhança entre a Alemanha unificada e a URSS.

Redacção «DL»/ Novosti/AFP

As visitas inadiáveis de Gorbachev

A viagem do Presidente Gorbachev a Madrid e a Paris foi uma autêntica corrida contra o tempo. Tendo saído na sexta-feira de Moscovo, o líder soviético já na terça-feira estava de novo na sua pátria.

Realmente, a crescente tensão política dentro da União Soviética não permitia ao Presidente ausentar-se por muito tempo. Em meados de Outubro a viagem não estava sequer confirmada.

Mas depois das negociações em Viena entre Eduard Shevardnadze e Roland Dumas foi decidido numa sessão do Conselho Presidencial que assessoreia Gorbachev ser a visita deste necessária, embora fosse preciso reduzir ao máximo a sua duração.

Uma das razões principais duma tal decisão foi a notícia de que a Comunidade Europeia não tencionava conceder à União Soviética créditos de curto prazo.

Na conferência de Imprensa em Madrid, Gorbachev declarou abertamente, de uma forma que surpreendeu os observadores internacionais, que nos seus planos de reforma contava com a cooperação do Ocidente. Toda a comunidade mundial está interessada em mudanças radicais na URSS. «Como vamos resolver este desafio histórico vai em grande medida determinar o desenvolvimento dos futuros processos na Europa».

Esta pressão psicológica do Presidente soviético foi reforçada por importantes alavancas económicas. Mesmo na véspera da sua partida ele assinou dois decretos importantes.

Um deles dá garantias de defesa jurídica dos investimentos estrangeiros, inclusive das empresas em que o capital seja 100 por cento estrangeiro. Os lucros em divisas soviéticas podem livremente ser reinvestidos na URSS assim como transferidos para o estrangeiro.

O segundo decreto que introduz o câmbio comercial do rublo e significa de facto a sua desvalorização em três vezes, a partir de 1 de Novembro, e introduz a partir de 1991 o mercado de divisas.

«Necessitamos de apoio hoje», explicou Mikhail Gorbachev ao chefe do Governo espanhol logo após ter chegado a Madrid. Felipe Gonzalez conseguiu, superando dificuldades consideráveis, reunir para o estimado hóspede um emprestimo de 1,5 milhões de dólares.

Situação identica surgiu durante a curtíssima deslocação a Paris, onde o Presidente soviético conseguiu novo empréstimo no valor de um milhar de milhão de dólares.

«Desejamos que o povo sinta o mais rapidamente possível as vantagens do mercado» - explica o primeiro vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, Lev Voronin.

Os créditos recebidos em Espanha serão utilizados para importarmos carne, óleo vegetal, leite, frutas, legumes e, provavelmente, calçado e vestuário, o que não deixará de provocar críticas no país. Uma parte dos créditos será destinada à compra de equipamento de transformação para a produção agrícola e outra parte para pagar dívidas.

«Entente» europeia

Durante o encontro com Gonzalez na sexta-feira, Gorbachev debateu a cimeira da Comunidade Europeia que ocorreu no sábado. O presidente pôde ficar contente com o resulatado desta cimeira: parece que a anterior recusa de concessão de créditos foi abolida, e durante a próxima cimeira de Dezembro mais uma vez será discutida a questão do apoio financeiro à Perestroika soviética.

Esta ajuda à URSS coincide largamente com planos de uma nova «arquitectura» de cooperação para Europa. A base deste desenvolvimento deverá ser criada na cimeira pan-europeia de Paris.

Os documentos políticos que foram assinados nas capitais espanhola e francesa durante a visita de Gorbachev - a declaração política conjunta entre Moscovo e Madrid e o «tratado de concórdia e cooperação» entre Moscovo e Paris - mostram alguns traços desse futuro.

É particularmente importante aquele último documento que renova a «*entente*» histórica entre URSS e França, que nos últimos cem anos se opuseram ao aparecimento de uma Alemanha demasiado poderosa. O novo entendimento tem mais uma base política do que militar e passa pela realização da ideia de Gorbachev sobre a «casa comum europeia». Ao mesmo tempo, o Presidente da França chama a essa ideia «confederação europeia».

Por outro lado, nesta teoria diz-se que é necessário ter em conta que todos os Estados têm fronteiras nacionais inalteráveis, mas que elas devem estar abertas a todo o tipo de cooperação.

Durante esta visita, o Presidente soviético sublinhou muitas vezes a necessidade da existência da URSS (talvez com outro nome) enquanto Estado federal, como condição para a estabilidade europeia, o que parece ter sido comprendido. O chefe do Governo espanhol deu claramente a entender que o seu país trata com as autoridades centrais de Moscovo e não com as repúblicas soviéticas «soberanas».

Em Paris, tal como em Madrid, Mikhail Gorbachev encontrou interlocutores para o problema do Médio Oriente. A diplomacia soviética de «vai vém», protagonizada por Evgueni Primakov, tem tentado pôr de pé, ao que se supõe, um complexo plano que aponta para a libertação do Kuwait no quadro de uma «iniciativa árabe» e também o desbloqueamento da situação dos territórios árabes ocupados por Israel.

Guennadi Petrov

QUOTIDIANO

Lisboa com novo mobiliário urbano

Dentro em breve começarão a aparecer, espalhados pela cidade, quiosques de linhas inovadoras, alguns inspirados em Fernando Pessoa ou ainda réplicas dos velhos quiosques «Botas» do princípio do século. Tratam-se de algumas das novidades previstas no Plano de Intervenção no Mobiliário Urbano de Lisboa, PIMUL, cuja primeira fase decorre até Abril de 1991, e que esta manhã o vereador Vítor Costa, responsável pelo pelouro do Ambiente apresentou à Imprensa.

Tendo como objectivo primordial ordenar e melhorar a ocupação da via pública o PIMUL, a submeter à apreciação do executivo municipal, introduzirá com a sua entrada em vigor «os mecanismos necessários» para que na instalação de peças de mobiliário urbano- quiosques, bancas, esplanadas, cabines telefónicas e postos de vendas dos operadores de transportes- prevaleçam «critérios de ordem estética, arquitectónica , de volumetria e de integração no tecido urbano».

Assim, além do aparecimento de novas estruturas, serão demolidas algumas das já existentes que, por razões de segurança ou outras, não justificam a sua permanência no espaço público. É o caso da maior parte das actuais bancas de jornais e das esplanadas/marquise, construídas com caixilharia de alumínio.

Estão já na calha para a demolição cerca de 10 esplanadas deste tipo. Todavia, o vereador insiste que pretende evitar a via coerciva e adiantou que proporá a instituição de prémios às esplanadas recuperadas pela iniciativa dos proprietários, bem como eventuais benefícios fiscais. Serão lançadas ainda hastas públicas para a atribuição de estruturas desta natureza a instalar no Miradouro da Graça e no Castelo.

Os quiosques são peças de mobiliário urbano que merecem atenção relevante neste Plano. De facto, prevê-se que sejam recuperados os velhos quiosques nas zonas do Cais do Sodré, Jardim do Príncipe Real, etc.

A Rua Augusta, a zona das Portas de Santo Antão e as Avenidas Novas serão reordenadas, privilegiando-se o trânsito de peões e os mercados do Levante e terminais rodoviários ficarão com uma nova «cara».

L. A. B.

Greve nacional em preparação

Novembro é mês de luta na Função Pública

A realização de uma greve nacional de todos os sectores da Função Pública foi ontem decidida pelos sindicatos que integram a «plataforma reivindicativa» para meados de Novembro, caso o Governo não apresente na reunião do próximo dia 6 uma proposta que tenha como base negocial aumentos salariais na ordem dos 13,5 por cento, valor negociado pelo próprio Executivo em sede de concertação social.

O mês de Novembro poderá ser marcado por uma vaga de acções de luta na Função Pública, segundo a decisão ontem saída do «plenário de emergência» de 17 sindicatos, afectos à CGTP. Em causa está a proposta apresentada sexta-feira pelo Executivo, que prevê aumentos salariais para 1991 de 11,5 por cento.

Ainda sem um calendário completamente assente, devido à dificuldade de encontrar datas que convenham, ao mesmo tempo, a todos os sectores da Função Pública - administração central, regional e local, enfermeiros, professores e trabalhadores judiciários, entre outros - as acções de luta iniciam-se na semana de 4 a 9 de Novembro, com a entrega de uma petição conjunta das federações da CGTP e da UGT na Assembleia da República.

A semana seguinte será marcada por jornadas de luta em todos os locais de trabalho e, para meados do mês (entre 15 e 20), está prevista a greve nacional. De 21 a 30 realizar-se-ão plenários distritais conjuntos de todos os sectores da Função Pública. A culminar estas acções, está agendada para o dia 4 de Dezembro uma «grande acção nacional» que fará convergir para Lisboa trabalhadores de todo o país.

Filipe Ferreira, da comissão negociadora, afirmou à Lusa não ser admissivel que «o Governo mantenha a proposta apresentada e não cumpra o acordo económico e social por ele assinado com os parceiros sociais, que prevê aumentos de 13,5 por cento».

As revisões do salário mínimo da Função Pública e do sistema de carreiras são outras das reivindicações apresentadas pelos sindicatos da Administração Pública.

Segundo uma fonte da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, a exigência dos 13,5 por cento é para ser entendida apenas como «base negocial» e não como valor para fecho de negociações. «Se o Governo apresentar esse valor na reunião de dia 6, estamos dispostos a apresentar uma nova contraproposta e a negociá-la. E sendo assim, durante as negociações as formas de luta agora definidas ficam em *stand by*», explicou Humberto Costa, da FNSFP.

Após o plenário, os dirigentes e delegados sindicais deslocaram-se, em «cordão humano», do Saldanha à residência oficial do primeiro-ministro, em S. Bento, para lhe darem conta do «grande descontentamento» que reina entre os trabalhadores.

Também ontem, os ferroviários filiados na federação da CGTP entregaram no Ministério dos Transportes uma resolução em que reivindicam aumentos salariais de 23 por cento para 91 e a redução do horário de trabalho.

O documento, aprovado durante uma concentração, mandata a direcção da federação para convocar «as formas de luta consideradas necessárias».

E se ontem foi um dia cheio em acções de organizações da CGTP, também o coordenador da central fez afirmações relevantes. Carvalho da Silva reiterou a intenção de permanecer na Comissão Executiva, acrescentando que também José Luís Judas se manterá no seu cargo, desmentido assim afirmações veiculadas pelo semanário «Expresso».

Fugitivo do «caso Dopa» apresenta-se a tribunal

Joaquim Queirós de Andrada, principal arguido do «caso Dopa», condenado por «ilicitus cambiais», depois de se ter evadido da prisão há cinco anos, entregou-se, ontem, às autoridades judiciais do Tribunal da Boa Hora, onde requereu, através do seu advogado, a revogação da sentença.

A interposição do recurso permitiu sair em liberdade e aguardar a decisão do Supremo Tribunal de Justiça que, muito possivelmente, ordenará a repetição do julgamento.

Queirós de Andrada, que esteve preso de 21 de Dezembro de 1984 a 9 de Julho de 1985, altura em que se evadiu, acabaria por vir a ser condenado a dois anos de prisão, por uma actividade que, posteriormente, deixou de ser punível.

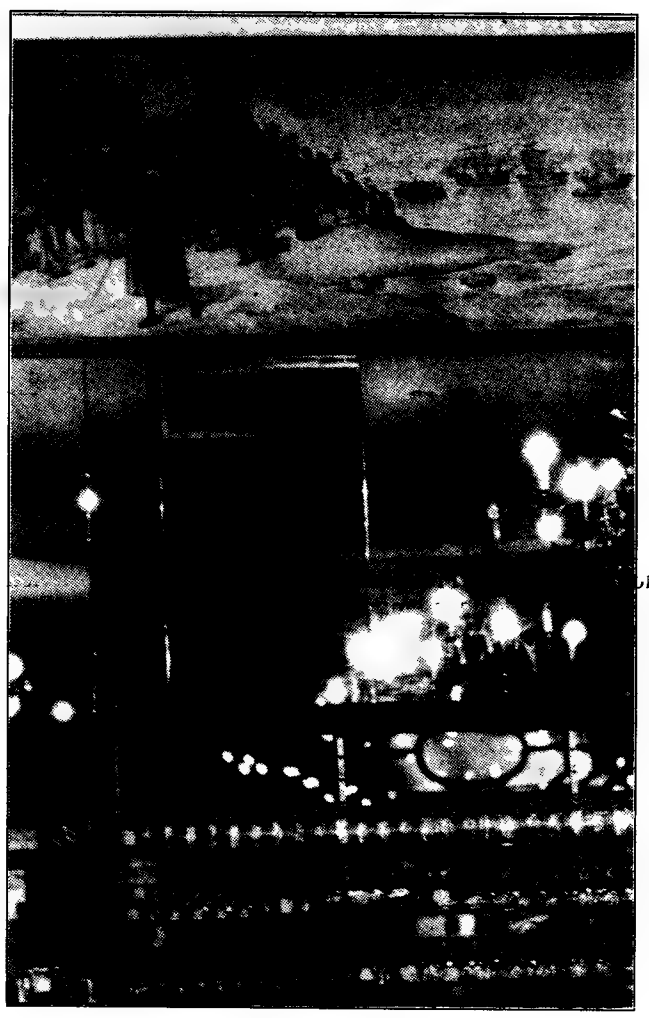
Por outro lado, foi absolvido, em Setembro último, por alegada corrupção, na acusação que pendia sobre a sua filha pela entrega de seis mil contos destinada ao juíz Verdasca Garcia, com processo pendente no Tribunal da Relação.Dragagens e Obras Públicas foi a empresa que deu origem ao processo, conhecido por «caso Dopa». Tinha sido criada em 1974, com 40 por cento de capitais holandes, sendo Joaquim Queirós de Andrada o seu principal sócio.

Entretanto, entregou-se, também ontem, o funcionário judicial, Camilo Ramos, condenado em Setembro e dois anos de prisão por co-autoria da actos de corrupção com Lúcia Moreira, a funcionária que terá servido de intermediária entre a família Queirós de Andrada e o juiz.

Travesti desvia avião entre Lisboa e Rio

Um Boeing 747/200 da Varig, que fazia um voo entre Lisboa e o Rio de Janeiro, foi ontem forçado a divergir para Las Palmas, quando um travesti entrou no *cockpit* e lançou um *spray* sobre o comandante.

Não se chegou a verificar nenhuma situação de alarme a bordo, visto que a maioria dos 348 passageiros não se aperceberam do incidente. O travesti foi detido pelas autoridades espanholas das Canárias.



Rui Vasco

A morte da Colombo A Pastelaria Colombo, de tantas tradições lisboetas, vai desaparecer. O leilão do recheio iniciou-se ontem, estando prevista para hoje a licitação do grande painel a óleo da autoria de Alfredo Cândido sobre a descoberta da América do Norte por Cristovão Colombo. Depois de obras, abrirá, neste espaço da Avenida da República, um estabelecimento da cadeia McDonald, especializada em *fast food*. A transacção envolve uma verba da ordem dos 420 mil contos.

Serviços do IVA penhoram computadores a universidades

Vário material informático cedido ao Instituto Superior Técnico e à Universidade Nova de Lisboa, avaliado em cerca de 11. 300 contos, foi objecto de uma penhora por falta de pagamento do IVA. A medida agora levada a cabo pelo Serviço de Administração do IVA (SIVA) parece corresponder a uma mudança súbita de «ideias», já que em 1987, este organismo afirmava , em documento, que «as cedências gratuitas do imobilizado (computadores) às universidades não é passível de imposto».

Os vinte computadores e 10 impressoras agora penhoradas tinham cedidos às duas universidades pelo FUNDETEC - Fundo para o Desenvolvimento do Ensino da Engenharia e da Tecnologia. Segundo Lourenço Fernandes, director daquela instituição, entre 1986 e 1989, a entidade era reembolsada no montante do imposto gasto em compras de material informático, posteriormente colocado em diversas universidades com o objectivo de «contribuir para o desenvolvimento do ensino da engenharia e tecnologias».

No primeiro trimestre de 1989, o SIVA alteraram a sua posição e deixaram de reembolsar o FUNDETEC, argumentando que o serviço prestado pela instituição era «oneroso» e portanto sujeito a tributação. Por seu lado, a direcção do FUNDETEC recusa-se a pagar o referido imposto.

Lourenço Fernandes adiantou que já foram dirigidos vários apelos aos ministros das Finanças e da Educação mas, referiu, «apesar de todos dizerem que o problema se resolve, ninguém resolve coisa nenhuma».

A FUNDETEC é uma associação sem fins lucrativos que, recorrendo às contribuições de diversas empresas associadas, cede equipamento tecnológico a várias universidades.

A instituição propõe-se, entre outras coisas, «combater o estrangulamento causado pela ausência de técnicos qualificados em número suficiente nas áreas da electrotécnia e tecnologias da informação».

«Guerra surda» entre direcções dos Bancários

Três meses após a assinatura da revisão do Acordo Colectivo de Trabalho Vertical (ACTV) do sector, as direcções dos sindicatos dos bancários do Sul e Ilhas e do Centro fazem, em comunicado, um balanço sobre as suas vantagens, concluindo - «Valeu a pena». Para base de comparação apresentam o contrato negociado pela estrutura da Norte. E apesar de nenhum responsável as querer assumir, as divergências entre direcções existem.

As negociações entre as três direcções sindicais do sector e a Associação Portuguesa de Bancos não foi pacífica. E se a nível de organização sindical/organização patronal se chegou a acordo(s), o mesmo não se pode dizer quanto à vontade dos associados de cada sindicato, o que se refletiu nas posições assumidas.

Quando a revisão do ACTV chegou a um impasse, as três direcções sindicais fizeram, separadamente, um referendo aos seus associados. E enquanto os do Sul e Ilhas (SBSI) e do Centro (SBC) se pronunciaram favoravelmente à assinatura do acordo, no Norte a votação foi claramente contrária. Em causa estava a aceitação de questões consideradas «polémicas», como a possibilidade de transferência de trabalhadores para agências dos concelhos limítrofes, abertura de balcões ao sábado e a actividade sindical.

Esta divergência entre sindicatos resultou na revisão do ACTV nas regiões Centro e Sul e Ilhas (mediante acordo com a entidade patronal) e na manutenção do mesmo contrato na zona Norte, negociando-se apenas os aumentos salariais (recorrendo-se à conciliação).

Os bancários ficaram, assim, mais uma vez após vários anos, com acordos diferenciados por regiões. E os problemas que isso poderá levantar em futuras negociações é uma questão que as direcções agora colocam, de forma não claramente assumida.

Divergências caladas

Em declarações ao DL, Artur Penedos, do Sindicato dos Bancários do Norte (SBN), afirmou que «não existem quaisquer divergências entre as três direcções, há é pontos de vista diferentes dos bancários, e cada uma teve que respeitar a vontade dos seus associados».

No entanto, o comunicado conjunto agora emitido pelas direcções do Centro e Sul e Ilhas (lideradas, respectivamente, pelos socialistas Osório Gomes e Barbosa de Oliveira) deixa antever que as divergências verificadas a quando das negociações não estão ainda sanadas, tanto mais que a «defesa» do acordo subscrito é feita por comparação com o que foi assinado pelo SBN.

Os sindicatos consideram que para analisar o acordo que subscreveram, o «balanço terá de partir de uma análise serena e de uma ponderação de factos, que se alicerce na objectividade e deixe de fora as paixões de cada um».

Apontando como um dos factores positivos do acordo a conquista do acesso a mais um nível na carreira profissional e a passagem mais rápida entre escalões, dando como exemplo um bancário admitido para o Grupo I, no comunicado afirma-se: «Antes do acordo, esse mesmo trabalhador só seria promovido ao nível 9 em 1993, ou seja, daqui por três anos; e não passaria daí, como sucederá aos trabalhadores da área do SBN, em consequência da revisão do ACTV, feita por aquele sindicato, não consagrar qualquer melhoria na carreira profissional, nem outras, e ter sido apenas uma revisão salarial, de que resultou uma tabela salarial inferior, bem como todos os subsídios».

O comunicado refere-se ainda à conquista do 14º mês para os bancários reformados; do «regime disciplinar, que a recente lei dos despedimentos havia revogado e que acabou por ser recuperado nesta última revisão do ACTV» e das maiores contribuições para o SMAS (serviço médio) resultante da base incidiária dos salários e do facto das instituições de crédito serem obrigadas a pagar também pelos pensionistas.

«Todas estas conquistas consubstanciam anseios perseguidos desde há muitos anos e de que os nossos colegas do Norte acabaram por não beneficiar, por força dessa negociação diferente que o seu sindicato aceitou celebrar», lê-se no comunicado conjunto do SBC e do SBSI.

Alterações polémicas ... só para alguns

Quanto às questões em que são acusados de «cedência» - as transferências e a abertura de balcões ao sábado - (e que levaram o SBN a não assinarar o acordo), aquelas direcções afirmam: «Ao fim de três meses não temos conhecimento de quaisquer transferências baseadas nessas alterações» e recordam que o trabalho ao sábado só é prestado se o trabalhador concordar.

«Se compararmos a revisão do ACTV que subscrevemos com os resultados obtidos pelo SBN, resulta com clareza a verdade da convicção que tinhamos, que sem recurso à greve não era possível alcançar melhor», afirma-se no comunicado, concluindo: «Valeu a pena».

Opinião contrária tem o SBN, que considera o facto de os seus associados não estarem sujeitos às alterações introduzidas no ACTV do Sul e Centro são a sua vitória. E chamam a si a conquista de uma tabela salarial mais alta (12,8 por cento contra os 12 por cento nas outras duas regiões) e a manutenção das garantias expressas no anterior contrato, que para os bancários do Norte se mantém em vigor.

E. A.

A mais longa memória dos homens. Para os celtas, o 31 de Outubro era o dia do fim do ano. Tudo era permitido

Das Bruxas e de Todos-os-Santos

É muito possível que Viriato e os seus homens estivessem agora a comemorar o dia de Todos-os-Santos, embora desconhecesem a existência de santos. A história é outra...

O dia de Todos-os-Santos, que se celebra amanhã, precedendo o dos Fiéis Defuntos, não passa de um aproveitamento da Igreja Católica de uma celebração muito anterior, como, de resto, acontece com a maioria das suas principais festividades, o Natal, a Páscoa, etc.

Para o mundo anglo-saxónico é o Halloween (palavra que não passsa de um contração apenas registada no século XVI e que pode perfeitamente significar Todos-os-Santos), o Dia das Bruxas, o que se explica por uma velhíssima tradição céltica. O 31 de Outubro representava para os celtas o final e o começo do ano solar. É o dia da mudança total, o que permite que até as bruxas tenham a sua inteira liberdade. O mundo perdeu, momentaneamente, as suas leis e tudo é possível.

A veneração dos mortos é um fenómeno que remonta aos primeiros povos que praticaram a agricultura, os do neolítico. Para eles tornou-se notória a semelhança evidente entre a semente que se lança à terra e o corpo do familiar que se enterra. Um e outro vão, seguramente, ressurgir, voltar a viver. Ceres e Proserpina, Orfeu e Eurídice são as formas míticas ou literárias desta conformação às leis da Terra. Da mesma maneira que os deuses que ressuscitam «ao terceiro dia», como Osiris ou Jesus Cristo. E os exemplos poderiam multiplicar-se...

O homem primitivo cobria os seus mortes de pós encarnados, da cor do sangue, na esperança de que regressasem, mas não faltaram os povos que lhes atavam braços e pernas numa posição fetal. Isto tem sido interpretado como uma forma de medo, de evitar que pudessem mover-se e regressar à terra, mas não será, antes, esta transformação de um cadáver num feto, o oferecer-lhe a possibilidade voltar a nascer?

Depois do simples pó encarnado lançado sobre o corpo, foram surgindo as campas, os mausoleus, os santuários, até as pirâmides. Os mortos reinam sobre a inquietação do que seja a morte, do que representa a vida.

O aproveitamento

Como se disse, a Igreja Católica limitou-se a aproveitar (e ligeiramente transformar) uma velhíssima tradição europeia. Já o fazia pelo século VII, sem data fixa, e a data festiva entra no calendário católico no século XIII.

É Santo Odilão, o abade de Cluny, quem introduz a comemoração dos Fiéis Defuntos, por volta de 1 030, na data em que hoje é celebrada, espalhando-se rapidamente o uso cluniense por todo o mundo católico.

Roby Amorim

Refrigerante «ecológico» comercializado em Portugal

Laranja e limão são os dois sabores de um novo refrigerante «ecológico», a comercializar, em breve, no mercado nacional, pelas Águas de Castelo de Vide, anunciou Serra Lopes, presidente do Conselho de Administração, durante uma visita efectuada às instalações da empresa. A nova bebida, uma água gaseificada à qual será adicionado um aroma natural, resulta de um projecto delineado há cerca de dois anos mas que, segundo aquele responsável, «tem andado enguiçado» por questões de legislação.

Serra Lopes garante que o produto dietético, sem calorias, «se aproxima mais da água do que de um refrigerante», mas que, de acordo com o actual enquadramento legal, não pode receber a designação de «água aromatizada», tal como a empresa pretendia.

«Vamos ser obrigados a mencionar, no rótulo da embalagem, a palavra refrigerante quando se trata, de facto, de uma simples água e vamos, por isso mesmo, ser penalizados. Apenas o Estado vai beneficiar pois que, ao cobrar sobre a bebida o IVA de refrigerantes, aumenta substancialmente o seu lucro fiscal», disse o presidente do Conselho de Administração das Águas de Castelo de Vide.

A disputar actualmente o mercado nacional das águas, sob controle da Unicer, a empresa Castelo de Vide pensa, de futuro, investir no mercado espanhol. Resultados recentemente obtidos no país vizinho, numa campanha com o apoio e a «chancela» de qualidade do Corte Inglês, abrem perspectivas para que a Castelo de Vide se aventure a suprir o défice de 25% da oferta na Estremadura espanhola. Segundo Serra Lopes, «a Vitalis, água sem gás comercializada pela Castelo de Vide foi a segunda água mais vendida nas cadeias do Corte Inglês, com um total de cerca de um milhão de litros».

A nível nacional, a Castelo de Vide planeou já, para o próximo ano, inovações capazes de surpreender os consumidores. Um novo garrafão, em PVC, com capacidade para quatro litros promete revolucionar o mercado. A empresa está a estudar a hipótese de comercializar um garrafão com um *design* pouco tradicional, facilmente manuseável e adaptável a todos os frigoríficos, capaz de permitir o armazenamento de grandes quantidades de água sem a consequente perda da qualidade.

Desde o seu relançamento, sob a alçada da Unicer, a empresa Castelo de Vide, hoje com um capital social de 300 mil contos, «tem vindo a crescer, progressivamente» tendo registado, no ano passado, um crescimento de vendas de 11,8 %. Isto, «apesar de termos falhado, no Verão, por incapacidade de produção», situação que, segundo Serra Lopes, não voltará a repetir-se pois que «a partir de Março, a entrada em funcionamento de uma nova unidade fabril vai possibilitar o aumento da produção».

Sábado é dia

FEIJOADA COMPLETA EM GRANDE BUFFET À BRASILEIRA

Feita no maior capricho, com carnes variadas e todos os complementos, incluíndo a caipirinha e batidinhas

SIRVA-SE À VONTADE!

A nova modalidade de almoço em família

das 12.30 às 16 H.

DESFRUTE DA MARAVILHOSA VISTA SOBRE LISBOA NUM AMBIENTE AGRADÁVEL.

Reserva de mesas: telef. 530141 (Restaurante)

COMARCA DE LISBOA — 15.º JUÍZO CÍVEL 3.ª Secção Proc. n.º

5045/A

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 20 do próximo mês de Novembro pelas 10 horas, neste tribunal há-de ser posto em praça para ser arrematado pelo maior lanço oferecido, acima do indicado, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado JOAQUIM CARLOS MONTEIRO, residente na Rua de Olivença n.º 3-1.º A, AMADORA, na execução de Sentença que lhe move ETECNO I, SARL, com sede na Strada Provinciale di Sala Baganza, 5/C, 43044 Collcchio, Parma Itália e de que é depositário a Soc. Montaudio — Equipamentos Técnicos e Gestão, Ld.ª.

BENS A ARREMATAR

— Uma quota que o executado possui na Sociedade Montaudio Equipamentos Técnicos e de Gestão Ld.ª, com sede na Expansão Poente da Amadora, lote 2, loja Esq.ª, freguesia da Venteira, que será posta em praça por metade do valor.

Lisboa, 17 de Outubro 1990

A JUIZA DE DIREITO,

Ana Paula Lopes Martins Boularot

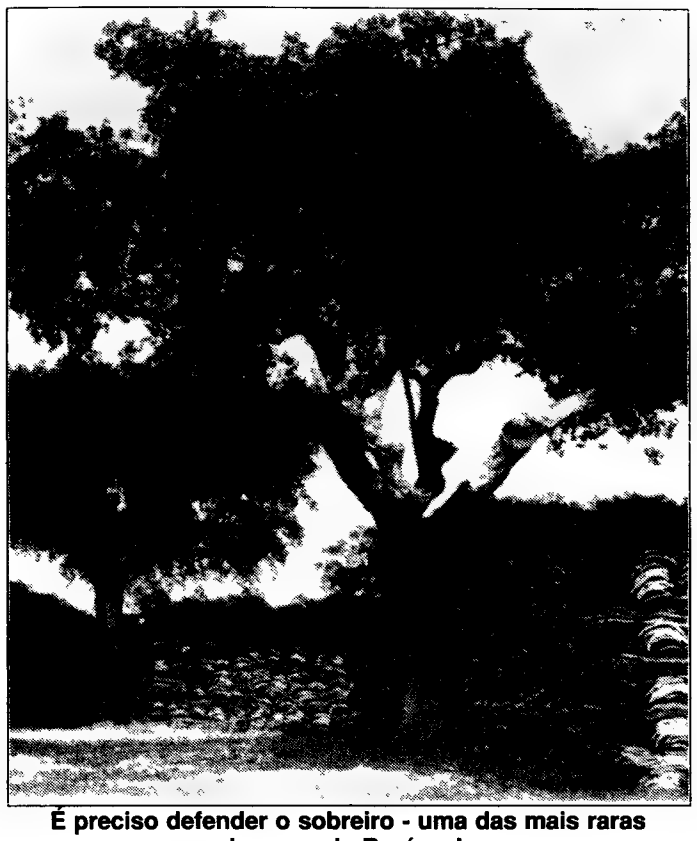
A ESCRIVÃ ADJUNTA,

Teresa Maria Pereira Cleto

-DL- 31/10/90

Advertência de ecologistas ibéricos

«Economia não pode ser dona do destino da Humanidade»



É preciso defender o sobreiro - uma das mais raras riquezas da Península

A economia e o lucro de curto prazo não podem ser donos do destino da Humanidade - esta é uma das conclusões gerais sobre filosofia do desenvolvimento do I Semanário Ibérico do Ambiente, que se realizou a semana passada na cidade de Vila Real e reuniu figuras históricas do movimento ecologista, professores universitários e técnicos de Portugal e Espanha.

Os intervenientes alertàram para o facto de projectos de lucro rápido estarem a comprometer o futuro da Terra, por esgotamento de recursos e destruição das fontes da vida e, por isso, chamam a atenção para o facto da exaustão e mau uso dos recursos criar a necessidade de «procurar tecnologias e modos de vida alternativos que garantam a permanência do Homem na Terra.» Neste sentido, defenderam que é necessário valorizar os factores ambientais, sobretudo os que são livres por não terem valor de mercado.

Para além destas questões de princípio, as personalidades presentes no Seminário preocuparam-se com alguns problemas específicos da Península Ibérica, nomeadamente o do montado de sobro, dos sapais, da costa algarvia e dos incêndios florestais.

Quanto ao montado de sobro, reafirmaram que «ele constitui a utilização ecologicamente mais racional da grande região seca do Sudeste da Península» e chamaram a atenção para o facto de estar «em perigo de instabilidade e até de desaparecimento, devido à prevalência da mentalidade do lucro a curto prazo.» Perante esta situação, e dado o valor económico, ecológico e social do sobro, recomendaram aos governos ibéricos e à CEE «impor por legislação a sua defesa e reconstituição, procurando valorizar, pela tecnologia, os múltiplos produtos do montado como a cortiça, as pastagens, o gado miúdo, os queijos, a cinegética, as essencias, os frutos, os taninos, os porcos, etc.. Estes produtos, sendo escassos no Mundo e no próprio espaço da CEE, poderão alcançar preços de mercado elevados.»

Quanto aos sapais, zonas húmidas e fontes insubstituíveis de reprodução animal, lamentou-se que «continuem a ser agredidos, transformados e explorados, mesmo onde usufruem do estatuto de reservas e parques naturais.»

No que diz respeito à costa algarvia, reconheceu-se que o turismo «em vez de valorizar as belezas naturais, os recursos e o património cultural. teve apenas por objectivo criar condições para a a obtenção rápida do máximo lucro, desvalorizando os padrões tradicionais de cultura, normalizando por padrões internacionais e pondo em conflito o Ambiente e o Homem.»

A. C.

Ruído de aviões submetido a limites

A partir de amanhã, uma directiva da CEE que limita o ruído provocado por aviões civis entra em vigor em Portugal. A TAP não será limitada nas suas ligações por esta legislação, pois nenhum dos seus aviões excede os referidos máximos de ruído.

A directiva é aplicada através de uma portaria do Ministério dos Transportes. Os aviões de passageiros inscritos a partir de 1 de Novembro no Registo Aeronáutico Nacional apenas poderão operar no território nacional ou no de qualquer outro país da CEE desde que o nível sonoro seja igual ou inferior ao estipulado pela Organização Internacional de Aviação Civil.

Se a TAP dispusesse de unidades muito barulhentas inscritas antes dessa data, a disposição limitativa não lhes poderia ser aplicada. No entanto, segundo um porta-voz da companhia aérea nacional, a sua frota não inclui actualmente qualquer avião que exceda os referidos limites de ruído. A frota da TAP é considerada, aliás, uma das mais modernas da Europa.

Os aviões mais ruidosos que a TAP tinha, como o Boeing-707 e o Boeing 727/100, já foram vendidos há cerca de três anos.

É possível prever os sismos? A controvérsia é grande e apaixonou o público

Vulcanólogo Haroun Tazieff não receia tremores de terra

Ontem, o Instituto Franco-Portugais, em Lisboa, encheu-se de gente interessada em ouvir falar sobre «Vulcões e tremores de terra». O célebre Haroun Tazieff, cientista que muito tem estudado fenómenos de natureza vulcânica, falou do método VAN para prever tremores de terra. Esta técnica, ensaiada na Grécia, tem obtido 80 por cento de resultados positivos.

Haroun Tazieff começou por estudar tremores de terra em 1948. A paixão pelos vulcões «assaltou-o» em 1960. Até há seis anos julgava impossível prever um tremor de terra. Foi quando conheceu os três físicos que, três anos antes, tinham descoberto a técnica para, antecipadamente, localizar o sismo e avaliar a sua força.

O método VAN baseia-se na interpretação de um sinal eléctrico natural que circula em toda a superfície do globo. De uma forma geral, esta corrente é contínua e monótona. Antes de um tremor de terra, dá «grandes saltos». É na interpretação deste sinal que reside a ciência de prever tal fenómeno.

A descoberta dos três físicos tem sido contestada, em especial por gregos, italianos e franceses. Na opinião de Haroun Tazieff, a polémica deve-se, sobretudo, ao facto de não terem sido sismológos a descobrir o invento.

No entanto, alguém da assistência lembrou que na Grécia, país com grande ocorrência de sismos, é fácil a previsão. «É preciso que isso funcione no exterior», salientou o interpelador.

Haroun Tazieff começou a sua intervenção descrevendo as observações feitas no vulcão dos Capelinhos na ilha do Faial, em 1958. Servindo-se de anos de estudo, pode sossegar a população quanto à eventualidade da caldeira se partir e haver novas explosões.

No decorrer do debate, Tazieff afirmou não ter medo dos tremores de terra e, muito menos, do risco do aquecimento da atmosfera, ultimamente tão aprogoado. «É matematicamente impossível», contestou.

Acrescentou, ainda, que o perigo da humanidade está na poluição. «E se as indústrias conseguiram diminuir a produção de poluentes, os cidadãos são quem mais contribui para esta situação. Repare-se na quantidade de plástico que todos os dias se deita fora», salientou.

Daí que se bata para que os derivados do petróleo sejam substituídos pelos gazes produzidos pelos vulcões, uma fonte muito mais económica.

O especialista manteve o público entusiasmado, do princípio ao fim da exposição. E este acorreu em grande número, enchendo o auditório. A assistência estendia-se ainda pelo átrio e mais dois espaços, assistindo à conferência pelo televisor.

Entre os numerosos interessados, os muito jovens fizeram-se notar. Não tiraram os olhos do cientista. Na devida altura, fizeram as suas perguntas. A maioria delas de ordem técnica, precisando uma ou outra informação.

Um deles não resistiu e perguntou: «Quando era pequeno pensava estudar vulcões?»

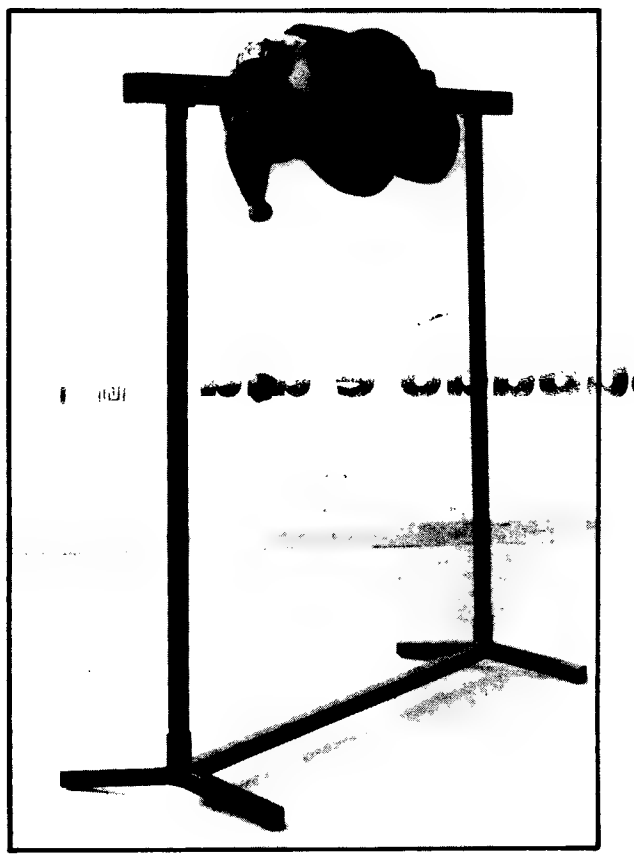
«Não. Nem sabia o que era isso. Pensava que os vulcanólogos estudavam rochas. Foi por acaso. Estudei num país onde havia muitos vulcões. Passei um fim-de-semana a olhar para um vulção. Era um espectáculo tão fabuloso, emocionante e que me pôs tantas questões que decidi ser vulcanológo», respondeu Haroun Tazieff.

C. N.

MVSEV
MVNICIPAL
DE
LOVRES

casa do adro

3 a 25 Novembro



João Duarte

ESCULTURA

Câmara Municipal de Loures
Município Livre de Armas Nucleares

Levar Lisboa a bom

A propósito da comemoração do Dia do Porto de Lisboa, a APL (Administração do Porto de Lisboa) promove hoje um conjunto de iniciativas, entre as quais se incluiem um almoço convívio com os trabalhadores daquele organismo, um passeio fluvial e a inauguração do Auditório da APL, na Gare Marítima de Alcântara. O «DL» aproveita a data para fazer um ponto da situação actual no que respeita à principal instalação portuária nacional, não deixando de evocar, de forma breve, a sua história: os seus esplendores e misérias

Comemora-se hoje o dia do porto de Lisboa; A data foi escolhida pela APL (Administração do Porto de Lisboa) porque, em 31 de Outubro de 1887, tiveram início as chamadas «Grandes Obras do Porto de Lisboa». Aquelas obras permitiram, na altura, que o principal porto nacional se colocasse ao mesmo nível das grandes instalações portuárias europeias.

Hoje, o porto da capital, encontra-se obsoleto, inadequado face à crescente importância do tráfego marítimo internacional, sem possibilidade de responder eficaz e atempadamente aos crescentes desafios que se colocam à Europa comunitária. O problema agrava-se se nos lembrarmos da proximidade do Mercado Único Europeu de 93.

Esta situação verifica-se apesar de o porto de Lisboa ser o ponto de passagem de 80 por cento das importações nacionais; apesar da sua quase única situação geográfica e das excepcionais condições de acesso e resguardo; apesar, enfim, das melhorias e investimentos realizados durante a década de 80 (em especial, entre 87 e 89).

A desadequação do porto da capital às necessidades do comércio interno e internacional actuais fica a dever-se à sobreposição de competências e poderes, à escassez de meios financeiros e à ausência de uma estratégia e planeamento (especialmente, a médio e longo prazo), resultado de uma filosofia de gestão meramente administrativa que vigorou durante muitos anos, ao invés de uma visão de cariz empresarial - que só agora começa a tomar forma.

O próprio presidente da APL referiu, em entrevista publicada no «DL» em Setembro deste ano, que o porto tinha sido asfixiado pela burocracia, acrescentando que «foi perdendo a sua importância porque o País não soube introduzir as modernizações necessárias - não só nos portos como também nas vias de comunicação, vitais para o desenvolvimento portuário».

É, pois, urgente remodelar e modernizar, tendo em conta as necessidades emergentes do desenvolvimento da economia portuguesa e internacional, mas não esquecendo também que o porto e o estuário do Tejo são parte integrante da cidade, devendo harmonizar-se com ela.

Modernização anos 80: intenções e realidades

Modernizar é, portanto, a palavra de ordem. Vejamos o que foi feito na última década e o que se pretende que seja o porto de Lisboa nos anos 90.

Durante a déca-da de 80 foram realizados vários investimentos, devendo salientar-se os seguintes: construção (iniciada em 80), na margem sul do Tejo, perto da Trafaria, de um terminal cerealeiro, com capacidade para 200 mil toneladas de cereais, dispondo de um cais com fundos adjacentes entre 14 e 17 metros o que permite a operação de navios de grande calado; construção dos novos cais de Alcantâra, inaugurados em 1981, com 1100 metros de extensão, avançando 80 metros sobre o rio, tendo-se obtido, assim, uma área adicional de terrapleno de 80 mil metros quadrados. Este acréscimo da área de terrapleno tornou possível celebrar, com a empresa privada LISCONT, um contrato para a exploração de um novo terminal de contentores (inaugurado em Junho de 1986) que pode movimentar anualmente cerca de 120 mil contentores.

Em 1982 foi inaugurado o terminal de líquidos da Quimigal, construído no complexo industrial do Barreiro. No ano de 1989, começou a funcionar o novo terminal «Roll-on/rool-off» de Alcântara, com capacidade de carga de 100 toneladas.

Por via da introduçãoda nova orgânica da APL, com a definição de uma nova Lei de Bases (Decreto Lei nº 348/86) corporizada no novo Estatuto Orgânico para o Porto de Lisboa (Decreto Lei nº 309/87), foi adoptada uma actuação mais dinâmica de feição empresarial. Assim se explica o aumento de mais de 100 por cento no campo dos investimentos para a melhoria das instalações portuárias entre 1988 e 1989 (investimentos no valor de 450 mil contos e 895 mil contos, respectivamente), a introdução do regime de turnos na operação portuária, a remodelação do terminal de contentores de Santa Apolónia e a entrada em funcionamento de novo equipamento de movimentação de cargas.

Dentro da mesma perspectiva empresarial, e visando fazer face ao mercado único europeu, saliente-se a elaboração do Primeiro Plano Estratégico do Porto de Lisboa para o triénio de 1990-1992.

De acordo com o arquitecto Fernando Morgado, director do Gabinete de Estudos, Planeamento e Obras do porto de Lisboa, o plano estratégico perspectivava três cenários alternativos para o porto de Lisboa: um cenário de manutenção do «status quo», ao qual corresponderia um investimento nulo; um cenário defensivo, que corresponderia a uma situação na qual o porto de Lisboa continuaria a servir, «de maneira aceitável, o seu mercado doméstico tradicional, gerado, fundamentalmente, nas regiões Centro e Sul de Portugal e nas Regiões Autónomas», exigindo ampliações e melhoramentos nas operações portuárias; um cenário pró-activo que visa, de acordo com aquele arquitecto, não só, satisfazer as necessidades do tráfego tradicional, mas também, procurar novas oportunidades, atraindo novos mercados, melhorando as condições de navegabilidade do Tejo com o fomento dos tráfegos fluviais e garantindo processos de revitalização ribeirinha (lazer e turismo).

«Porque se está na CEE, porque o desafio de 93 se aproxima, porque há que iluminar a fachada atlântica, porque o porto de Lisboa oferece condições naturais ímpares, há que vencer traumas e imobilismos preparando o porto para o futuro com soluções modernas, urbanística e ambientalmente bem concebidas.

«Por estas razões, o porto de Lisboa apontou responsavelmente para o terceiro cenário. Era óbvio», referiu Fernando Morgado em entrevista a um semanário da capital.

Crescer para onde?

Para além de desenvolver e modernizar, o porto precisa de crescer. Vejamos quais as opções da APL, nada pacíficas, de resto, como veremos.

A margem norte encontra-se limitada no seu desenvolvimento por várias razões, entre as quais a falta de espaços, as deficiências das ligações rodo-ferroviárias e a «inviabilização da eventual reconversão da extensa frente ribeirinha, dotada de grandes potencialidades urbanas e de grande interesse para a cidade», como disse Conceição Rodrigues, presidente da APL, em recente entrevista ao «DL». Por isso, a grande aposta da APL vai para a margem sul, através da utilização da zona Trafaria-Bugio, aproveitando o espaço ganho com o fecho da Golada.

Quanto ao problema dos transportes naquele local, e de acordo com Fernando Mor-

Rui Vasco

Um céu cinzento e ameaçador paira ainda s

PORTO DE LISBOA
RUA DA JUNQUEIRA 94 — 1300 LISBOA
TELEF 363 71 51 — 363 79 54
TELEX 18529 PORLI
TELEFAX 646900

...n porto

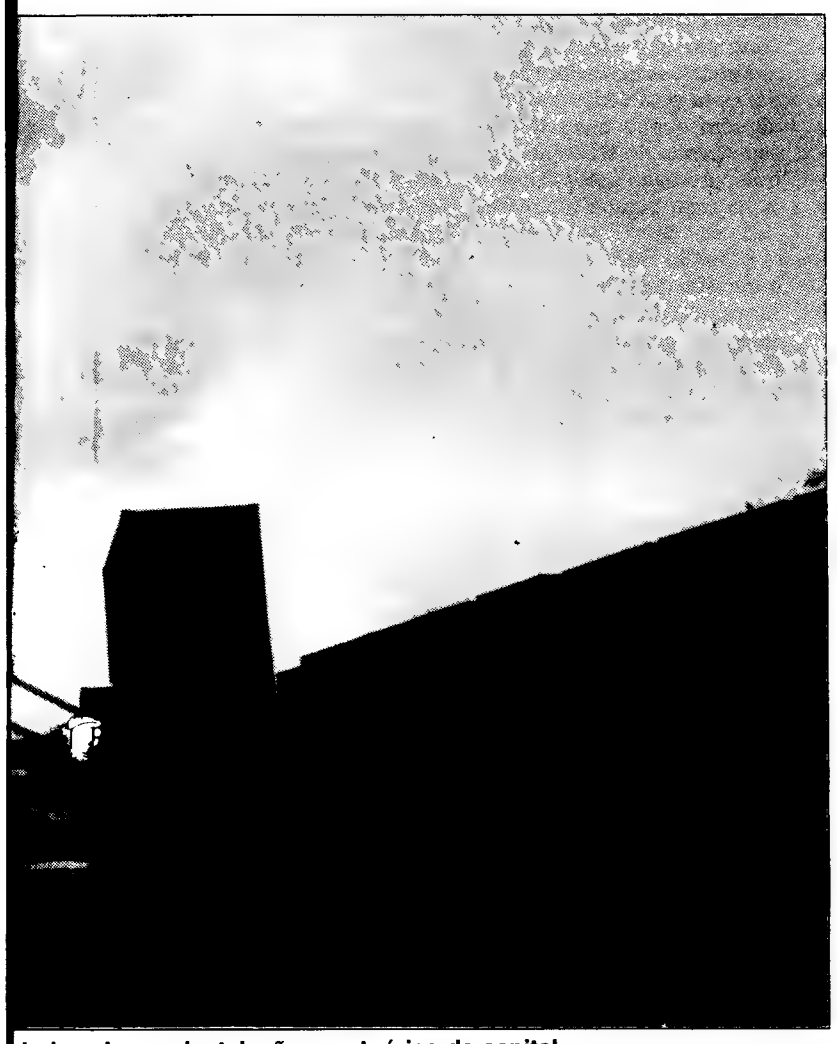
...um ...ao ...ulo; ...ia a ...boa ...el, o ...do, ...Sul ...exi- ...nas ...vo ...to, ...go ...vas, ...os, ...nde ...ais ...ção ...de

gado, «presentemente, a Junta Autónoma das Estradas tem em curso um estudo para a ligação da rede a esta zona.

«A CP já equacionou, várias vezes, o problema, e tem soluções de acessibilidade à área».

Entretanto, a Câmara Municipal do Seixal convidou o Ministério do Ambiente e da Qualidade de Vida a levar a efeito um amplo debate sobre o fecho do canal Trafaria-Búgio, conhecido por Golada do Tejo. Segundo os responsáveis daquela edilidade, o projecto «poderá provocar a subida das águas e produzir importantes desequilíbrios em todos os concelhos ribeirinho».

O fecho da Golada e a dragagem na foz do Tejo far-se-ão sentir em todo o estuário do rio e orlas costeiras a jusante. Resultando daí a alteração da paisagem ribeirinha, o aumento da poluição das águas e a distribuição das areias pelas praias, afirmam os responsáveis camarários.



...ainda sobre as instalações portuárias da capital

...fa- ...a o- ...que ...lo o ...nas, ...con- ...pon- ...rio. ...em ...ar, o ...op- ...omo ...a no ...ntre ...das ...ação ...ente ...iali- ...ra a ...ues, ...a ao ...vai ...o da ...paço ...na- ...Mor-

Por outro lado, foram também elaborados estudos de reconversão da Frente Marginal Santos-Santa Apolónia que, de acordo com a APL, revelam as suas preocupações com a valorização e reconversão das zonas ribeirinhas para lazer da população.

Um outro trabalho visou o estudo da melhoria das condições de navegabilidade da Cala do Norte, e tem por objectivo o desenvolvimento da navegação fluvial numa zona de serviço às indústrias instaladas na área que vai de Beirolas a Alhandra.

Deficiências, críticas e sugestões

Os projectos são bastantes. Muita coisa foi já feita, como se pode, aliás, verificar através da descrição acima realizada; mas nem sempre da melhor forma, nem sempre com o melhor aproveitamento e rendimento. Muita coisa falta ainda fazer.

Frank Varanda, gerente de uma agência de navegação, em artigo publicado no «Expresso», refere que «a propósito das importantes infra-estruturas portuárias, criadas nos últimos anos, aprás comentar que não é possível obter delas a necessária rentabilidade, principalmente porque foram ultrapassadas na sua concepção e não respondem aos fluxos maioritários de cargas que são introduzidas no país através do porto de Lisboa. Está nesta situação o terminal graneleiro da Trafaria».

Por outro lado, faltam guindastes de via de grande porte, gruas flutuantes ou terrestres, modernas, capa-zes de movimentar grandes volumes. Os fundos de acesso ao porto não permitem a navegação a navios com calado superior a 13 metros.

«Os canais de acesso a instalações portuárias de grande movi-mento, como por exemplo a Siderurgia Nacional no Seixal e o complexo industrial da Quimigal no Barreiro, não permitem a navegação nocturna pelo que, não raro, sucede que navios fiquem retidos pelo menos 12 horas sem se poderem movimentar, ocasionando prejuízos aos armadores e consequentes reclamações.

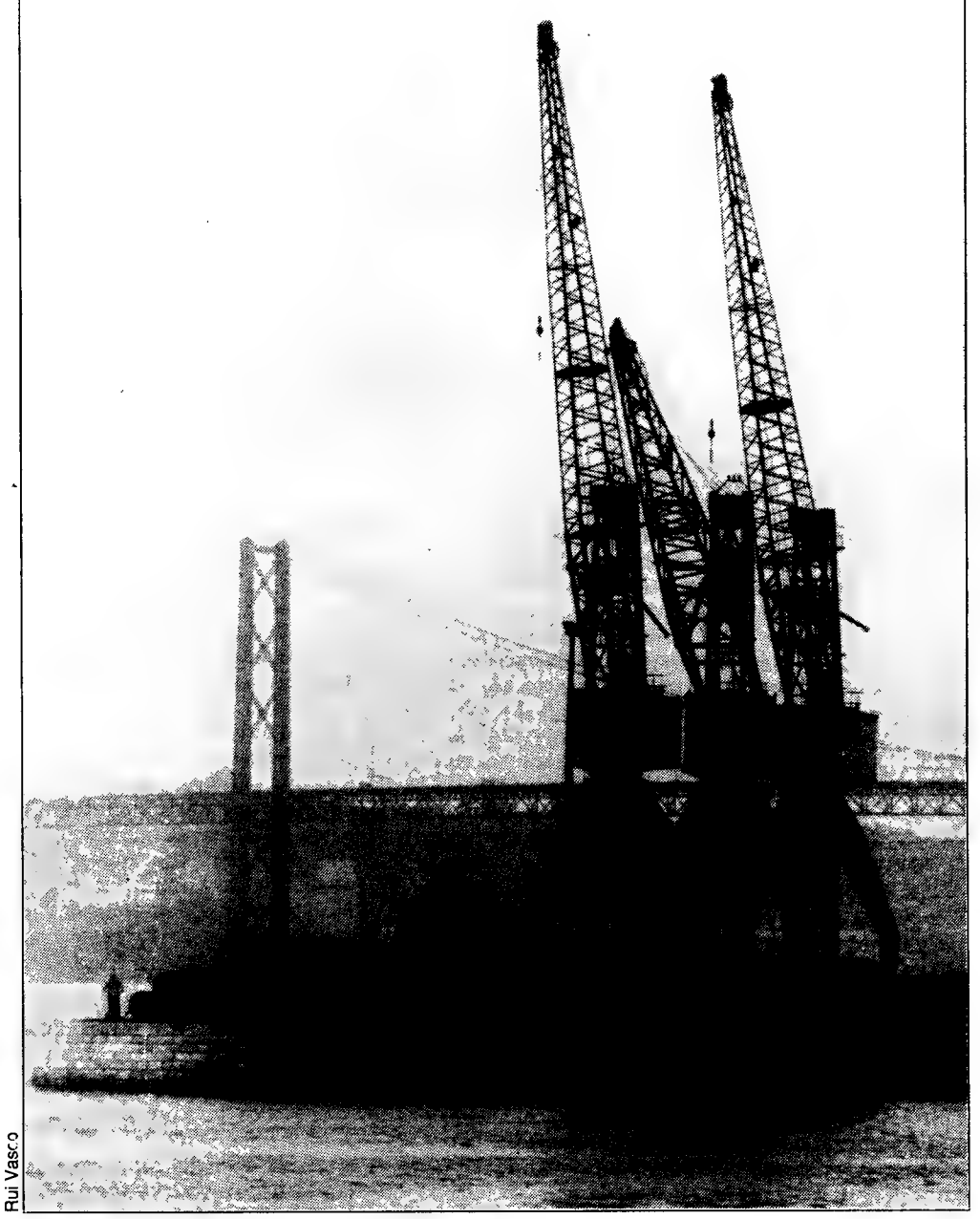
«Os meios de assistência e salvamento a navios são praticamente inexistentes e só por mera casualidade não se verificaram ainda acidentes graves», afirma Frank Varanda.

A competitividade e o aumento de produtividade do porto de Lisboa (no fundo, as nos-sas exportações e importações) dependem de vários factores como sejam a demora e os custos das operações de embarque e desembarque e da situação e legislação laboral que se repercutem no preço final dos produtos.

Como refere Saraiva Lima, secretário-geral da APAT (Associação Portuguesa de Agentes Transitários), em artigo publicado no «Expresso», «o aumento de competitividade do porto de Lisboa passa, portanto, por alterações profundas à situação laboral actualmente existente. Outro aspecto bastante importante consiste na necessidade da instalação de equipamentos que permitam reduzir significativamente as demoras ou estadias longas dos navios para a execução das operações portuárias. (...) O aumento de volume da carga movimentada constitui um objectivo importante mas, não nos podemos esquecer que é igualmente importante o seu escoamento e a ligação a outros meios de transporte».

Espera-se que, apesar dos grandes problemas e dificuldades existentes, seja possível recuperar os atrasos e dotar Lisboa de um bom porto - como já foi, em tempos distantes. Demasiado distantes.

Mário Rocha



Rui Vasco

Material antiquado prejudica competitividade e produtividade do porto de Lisboa

Tráfego marítimo: alguns dados actuais

Para melhor se formar uma ideia do que é o porto de Lisboa em termos de movimento, não só de mercadorias, como também de passageiros, aqui se fornecem alguns números e dados estatísticos.

Comecemos por referir que o porto de Lisboa movimentou, em 1989, cerca de 17 milhões de toneladas de carga; este número corresponde a um acréscimo de 12 por cento relativamente a 1988. Da carga referida, 9.8 por cento dizem respeito a operações de comércio externo (contra 8.5 por cento em 1988). Trata-se, como é evidente, de uma evolução muito positiva, mas como referiu Saraiva Lima da APAT (Associação Portuguesa de Agentes Transitários), em artigo publicado no semanário «Expresso», é um volume que «representa muito pouco em termos de Europa comunitária».

Da totalidade das mercadorias movimentadas no porto de Lisboa em 1989, 37 por cento corresponderam a granéis líquidos, 38 por cento a granéis sólidos e 25 por cento a carga geral.

Deve fazer-se referência à elevada taxa de contentorização, um aspecto cada vez mais importante no âmbito da marinha comercial. No porto da capital, cerca de 75 por cento das mercadorias embarcadas ou desembarcadas encontram-se dentro de contentores. No ano passado foram movimentados 190 mil contentores, dos quais 47 por cento ficaram estacionados no terminal de Santa Apolónia, 25 por cento no terminal da LISCONT e 18 por cento no cais de Santos.

Muito pobre é o número de escalas de navios estrangeiros de passageiros em Lisboa. No ano passado fizeram-no apenas 128 (mais 10 do que no ano anterior) embarcações que transportaram cerca de 75 mil passageiros.

Números bem diferentes são os que se verificam nas travessias fluviais de passageiros entre as margens norte e sul do Tejo: em 1989 foram transportados 64.7 milhões de pessoas.

Refira-se, por fim, que as 280 linhas de navegação, na sua maioria regulares, com agências no Porto e em Lisboa, que ligam a capital a cerca de 400 portos de todo o mundo, realizaram mais de cinco mil escalas em 1989 (um aumento de 4 por cento em relação a 1988), numa tonelagem bruta que ultrapassou os 30 milhões.

M. R.

A.M.A.
Auto Monumental de Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA

CRÓNICA DE TOUROS

Praça de Touros de Madrid. Sábado, 29 de Setembro de 1990. Touros de Murteira Grave para Carlos Escolar «Frascuelo», Tomás Campuzano e Juan Cuellar

A força da natureza

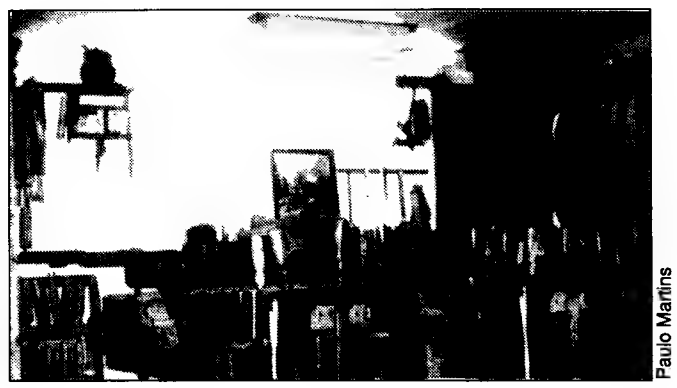
A força da natureza concentrou-se, no céu de Madrid, sobre a praça de Las Ventas. Primeiro, carregaram-se as nuvens de um negro tão negro, que a tarde cinzenta foi como se de repente, saltando o crepúsculo, se fizesse noite de breu, coisa nunca vista. Nas bancadas quase repletas a gente estremeceu, assustada com aquela atmosfera dantesca, a ameaça daquela repentina escuridão que obrigava a acenderem-se em pleno dia os focos da praça. Depois, torrencial, furiosa, veio a chuva de pedra, pareciam calhaus, violenta fustigava os indefesos espectadores, só poupados os que debaixo da cobertura das galerias desfrutam dos que pagaram mais caro. E chegaram os raios. E o estrondo dos trovões. Uma coisa de susto. Muitos retiravam, safavam-se para os corredores conforme podiam. Mas outros também muitos ficavam, suportavam a inclemência, com o abrigo dos guarda-chuvas, das gabardinas, dos plásticos comprados à entrada por cem pesetas, tantos sem o abrigo de coisa nenhuma. E ficavam, resistiam, a pé firme, sem praga ou queixume, porque na arena alguma coisa acontecia de valer a pena.

Na arena estava um touro alentejano, de Murteira Grave, chamado «Batedor». Um touro que cumprira em varas, pronto em bandarilhas e na muleta repetia, com o respeito da sua presença pedia um toureiro. O toureiro chamava-se Tomás Campuzano. Um matador com valor e ofício, caído tantas tardes nesses desencontros e vulgaridades que têm minado uma carreira sustentada a pulso. Um matador que parecia encontrar um estímulo novo nesse desafio em que ao touro se juntava a força da natureza que sobre a praça se assanhava. Um matador, encharcado o trajo e o engano, descalço na arena alagada, sentindo-se toureiro. Citava, embarcava o touro na muleta, com vibração templava os passes, dos garbosos remates saía com aberto sorriso. E depois, ponto final nesses emotivos instantes, selo de sua garra e pundonor, a estocada inteira, o coração atrás da espada, e os lenços acenando indiferentes ao dilúvio, pedindo a orelha que, apagados os aplausos que despediram o corpo de «Batedor», pelo redondel Tomás passeou feliz, reencontrado.

Antes de Campuzano, lidara «Frascuelo», cabos negros no trajo cinza e ouro que vestia, o primeiro da tarde, outro Grave de excelente presença mas diferente atitude, em varas sem se empregar, na muleta com uma dúzia de passes, não mais, Carlos Escolar triunfou no último Verão madrileno, nessas tardes difíceis que os consagrados não querem. E para esse matador quase veterano, esquecido, foi como se tivesse começado uma nova vida, que transparece na solene firmeza no passeio das quadrilhas, na maneira de andar na arena, na seriedade com que no meio dela brinda à praça, no sabor com que saiu das tábuas com o touro, no aroma antigo dos primeiros passes, pela direita, dando distância, toureando. D[illegible]agou-se o touro, pôs-se quedado, e «Frascuelo» pesado na porfia inútil e nas quatro entradas de que precisou para matar, escutando um aviso, e por fim o silêncio da gente, que guardava apesar de tudo a sensação de que em Carlos Escolar há um toureiro com esse não sei quê que passa dos olhos aos sentidos.

Amainava a tormenta de raios e trovões, mas a chuva caía teimosa quando saiu o terceiro Grave que Juan Cuellar recebeu decidido. Descalçou-se o toureiro de Colmenar de Oreja para a faena, animoso se foi ao touro. O trasteio decorreu em tom voluntarioso, houve vários passes logrados, o touro deixando-se tourear sem raça, e o jovem Cuellar pondo a tónica do valor onde a graça não sobeja. Pôs-se pesado a matar, dois pinchazos, uma estocada e dois descabelos. E ao dobrar o touro, e soarem os aplausos finais para o mérito do toureiro, fizeram os elementos nova prova de força, a chuva carregando, parecia que nela se desfazia o céu, pondo a gente em debandada, e a arena alagada sem remédio, no corredor seguíamos pelo circuito interno de televisão, não havia disso nos tempos de Guerrita, a imagem dos toureiros discutindo se devia a corrida continuar ou não, vontade teriam, mas também suas palavras e razões eram chover no molhado, com a arena naquele estado via-se que, além de que não podia ser, era impossível, nada a fazer contra a força da natureza.

Solilóquio



Paulo Martins

A oficina do coronheiro José Pereira Júnior: à espera de quem queira fazer dela o seu posto de trabalho

«A diferença entre o museu de comunidade e o museu tradicional é a do clube de aldeia em relação... ao Benfica» - eis a síntese da «nova museologia», uma tendência que entre nós tem vindo a ganhar adeptos. Conhecê-la é o objectivo destas linhas. Acompanhe-nos o leitor numa visita guiada às experiências museológicas de Monte Redondo e Vilarinho da Furna

Museus para que vos quero?

A estrada, carcomida pelo uso, parecia condenada ao acabrunhado estatuto de secundária, apesar de a circulação provar o contrário. Debalde insistira o presidente da Junta para que a Câmara de Leiria a reparasse, que não havia quem se demovesse. Um dia, gente do museu deitou mãos à obra: fez o recenseamento do trâfego e demonstrou que já era tempo de recuperar aquele troço, entre Monte Redondo e a Bajouca. E assim se fez.

Leu bem o leitor: gente do museu. É que este de Monte Redondo, a duas dezenas de quilómetros da cidade do Liz, é um museu «especial». Em Portugal, é um dos representantes dessa nova filosofia no campo da museologia, fundada na aproximação à comunidade.

Nesta perspectiva, um museu não é um expositor de colecções para turista (ou especialista) contemplar. É um «pretexto» para servir o desenvolvimento da região em que está inserido, susceptível de manifestar-se através de uma passagem de modelos com trajes tradicionais ou do apoio pediátrico, quando é essa a necessidade a preencher.

Um pouco de tudo isto - até o recenseamento do tráfego - fez o Museu Etnológico de Monte Redondo, desde a sua fundação, em 1981. «Etnológico» é força de expressão, como bem o reconhecem alguns dos seus pais, envolvidos na Associação de Defesa do Património Cultural da aldeia. «É preciso fugir à visão de que um museu se cria à volta da etnologia. Existe na medida em que participa na vida da comunidade», defende Mário Mou-tinho, um antropólogo que é a «alma mater» do pequeno museu.

Desenvolva-se esta ideia: esta vertente da museologia coloca no lugar do especialista a população, que sente a utilidade do «seu» museu na exacta medida em que ele o serve. Num projecto com estas características, são as actividades paralelas, a capacidade de se instituir pólo de desenvolvimento, que importam. Muito mais do que espaço físico do museu.

Democratização e «exploração»

«A nova museologia não se limita à 'exploração' das pessoas: 'Dê cá as peças, que nós, especialistas, avaliamos'», explica Mário Moutinho. Autor de uma das «cartilhas» desta nova maneira de encarar a museologia, o livro «Museus e Sociedade», considera que à função cultural, outras valências podem ser associadas. E exemplifica com a oficina do coronheiro José Pereira dos Santos Júnior, reproduzida quase ao milímetro no museu: «Neste caso, o valor mais importante é o facto de a família saber que as peças ficam preservadas».

José Pereira dos Santos Júnior dedicou-se ao ofício de coronheiro até a doença o vencer, anos antes da morte, há cerca de um ano. O carinho que emprestava às centenas de peças, algumas das quais se desconhece a função, permitiu que para sempre fique preservada no museu a memória de uma actividade artesanal como tantas outras morta pela industrialização. Para Mário Moutinho, o facto de ter sido a família do coronheiro a montar, no fim-de-semana passado, a oficina constitui a «prova provada» da democratização, afinal o trilho que quer seguir a nova museologia.

Num museu «tradicional», a oficina, uma vez instalada, ficaria em exposição permanente. Ou talvez se decidisse contratar um artesão para a «animar». A nova museologia opta pela cedência, caso alguém queira fazer dela o seu posto de trabalho. Ao que parece, no caso vertente, já há uma pessoa interessada.

É assim um museu de comunidade. Pequenino e humilde. Mas enraizado no meio em que se insere. Que fica fora das rotas turísticas e fora ficaria também do coração dos monte-redondenses se não cumprisse a sua missão de inserção na comunidade.

Por isso Moutinho faz um sorriso quando lhe fazemos a pergunta sacramental, já munidos de folhetos que aludem ao envolvimento autárquico, do Instituto de Juventude e outras instituições nas actividades promovidas pelo museu: «Então e apoios?».

«A diferença entre um museu deste tipo e um museu de Lisboa é a do clube cá da aldeia e o Benfica. Nós não queremos imitar os de Lisboa», começa por responder. E explicita: «Um museu só para ver não é útil. Ou presta serviços ou não é necessário. Por isso, não tem de ter apoios. Como nos preocupamos menos com o visitante e mais com o utilizador, é este quem nos apoia». Tudo dito...

Vilarinho da Furna recupera a fauna

Viremos a página, rumemos a Norte. Se em Monte Redondo o museu se encarrega do recenseamento de tráfego, na Vilarinho da Furna, «renascida» num museu, a prioridade é a reflorestação, para posterior instalação da fauna que ocupava o perímetro do lugarejo, na Serra Amarela, paredes meias com o Parque Natural da Peneda-Gerês.

Manuel Antunes foi, na passagem de ano de 1970 para 71, um dos últimos a despedir-se da aldeia comunitária, submersa pela construção da barragem do rio Homem. A ideia de fundar um museu era anterior; assaltou-o mal tomou consciência de que Vilarinho ia desaparecer.

Levou 20 anos a concretizar o seu sonho. Correu seca e meca. Pode hoje, com justiça, orgulhar-se do trabalho realizado: o museu, dinamizado pel'«A Furna», Associação de Antigos Habitantes de Vilarinho da Furna, «não é só a evocação da memória colectiva; envolve também uma componente científica».

De-pois da fundação, no seu seio, de um Centro de Estudos Comunitários, o museu quer assumir-se como pólo de desenvolvimento regional. É esta a «guerra» de Manuel Antunes, hoje sociólogo e professor universitário. A «batalha», para já, é um projecto de reflorestação que deveria ter sido iniciado no passado «Dia da Árvore» mas que, adiado, está em vias de concretização. A reflorestação não é o fim em si, como nos explica o autor de «Vilarinho da Furna, aldeia afundada». É o expediente indispensável à reconstituição do *habitat* natural, em reserva protegida, de diversas espécies animais, como o corso, o javali, a raposa, a cabra do Gerês (em extinção e da qual Antunes supõe ainda existirem exemplares em Espanha). E, sobretudo, o garrano ibérico, de que um familiar seu foi criador. O garrano, raça equina primitiva, tem um significado especial para as gentes da região. É que, de acordo com as mais recentes investigações históricas, foi introduzido no século V pelos búrios, tribo integrada nos suevos, que terá estado na origem da toponímia Terras de Bouro.

Paulo Martins

«Geminações» museológicas

Monte Redondo e Vilarinho da Furna estão, durante esta semana, «geminadas». Nos últimos três dias, a primeira recebeu as «Jornadas sobre a função social do museu». Amanhã e sexta-feira, é a vez de Vilarinho se tornar anfitriã dos cerca de 80 participantes.

É a terceira vez que o MINOM (Movimento Internacional para uma Nova Museologia) se reune em Portugal. Anteriormente, as jornadas «assentaram arraiais» em Vila Franca de Xira e Portimão. Portugal e o Canadá possuem os mais fortes núcleos desta instituição, precisamente com sede no Québec, que agrupa museus comunitários de todo o Mundo.

O MINOM é reconhecido pelo Conselho Internacional dos Museus (ICOM), a grande organização mundial deste domínio, que funciona no âmbito da UNESCO. O Conselho envolve diversos comités internacionais, um dos quais, o dos museus regionais (ICR) realiza em simultâneo com as III Jornadas a sua reunião anual e participa num «atelier» conjunto, em Vilarinho da Furna.

É assim que museólogos de ambas as entidades, naturais de 18 países - da Austrália à Islândia, da Argentina à União Soviética - se reúnem em duas pequenas aldeias, «perdidas» algures em Portugal. A iniciativa, subordinada ao tema genérico «A função dos museus locais na sociedade», vai debater questões como o seu contributo para o desenvolvimento regional, as «políticas de museologia participativa» e a «construção do saber nos museus».

P. M.

O célebre escritor albanês Ismail Kadaré explica numa entrevista ao «Le Monde» as razões do pedido de asilo político à França: «As promessas de democratização estão mortas.» É o adeus de Kadaré à Albânia

A desilusão é pior que a opressão...

A voz é calma, quando pronuncia a frase fatídica. Como se, no interior de si mesmo, a página há muito tivesse sido voltada. «Decidi deixar a Albânia», anuncia Ismail Kadaré como se tirasse um peso de cima de si.

É hora do almoço, no escritório do seu editor parisiense. A casa está deserta, à excepção de uma secretária que, na sala ao lado, mete num envelope a carta de adeus do escritor endereçada ao Presidente da República da Albânia, Ramiz Alia.

De visita à França desde há um mês, em companhia da mulher e das duas filhas, para o lançamento do seu romance «Le Palais des Rêves» (Fayard), Kadaré, de 54 anos, não voltará pois a Tirana.

Pressente-se o desgosto deste novo exilado, que deixa atrás dele a mãe, um irmão e uma irmã. A sua voz embarga-se apenas quando confessa ter sido obrigado a deixar Tirana sem trazer a sua filha mais nova, de dezassete anos. Uma miraculosa circunstância, porém, faria com que ela acabasse por vir ter com os pais a França. «Antes - diz Kadaré - o regime teria exercido certamente represálias contrra a minha família. Hoje, pode pensar-se que foram abandonados os aspectos mais duros das práticas de outrora.»

- Tinha tomado esta decisão há muito tempo?

- A necessidade de partir foi inicialmente instintiva. As razões vieram depois. Amadureceram dentrro de mim, desde a Primavera passada, que foi a da esperança. Pequenos passos tinham sido dados para a democratização. Ramiz Alia tinha decidido, por exemplo, que os camponeses podiam tornar-se proprietários de uma pequena parte do seu gado. Avistara-me nessa época com Alia durante perto de três horas. Acreditava que ele podia tornar-se um Gorbatchov albanês. É um homem com quem se pode discutir. Tinhamos aludido por exemplo a uma eventual liberalização das viagens ao estrangeiro e ao apelo dos créditos ao investimento. Estou aliás na origem desta medida no que respeita à agricultura.

- Então?

- Então, as pessoas convenceram-se de que se ele democratizasse, pouco que fosse, o regime este acabaria por se desmoronar. E, no entanto, Gorbatchov está no poder há seis anos. E assim a democratização na Albânia parou brutalmente. Quando senti que o bloqueio ameaçava já a democratização, escrevi a Alia uma longa carta. Pela sua resposta percebi que a situação estava já congelada. A atmosfera que envolveu o caso das embaixadas, este Verão, veio confirmar que as promessas de democratização eram letra morta. E assim perdi toda a esperança de contribuir, no interior, para uma suavização do regime.

- Pensa que esta partida terá repercussões na vida política albanesa?

- Não parto para fazer sensação, nem para provocar perturbações. Na Albânia, um confronto seria mais trágico ainda do que na Roménia. É uma nação muito fatigada, esgotada por tragédias. Tenho esperança de que a minha partida, a minha própria ausência ajudem a uma lenta marcha para a liberalização. É fecunda a ausência, sabia... É por vezes mais forte do que a presença. É um tema formidável, na literatura. E depois, deixei os meus livros, que melhor do que eu trabalharão pela liberdade. São estudados nas escolas, nas universidades. Vários dos meus livros desaparecem das livrarias em alguns minutos. Depois, são vendidos no mercado negro pelos ciganos, nas gares. O regime não pode riscar-me dos programas escolares de um dia para o outro!

- Diz-se no estrangeiro que o regime está dividido: duros contra moderados.

- É um bom tema para nos interrogarmos. Confesso que não sei. O cérebro de Alia é ele próprio, talvez, meio duro e meio moderado.

- É de qualquer modo paradoxal. Você parte no momento em que o regime dá sinais, embora tímidos, de liberalização?

- Antes não havia nenhum sinal de que este universo estivesse a ponto de mudar a não ser a muito, muito longo prazo. Fazer literatura chegáva-me. É titânico fazer verdadeira literatura num país do Leste. E depois, para mim, o mundo comunista cobria metade do globo, era o único possível, o único imaginável. Havia limites, estreitos mas nítidos. Hoje, parece que esses limites são ultrapassáveis. Mas, na Albânia não posso ultrapassá-los. Foi por isso que parti. Sou escritor e sê-lo-ei sempre; digamos que a desilusão foi mais insuportável que a opressão.

- Parte sem regresso? O que é preciso para que volte?

- Que a Albânia seja mais civilizada e verdadeiramente democratizada. Contrariamente a uma ideia muito espalhada, creio que o multipartidarismo é possível na Albânia. Em 1924, os albaneses escolheram como chefe do Estado um padre cristão, Fan Noli, que instaurou durante alguns meses um regime relativamente democrático.

- Não corre o risco, como muitos escritores exilados, de secar a sua fonte de inspiração?

- Absolutamente, é um risco. Mas eu sinto-me capaz de sacrificar a literatura.

«Censura mediterrânica»

- Ao fim e ao cabo os seus livros nunca foram proibidos?

- Proibido nunca fui, mas houve períodos em que me fizeram compreender que era melhor não publicar. «Sugeria-se» que os meus textos não fossem traduzidos, limitavam-se as minhas idas ao estrangeiro.

- Existe uma censura na Albânia?

- Censura à priori, não. Há antes um controlo das editoras. Chama-se o escritor e diz-se-lhe: «É preciso absolutamente suprimir esta passagem.» O escritor discute. A passagem é suprimida mas por vezes pode no último momento reescrever o que foi cortado sem que ninguém perceba. É a censura à mediterrânica.

- Para o escritor, os verdadeiros problemas começam, assim, depois da saída do livro?

- Desde o meu primeiro livro, «O General do Exército Morto», em 1963, que me criticaram a piedade que manifestava em relação aos italianos, nossos inimigos na última guerra. As coisas agravaram-se com «Le Grand Hiver», que conta a ruptura das relações albano-soviéticas. Houve três meses de campanha de Imprensa contra mim, organizada pelos comités do partido. De cada vez que eu saía à rua com a minha mulher as pessoas admiravam-se: «Olha, ainda não foram presos!?» Ninguém nunca mais nos telefonou. E depois, um dia, Enver Hodja disse em público: «Mas não é mau aquele livro, vendo bem.» A campanha parou imediatamente.

- Houve outras campanhas contra si?

- Houve, em 1975, por causa de um poema, «Os Paxás Vermelhos», que eu devia publicar numa revista. Acabou por nunca ser publicado, porque um jornalista da revista me denunciou antes mesmo da publicação. Pretendia-se que o poema apelava à queda do Governo. Tive que fazer uma autocrítica. Depois, durante meses, não pude publicar mais nada. No Ocidente, ninguém disse sobre isto uma palavra. E todas as embaixadas sabiam. Em 1982, quando publiquei «Le Palais des Rêves», ainda fui atacado, mas desta vez, eles tiveram a inabilidade de me atacarem abertamente e o Ocidente reagiu.

Ismail Kadaré

«Ninguém escapa à máquina»

- Você era membro da União dos Escritores. Isso constitui alguma protecção?

- A União dos Escritores participou nas campanhas contra mim. E o presidente da União, Dritero Agolli, foi ele próprio atacado várias vezes. Alguns dos seus livros foram mesmo ignorados pela crítica. Ninguém escapa à máquina. A máquina tritura os primos, os vizinhos, porque a Albânia é um país pequeno. Agolli vive no mesmo prédio que eu, no andar de cima. Já aconteceu cruzar-se comigo na escada depois de uma sessão em que me atacara. «Desculpa lá - disse-me uma vez -, não podia fazer doutra maneira. Fui obrigado».

- Estas campanhas porque nunca as denunciou no estrangeiro? Quando participou em «Apostrophès» você mostrou-se muito prudente.

- É verdade, tentei evitar escândalos inúteis. As coisas mais audaciosas disse-as na Albânia. Isso colocou-me alguns problemas com os jornalistas estrangeiros. Por vezes fui obrigado a iludir certas questões.

- Mas assim você deu uma caução ao regime. Até foi deputado!

- É verdade, fui deputado de 1970 a 1982. Era preciso um escritor no meio dos trabalhadores, dos biólogos, etc. Isso não me defendeu, antes pelo contrário. Foi o período durante o qual fui mais violentamente atacado. Um período muito duro, perigoso. Só os ingénuos podem pensar que eu fui uma montra do regime.

- Dizia-se, no Ocidente, que você tinha uma limousine do Estado.

- É ridículo. Enquanto director de uma revista trimestral, «Les Lettres Albanaises», é verdade que eu dispunha de um carro. Mas era um Volkswagen Golf. De qualquer modo, todos os direitos de autor dos meus livros, incluindo as traduções no estrangeiro, pagas em divisas, foram para os cofres da União dos Escritores. É a lei. Uma lei votada especialmente para mim, porque eu sou praticamente o único escritor albanês traduzido no estrangeiro. Viajo sempre com as despesas pagas pelo meu editor francês.

- A relativa liberdade de expressão de que gozam os escritores na Albânia deve-se pessoalmente a Enver Hodja?

- Ele viveu em França. Sabia que tocar nos escritores é perigoso. Mas eu diria antes que o escritor albanês beneficia de uma espécie de protecção anónima de toda a comunidade, apoiando-se numa muito antiga tradição literária albanesa. Há muitos intelectuais na Albânia. Em todas as famílias, há alguém que fala francês, inglês, alemão. Mesmo as crianças dos membros do Comité Central, lêem. Se um oficial causa algum aborrecimento a um escritor pode acontecer que o filho diga: «Ó pai, não tens vergonha? Ele é um bom escritor.»

- Você foi apresentado como um possível Vaclav Havel albanês. Pensa que um dia poderá ser levado a desempenhar um papel político importante no seu país?

- O efeito Havel complicou a minha vida. Toda a gente me perguntava: «Então vai tornar-se o Vaclav Havel?» Recebi muitas cartas e telefonemas. Todos diziam: «Tu és a única esperança do povo.» Mas quem dizia isto? As pessoas anónimas sinceramente, ou provocadores?

- Pensa que o regime albanês poderá manter-se como está durante muito tempo?

- Se apostar na democratização pode manter-se. Doutro modo, não. O comunismo não penetrou em profundidade na sociedade albanesa. Os albaneses, se quiser, são racistas. Para eles, todos aqueles que não partilham do seu código moral são amorais, exactamente como, entre os gregos antigos, todos os outros povos eram bárbaros. Este racismo desempenhou um papel na resistência passiva ao socialismo. Tendo-se libertado a si próprios do ocupante italiano e alemão, os albaneses prepararam e ofereceram-se a si mesmos o prato comunista. As ditaduras do século XX são mais refinadas, mais desenvolvidas, do que as antigas ditaduras. A sua força mais terrível e mais eficaz resulta de comprometerem toda a gente, mesmo os justos. Quando a gente pensa que as combate, objectivamente, está a ajudá-las. Outros acreditam que não fazem nada contra elas, e afinal fazem muito. As ditaduras alimentam-se de rios invisíveis.

Entrevista de Laurent Greilsamer e Daniel Schneidermann
Serviço exclusivo Le Monde/«DL»
Tradução de Rodrigues da Silva e Rui Eduardo Paes

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Durante o mês de Outubro voltou a haver cinema no São Luíz. Foi uma maneira de matar saudades de um tempo em que esta sala e o Tivoli disputavam a melhor clientela de Lisboa. Quando as estreias eram um acontecimento social e os filmes estreados eram «E Tudo o Vento Levou» ou «O Pirata dos Meus Sonhos»

Era uma vez num cinema de luxo

O que distingue uma sala de espectáculos, antiga e carregada de tradições, de um estúdio *pronto-a-comer* é algo de tão substancial quanto isto: na primeira, ao entrarmos é um pouco como se tranpuséssemos o limiar de um castelo, em tempos, habitado por guerreiros canonizados. Há uma atmosfera quase iniciática que predispõe ao sonho: um toque solene, um gradual baixar de luzes, uma cortina que se entreabre pouco a pouco, como a ciciar: «Nada é realmente tão importante que se interponha entre ti e o herói da fita».

Aquele que é hoje o Teatro Municipal São Luíz é também uma dessas salas de nome e memória fulgurantes. Deixou de ser cinema em 1970, mas o cinema tem-no revisitado entretanto, com este ou aquele ciclo, de que o actual é apenas mais um exemplo a considerar.

O Animatógrafo passou pelo São Luíz

A história do nascimento do São Luíz é sobejamente conhecida. Tudo começou há quase cem anos. Em 1892, o empresário teatral Guilherme da Silveira, o Visconde de São Luíz de Braga, Celestino da Silva -todos bem sucedidos em negócios no Brasil- Alfredo Miranda, Alfredo Waddington e António Ramos, sogro de Ramalhão Ortigão, formaram uma sociedade para a construção e exploração de um novo teatro na capital. O sonho longamente acalentado concretizou-se em 22 de Maio de 1894, data em que foi inaugurado com pompa e circunstância real no (então baptizado) Teatro Dona Amélia.

Os nomes mais carismáticos da cena portuguesa, e também da internacional, pisaram desde logo o palco daquela casa: Augusto Rosa, Eduardo Brasão, Chaby Pinheiro, Adelina e Aura Abranches. Ali se estreou Amélia Rey-Colaço e por ali passaram duas rivais há muito aureoladas pelo mito: Eleonora Duse e Sarah Bernhardt. Mas tais honras não bastavam a quem dirigia os destinos do jovem teatro.

Em 1895, o mundo pulou e avançou porque alguém sonhara em grande. Esse alguém eram os irmãos Lumiére e o sonho o animatógrafo. A primeira representação pública ocorreu a 22 de Março de 1895, diante da francesa Sociedade de Encorajamento à Indústria Nacional. Em Dezembro, o espectáculo, apresentado no «Grand Café», tornava-se uma atracção popular a juntar ao que era oferecido pela Paris de Eiffel e da Exposição Universal.

Lisboa não resistiu aos encantos da Belle Époque e, volvidos seis meses, engalanou-se para acolher o animatógrafo. A estreia aconteceu no Real Coliseu da Rua da Palma, a 18 de Junho de 1896, chegando ao Porto pouco depois, onde o grande acontecimento tomou o Teatro Princípe Real por cenário. O sucesso do espectáculo justificava novas exibições. Em Agosto, o então Teatro D. Amélia chamou o público a assistir aos quadros animados dos irmãos Lumiére.

Em 1911, o cinema progredira substancialmente. Deixara de se constituir uma efémera curiosidade comercial para aspirar ao estatuto de arte maior. Simulam-se situações para filmar, o que, evidentemente, não acontecia com o animatógrafo, cujo propósito era fixar o real quotidiano só porque, com isso, se registava movimento. Os intelectuais aderem e é assim que os iremos encontrar no Jardim de Inverno do Dona Amélia (entretanto crismado «República»), em que durante um breve mês, funcionou o cinematógrafo «The Wonderful».

São Luíz: era uma vez uma sala de elite

«Metropolis» na inauguração dum grande cinema

Reconstruído pelo arquitecto Tertuliano Ramos após o devastador incêndio de 1914, o já chamado São Luíz transformou-se na noite de 7 de Abril de 1928 no cinema de luxo que seria durante 43 anos consecutivos. E para a inauguração de uma sala histórica, nada melhor que um filme igualmente destinado às antologias. A «Metropolis» de Fritz Lang coube a honra de abrir o cinema São Luíz, no sábado de Aleluia de 1928.

O cinema de vanguarda, tanto quanto o permitia a censura, continuou a ser visto ali. Em 27 de Maio de 1930, por exemplo, ocorre outra estreia digna de primeira página: « Prémio de Beleza» de Augusto Genina, com Louise Brooks no principal desempenho, no mesmo ano de conclusão do filme.

Mas houve muito mais e melhor. Houve, por exemplo, a série Andy Hardy, com Mickey Rooney e, em alguns casos, com Judy Garland, «Paixão de Marinheiro» de George Sidney, «As Mil Apoteoses de Ziegfeld» de Minnelli, «O Prémio do Teu Amor» de Berkeley, os filmes dançados por Ginger e Fred, «Rapsódia Azul», «Primavera» com a popular dupla Jeanette MacDonald e Nelson Eddy, «A Viúva Alegre» de Lubitsch, «Um Lugar no Céu», primeira obra de Minnelli e (outros supremos desvarios do mago dos musicais): «O Pirata dos Meus Sonhos» e «Meet Me in Saint Louis».

Palmarés assim tão nobre só o ostentado pelo Tivoli, onde passaram «Jezebel», «O Monte dos Vendavais», «O Mundo a Seus Pés», «O Vale Era Verde», «A Canção de Bernadette», «Breve Encontro», «Duelo ao Sol», «Eva», «O Comboio Apitou Três Vezes» e todos os melhores Walt Disney.

A rivalidade entre o São Luíz e o Tivoli, cujo emblema escolhido por Frederico Mayer, era o ramalhete de quatro rosas, foi sempre patente, mas gratificante para o espectador. Durante os anos de ouro do celulóide, estas salas entretanto já desactivadas, foram divulgando o que de maior se fazia em cinema, no estrangeiro, como em Portugal.

O melhor cinema português

Num ponto se superiorizou o São Luíz ao Tivoli: a atenção prestada ao cinema português. Na noite de 18 de Junho de 1931 estreava, nesta sala, o primeiro fonofilme nacional: «A Severa» de Leitão de Barros. Mas se tal não bastasse para tornar o São Luíz uma sala de passado mágico, convém acrescentar que também aqui estrearam (por vezes, com assinalável êxito) «A Canção de Lisboa», «A Canção da Terra», «João Ratão», «O Primo Basílio», quase toda a obra de Arthur Duarte e, muito mais tarde, esse autêntico marco de viragem que foi «Os Verdes Anos» de Paulo Rocha.

A preferência tinha explicação. Os homens do São Luíz estavam indelevelmente ligados aos meios cinematográficos nacionais. Sonharam fazer da cinematografia portuguesa uma cinematografia maior. João Ortigão Ramos que, em 1934, assumira a direcção do Teatro, era também produtor de cinema e, de tal forma activa, que se conta entre os fundadores da Tóbis. Outro homem que passou por aquela casa quase centenária foi Fernando Fragoso. A sua ligação ao mundo do cinema é conhecida: para além das revistas especializadas em que trabalhou, escreveu diversos guiões para Arthur Duarte, cuja obra, já o dissémos, estreou maioritariamente no São Luíz.

A noite de «E Tudo O Vento Levou»

Em 19 de Setembro de 1943, o «Costa do Castelo» interrompeu a sua (assinalável) carreira no São Luíz. Outros valores mais altos se levantavam: na noite de 20 de Setembro, num ecrã português, surgiu, pela primeira vez, a expressão «David O. Selznick Productions», seguido das quatro palavras mágicas da época: «Gone With The Wind». Foi fogo e paixão a soltarem-se das bobines, num *technicolor* de sonho.

Era o tempo em que alguns critícos de cinema se ocultavam sob pseudónimos misteriosos. Participavam na grande festa do *glamour* que era o cinema de então e inspiravam-se nos heróis de guerra. O crítico do DL assinava Visor 42 e tomou-se também ele de amores pelo filme. No dia seguinte à estreia no São Luíz, concluía assim a sua apreciação na página «Teatros e Cinemas»: «E Tudo O Vento Levou», com o seu forte acento romântico, é uma obra inesgotável. O cinema deu-lhe um tom grandioso. Vestiu-a de côr, musicou-a em sinfonias maravilhosas, e deu-lhe uma interpretação excepcional. Dura quatro horas este milagre do cinema. Pode considerar-se como um dos seus mais belos prodígios».

Enquanto o cinema foi espectáculo e grande entretenimento, o São Luíz conheceu noites destas. Com os seus mil lugares, estreias houve em que a lotação era quase totalmente reservada pelos chamados *habituées*, os mesmos que frequentavam a Brazileira, o Grémio Literário ou o São Carlos: os elegantes do Chiado elegante que, à sua maneira, também o vento levou.

Maria João Martins

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NESTLÉ PORTUGAL
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

APRESENTAM

CICLO
GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS
1990/91

NOVEMBRO

• COLISEU DOS RECREIOS às 21.30

Sábado, 3
WIENER SYMPHONIKER
GEORGES PRÊTRE, maestro
BRAHMS Sinfonia n.º 4 em mi menor, op. 28 • Quatro Danças Húngaras
STRAUSS O Cavaleiro da Rosa (suite)

Quarta, 21
ORQUESTRA SINFÓNICA DE NOVOSIBIRSK (URSS)
ARNOLD KATZ, maestro
DIMITRI BASHKIROV, piano
BEETHOVEN Concerto para violino e orquestra em ré menor, op. 61 (versão para piano do compositor) / CHOSTAKOVITCH Sinfonia n.º 10 em mi menor, op. 93

BILHETES À VENDA

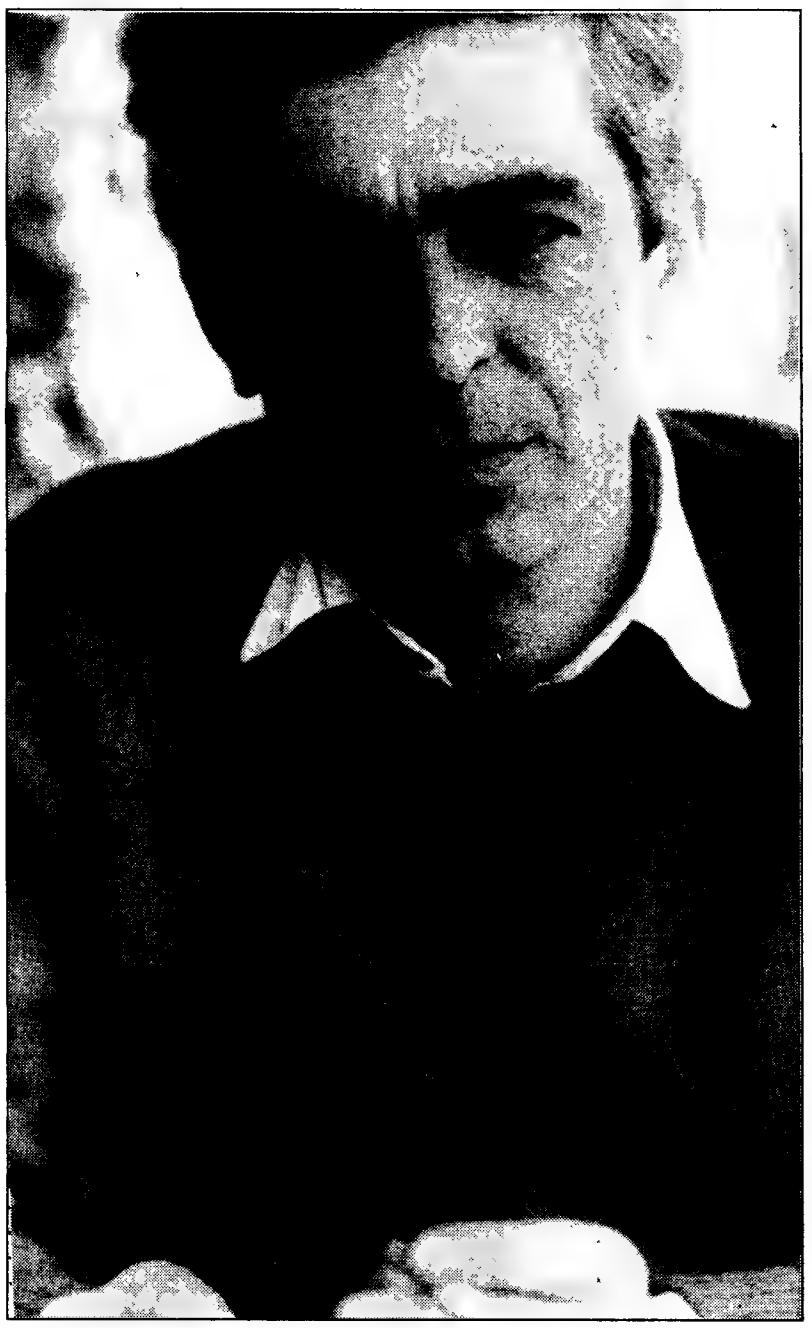
apoio publicitário Rádio Comercial · Correio da Manhã Rádio · antena 2 · RTP

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Meia dúzia de anos depois de «Ricardo III», a Cornucópia regressa a Shakespeare com «Muito Barulho por Nada». Da tragédia para a comédia, mas não para uma comédia qualquer. Com ela, Luís Miguel Cintra continua a reflectir sobre o teatro. E provoca-nos... Numa sociedade banalizada e normalizada, como esta em que vivemos, ele atira-nos à cara com a utopia

Teatro modo de usar

«Muito Barulho por Nada» estreia-se no próximo dia 9, no Teatro do Bairro Alto. É um dos maiores investimentos de sempre da Cornucópia que, neste espectáculo, reune 27 pessoas em cena, entre actores, músicos e figurantes. Disto fala Luis Miguel Cintra daqui a nada na entrevista. Lá mais para a frente, ele dirá também do porquê desta peça, num aqui e agora em que nada acontece. Como segue...



Luís Miguel Cintra

-«Muito Barulho por Nada» é uma peça da maturidade de Shakespeare, muito representada em Inglaterra e pouco representada no estrangeiro.Talvez por problemas de tradução, talvez porque, no estrangeiro, as comédias de Shakespeare são menos representadas do que as tragédias.

-Esta comédia fala de quê ?

-Penso que o assunto fundamental descobri-o há pouco tempo e não no início dos ensaios -é a questão da verdade e dos enganos. Um tema de que eu gosto e que tem a ver com o teatro como forma de conhecimento. Esta comédia gira toda ela em torno de enganos, mentiras, *qui pro quo*. É através dis-so que se sofre e se tem alegria. Só isso existe. Trata-se do problema das máscaras para che-gar à verdade. Mas, quando peguei na peça, não foi por este ponto de vista.

-Então foi por qual ?

-Pelo lado do retrato de uma sociedade ideal. As pessoas amam através de brincadeiras, de conversas. Vivem em grupo a jogar com valores importantes como a honra, a fidelidade, a amizade, o amor. A peça passa-se numa ilha, a Sicília, na cidade de Messina, mas uma Messina imaginária, uma espécie de Arcádia. Aí, um grupo de soldados vem descansar da guerra e esse lugar é como uma Ilha dos Amores, onde se projectam o ideal de Homem e de Sociedade de Shakespeare e da sua época, um ideal fascinante, um ideal humanista.

-E foi isto que te fascinou . Pelo menos de início...

-Sim. Mas, como acontece com todas as peças de Shakespeare, o que dela se extrai depende do ponto de vista por que se aborda. O material é inesgotável. Esta peça namoro-a há anos. Para aí há dez que a Sophia me entregou a tradução, dizendo que, se eu quisesse, ela gostaria de a ver representada. Fui sempre adiando, porque é um espectáculo caro. Tem muita gente, 27 pessoas em cena, entre actores, músicos e figurantes. Mas neste monento senti que tinha conseguido reunir um elenco adequado, com actores que já se conhecem muito bem.

-Os actores da companhia e mais quem?

-José Wallenstein, Ruy Furtado, Luisa Cruz, Maria José, Miguel Guilherme, Adriano Luz, António Fonseca, Luis Lucas e Manuel Cintra, que entra como actor e como músico.

-Disseste que era uma peça cara. A Cornucópia está melhor de finanças ?

—Oh...Foi esticar os tostões até ao último e fizemos uma montagem barata. Quer dizer, encolhemos na montagem para poder ter gente. E músicos, até porque a música é importante, a peça prevê canções. Numa sociedade de prazer e alegria, a música é um valor essencial.

-De quem é a música ?

-De Constança Capdeville e dos dois músicos que trabalham com ela, a Paula e o Miguel Azguime, que formam o Miso Ensemble.

«Como se nada fosse urgente...»

-Porquê Shakespeare (este Shakespeare) agora, na Cornucópia ?

-Ao contrário do que acontecia há uns anos, em que eu sabia muito bem a relação imediata com o público que cada peça tinha, agora cada vez me é mais difícil saber. Assim, vai deixando de haver razões próximas para a oportunidade das peças.

—E porque é que deixaste de saber isso que sabias dantes ?

-Porque a vida se banalizou e nada muda. Passam os anos, as pessoas continuam sempre a viver da mesma maneira, numa sociedade que não é particularmente interessante, Daí que cada vez seja mais difícil saber o que é urgente fazer. Como se nada fosse urgente... E, assim, é muito difícil o teatro ter uma função de intervenção na sociedade como eu acho que devia ter. Quando eu escolho esta peça, no fundo estou a chocar a sociedade banalizada e normalizada em que a gente vive. É quase como estar a representar um sonho ou uma utopia. E é um bocadinho para aí que anda a minha vontade ao fazer uma peça destas. Uma peça que conta uma história aparentemen-te tão ou mais banal que uma telenovela. Mais inverosímel até. E por ser inverosímel, eu gosto mais. Mas essa é, provavelmente, uma razão que levará o público a gostar menos.

-A propósito de público. No outro dia, um inquérito revelava que o público da Cornucópia era o mais culto de todos. Só que, no fim dos espectáculos, ía para casa, contrariando o comportamento do público de outras companhias. Explica lá o fenómeno.

-Se julgas que isso me agrada... Não me agrada mesmo nada que o público, depois de ir ao teatro, vá para casa dormir ou fique a pensar sozinho, incapaz de conviver.

-Qual é a idade da maioria do vosso público ?

-É gente muito nova. Ou então gente já muito mais velha. O público que temos menos é o dos 40 anos.

-Estão a fazer pela vida, deixa-os lá... Mudando de assunto: disseste ao «Se7e» que gostarias de realizar filmes. Isso é um sonho ou tens para aí algum projecto na manga ?

-Não tenho projecto nenhum. Mas, de facto, gostava imenso de fazer um filme, como prolongamento do trabalho com os actores. O cinema tem uma meticulosidade tal no trabalho com os actores que é muito interessante. Mas para mim, num filme, não seria tanto o processo de criar imagens que me atrairia, mas o de radiografar pessoas.

-A propósito: como vai a «Divina Comédia», do Manoel de Oliveira ? Já começaram as filmagens ?

-Já, embora eu ainda não tenha feito nada.

-É o teu quinto Oliveira. Desta vez fazes de quem ?

-De Profeta...

Rodrigues da Silva

Václav Havel: como se fora um filósofo...

«Interrogatório à Distância», a longa entrevista dada em 1985 por Václav Havel a um jornalista da então RDA, sai no próximo dia 8 em livro com a chancela da Editorial Inquérito.

Podia ser apenas mais um lançamento editorial, mas não é o caso. E não é porque Havel, se hoje não é um Presidente qualquer, já então não era um qualquer dissidente. Esta entrevista revela que, acima de tudo, mesmo acima da sua condição de escritor, Havel é como se fora um filósofo, capaz de reflectir sobre a condição do Homem.

Abra-se, por exemplo, este livro a páginas 28 e atente-se no que diz Havel em entrevista:

— *O funcionamento de uma empresa como a IBM é, sem dúvida, melhor do que o das fábricas Skoda, mas, do ponto de vista que nos interessa aqui, isso não muda nada: as duas empresas perderam há muito a dimensão humana e os seus trabalhadores são meras peças de uma engrenagem. Não conhecem os produtos que fabricam, nem as razões da sua produção nem os seus efeitos no Mundo. Diria mesmo que a situação da IBM é pior do que a da Skoda, porque se a Skoda fabrica de vez em quando um reactor atómico de tipo antigo para satisfazer as necessidades de países pouco desenvolvidos do COMECON, a IBM, por sua vez, inunda o mercado mundial com computadores cada vez mais perfeitos sem que os seus trabalhadores possam imaginar e ainda menos influenciar os seus efeitos na alma humana e na sociedade, já não conseguem aperceber-se se os seus produtos oprimem ou libertam a sociedade, se a afastam ou aproximam do apocalipse.*

A citação é longa mas terá valido a pena para se perceber melhor quem é Havel, que hoje, cinco anos depois (e que cinco anos...), continua a assumir esta entrevista e, inclusive, faz sobre ela uma breve apresentação ao público português.

Quem teve a sorte deste Verão partilhar da festa de uma cidade como Praga, subitamente enebriada pela liberdade, lendo agora «Interrogatório à Distância», entenderá melhor a razão porque Havel, por toda a parte, era ali o Presidente amado.

Que, por sua vez, ele esteja hoje à frente dos destinos do mais amado dos países de Leste é talvez sorte excessiva. Mas os países que — como a Checoslováquia — tantas vezes viveram a tragédia, chega um dia em que acabam por merecer os favores dos deuses.

R. da S.

APE atribui prémios revelação

Os prémios literários de revelação nas modalidades de poesia, ficção e ensaio, referentes a 1989, foram ontem atribuidos pela Associação Portuguesa de Escritores.

Os prémios, que serão entregues na segunda-feira, foram atribuidos a José Alberto de Oliveira Quaresma, na modalidade de poesia, com a obra "A Pose Extática", a Alberto Oliveira Pinto, na categoria de ficção, com o título "O Senhor de Montenedo", e a António Cândido Franco, para o ensaio "O Poema Maranus de Teixeira de Pascoaes".

Betty Carter hoje em Lisboa

A cantora norte-americana Betty Carter dá hoje um concerto único em Portugal, na Aula Magna, às 21h30. A acompanhar a cantora de jazz estarão no piano Marc Cary, no contrabaixo Dwayne Burno e na bateria Gregory Hutchinson. Na primeira parte actuará o Sexteto Projazz.

«Palco»: tudo sobre palco

É uma revista bimestral, retomada de um longo silêncio, saiu agora o número 1 dos nossos dias e chama-se «Palco». Na capa, numa caricatura de Rui, o actor Raúl Solnado — e ao longo das 34 páginas da nova publicação notícias soltas, mas de interesse sobre agrupamentos teatrais: Tear, Grupo Teatro Hoje, Comuna, Cornucópia, Teatro Nacional D. Maria II, TEC, A Barraca, Seiva Trupe (e os seus problemas), etc.

Baptista-Bastos assina o artigo (motivo da capa) «Photomaton & Vox» — e, sobre o mesmo actor, assinado por António Alçada Baptista, o escrito «O Homem». Da autoria de Carlos Porto, o artigo «O Actor». Depois...

Bem, depois, um «Dossier sobre a SEC», de interesse para toda a classe — e outros motivos mais, os quais, muitas vezes, se podem limitar a uma simples fotografia (neste número, Adelina Abranches, extraído de um número antigo da revista agora nos escaparates).

Companhia de Bailado de S. Carlos abre temporada no Porto

Com o mesmo velho «D. Quixote», importado em Março passado do Teatro Bolchoi de Moscovo, a Companhia Nacional de Bailado iniciou na passada sexta-feira a sua nova temporada no Coliseu do Porto.

Naturalmente que todos nos devemos congratular — e muito especialmente o muito público nortenho — pela acção descentralizadora que este facto revela, aliado ao anúncio de pelo menos mais três programas no Teatro Rivoli ao longo dos próximos meses.

Deste vistoso e longo bailado soviético, tão ao gosto de um certo público que ainda vibra com as grandes estravagâncias coreográficas vinculadas à época czarista russa, pouco mais há a acrescentar àquilo que em devido tempo foi referenciado nas páginas do «Diário de Lisboa».

Todavia, uma representação única «fora de portas», deu-nos a oportunidade de apreciar o trabalho da companhia em início de época — agora sem o peso e a responsabilidade de agradar a «russos e lusitanos» — num «D. Quixote» mais solto e informal.

Desta vez, já sem o gabarito das «estrelas convidadas» nem a presença da orquestra ao vivo, e diante de um público tradicionalmente generoso, a CNB viu-se assim entregue à sua sorte, apostando naquilo que lhe restou da primeira versão de Eric Volodine: o talento de muitos dos seus bailarinos. Num Coliseu «bastante composto», o sucesso desta espécie de opereta coreográfica — cuja tecitura dramática vagamente inspirada na obra de Miguel de Cervantes Saavedra é bastante lassa — muito se ficou a dever à vitalidade e alegria do seu par principal, o italiano Francesco Villicich e a tripeira Cristina Maciel.

No papel de «Basilio», este artista recém-chegado à companhia (e um dos muitos estrangeiros que nesta temporada parece terem vindo substituir em cena alguns dos nomes que ao longo de muitos anos têm feito aquilo que é hoje a Companhia de Bailado do Teatro Nacional de S. Carlos) é um jovem tecnicamente competente, energético e capaz de contagiar colegas e público. Formando com Cristina Maciel uma dupla bastante comunicativa (e de espírito vincadamente meridional), Villicich protagonizou um barbeiro interessante, mas mais irrequieto do que galã e bem mais audaz que polido.

Picante, descontraída e tecnicamente segura, Cristina Maciel — a nossa melhor «soubrette» — demonstrou possuir um perfil para encarnar uma «Quitéria»... «Swanilda» ou «Lise», na linha das melhores «ballerinas» internacionais...

Mas também não deverão ser esquecidas as interpretações de outros artistas, que já no próximo dia 9 retomarão este «D. Quixote» no S. Carlos, nomeadamente o cómico Henrique Andrade e o sonhador Luís Moreira, respectivamente nos difíceis papéis de Sancho Pança e do seu amo. Também vai um bravo especial para a desenvoltura da «bailarina da rua» de Isabel Fernandes, para a finesse e depuração técnica de Laure Barreault (na Rainha das Dríades), para a sensualidade e bom gosto de Sónia Abrantes em Mercedes e, finalmente, para Lúcia Marta numa cigana intensa e perturbante.

Pena foi que este enlace nupcial de Quitéria e Basílio — apadrinhados pelo «Cavaleiro de Triste Figura» e seu fiel criado — se resumiu a somente uma noite de festividades!

Talvez a cidade do Porto, através de um organismo em vias de formação, o Dança-Norte, comece a exigir um pouco mais de uma companhia que, afinal de contas, deve ser por vocação nacional.

António Laginha

«Generosidades da Alma», coreografia de Rui Nunes

Projectos coreográficos namoram a Europália

Quatro dos seis trabalhos premiados num recente concurso coreográfico promovido pelo Comissariado para a Europália 91, estarão hoje e amanhã pelas 21 h e 30 em cena nos claustros do Convento do Beato. Dos desasseis projectos concorrentes — todos eles da autoria de jovens artistas pouco conhecidos nos nossos meios teatrais — poder-se-ão ver agora obras de Susana Vassallo e Silva, Miguel Pereira, José Laginha e Rui Nunes.

Juntamente com o convite endereçado a alguns coreógrafos para a produção de trabalhos originais (em colaboração com a Bienal Universitária de Coimbra) esta é uma das acções promovidas pelo Comissariado com o fim de seleccionar obras de autores portugueses a apresentar entre Setembro e Dezembro de 91 em diversas cidades belgas.

Algumas das quatro peças em estreia seguirão para Coimbra onde irão posteriormente emparceirar com outras da autoria de Vera Mantero, Paula Massano, Joana Providência, Paulo Ribeiro, Francisco Camacho, João Fiadeiro e Olga Roriz.

O que, segundo Gil Mendo — o assessor para a Dança do Comissariado — possivelmente despertará maior curiosidade nesta pequena mostra coreográfica, é o facto destes jovens criadores apostarem num trabalho de colaboração entre bailarinos e actores, prática ainda pouco comum na dança portuguesa contemporânea.

«A única obra executada por artistas com formação exclusiva am dança é a de Susana Vassallo e Silva, a qual tem uma duração de mais ou menos dez minutos e é inspirada numa escultura do açoriano Canto da Maia. Miguel Pereira apresentará um trio feminino — duas bailarinas e uma actriz, todos de origem belga — de ambiente onírico, em que a palavra tem um papel preponderante e sugestivamente intitulado «Histórias de Espírito e Deleite».

José Laginha aposta na música de outro jovem, o compositor Nuno Rebelo, para um trabalho que será executado por ele próprio, dois actores e duas bailarinas. Finalmente, Rui Nunes far-se-á acompanhar do actor João Cabral no dueto «Generosidades da Alma», que terminará o programa.

No início de uma temporada ainda pouco consistente, mas que desde já promete boa dança, uma proposta bem diversificada que oxalá nos surpreenda!

A entrada será gratuita para ambos os espectáculos.

A.L.

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem

Medo

de

VIRGÍNIA WOOLF ?

de EDWARD ALBEE

Com: Fernando Jose Oliveira, Isabel de Castro, Maria Jose Pascoal, Mario Jacques

Encenação: Fernanda Lapa

Cenografia: Jose Manuel Castanheira

Figurinos: Jasmim de Matos

EM CENA de terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00.
Marcações pelos telefs.: 87 56 26/87 58 00

APOIOS: Câmara Municipal Lisboa; C.C.C. — Creative Business; Conde & C.A., LDA.: Robbialac; Vítor Hugo; Voz do Operário; Antena-1; «Jornal de Letras»; Rádio Comercial

PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA — SALA 1

TERÇA A SÁBADO — 21.30 • DOMINGO 17H

O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSÉ MÁRIO BRANCO
M/12
2.º MÊS

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOÃO GOMES
M/16

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL

APOIOS F. GULBENKIAN • REMÉDIOS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSÍDIO S.E.C.
MARCAÇÕES T. 726 0818
PÚBLICO

Palácio da Ajuda

O Palácio da Ajuda encerra hoje, reabrindo as suas instalações no dia 6. O encerramento temporário tem em vista a «optimização das condições oferecidas ao público».

Cinanima 90

O Festival Internacional de Cinema de Animação -Cinanima 90- decorre em Espinho, de 13 a 18 de Novembrto. Serão exibidos 160 filmes, oriundos da Europa, América e Austrália. Portugal apresenta oito filmes, entre os quais dois publicitários.

Ópera no Porto

No Teatro Rivoli, realiza-se hoje, uma Noite de Ópera, por iniciativa da Câmara Municipal do Porto. Serão interpretadas obras de Mozart, Rossini, Puccini, Verdi e Bizet. Dirige a orquestra o maestro José Ferreira Lobo, actuando como solistas a soprano Maria Teresa de Castillo e o tenor Rui Taveira.

DESPORTO

Esta tarde, no Jamor, perante a França

Juniores de Portugal: «allons, enfants!»

Hoje, às 15 horas, com entradas livres, efectua-se no Estádio Nacional o jogo Portugal-França entre equipas de juniores A (sub/17), embate que conta para a fase de qualificação do Europeu da categoria. Portugueses e franceses vão ainda defrontar as selecções do Luxemburgo e da Dinamarca, seus pares na discussão para atingir a etapa final da prova, que decorrerá em meados de 1992 em local ainda por definir.

O compromisso desta tarde apresenta-se aos portugueses como um teste à sua capacidade, designadamente na resposta a dar aos sectores que lhe apontam uma certa fragilidade, o que (no entanto) vem sendo contrariado pelas declarações da equipa técnica liderada por Carlos Queiroz e incluindo Nelo Vingada e Rui Caçador.

No trabalho produzido no longo estágio que vem sendo cumprido no Jamor, a selecção portuguesa tem respondido bem à preparação orientada pelos técnicos, que tiveram a possibilidade de analisar a equipa nos jogos-treino realizados com várias formações seniores, o último dos quais frente ao Estrela da Amadora. Esta manhã, Carlos Queiroz disse que «há pequenos pormenores a ter em conta, que aconselham moderação na escolha da equipa inicial, especialmente se estiver a chover logo à tarde».

Esta partida (não-decisiva para a campanha portuguesa) será dirigida pelo árbitro espanhol Raul Garcia Loza. Equipas mais prováveis:

Portugal: Costinha; Andrade, Hugo, Hélio e Kennedy; Costa, Poejo e Sérgio; Porfírio, Nuno Santos e Luizinho.

França: Cado; Darbelet, Dicanot, Moulain, Spinela; Diomede, Roussel, Bocher, De Blassis; Petit e Garcia.

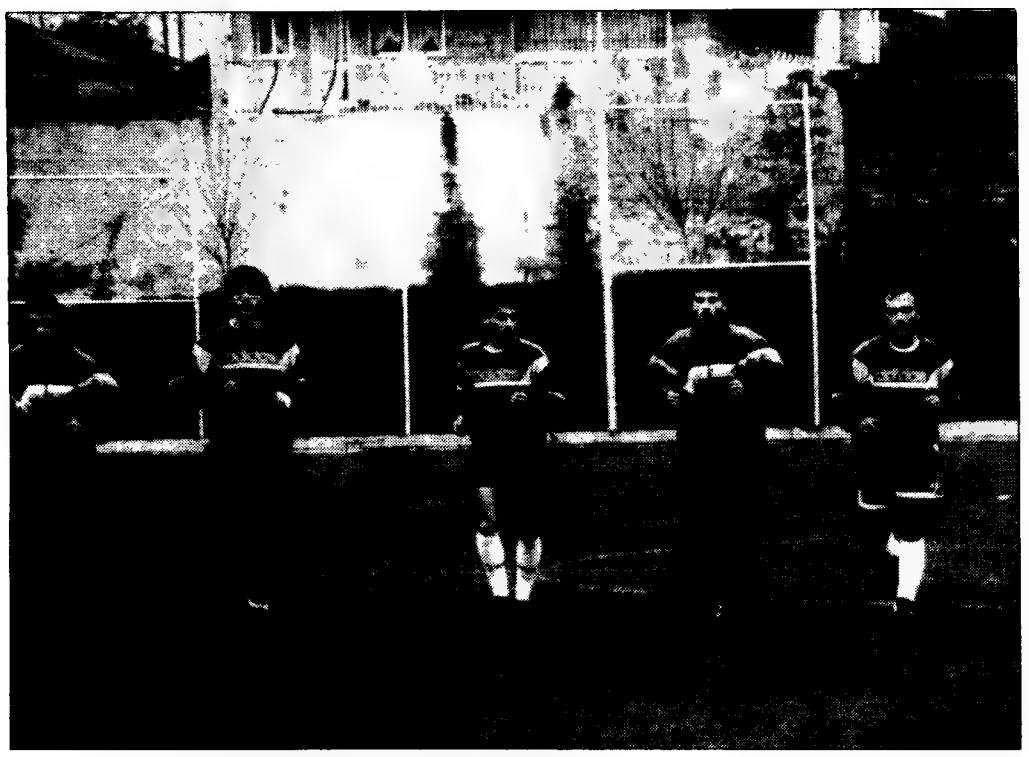
Esta manhã, Nelo Vingada adiantou:

— *Sabemos que a França tem alguns jogadores lesionados, mas também se prepara para lançar cinco nomes novos. Não estamos apreensivos: temos equipa para ganhar.*

Hoje há futebol de 1.ª

Também hoje, mas às 21 horas, o Benfica recebe o Gil Vicente e o Vitória de Setúbal joga com o União da Madeira (no Bonfim) em encontros que estavam em atraso desde a 1.ª jornada do Nacional de futebol da 1.ª Divisão. O Benfica tem 15 pontos e se ganhar, isola-se no 2.º lugar, a um ponto do líder (Sporting). O Gil Vicente é 5.º classificado, com 11 pontos. O Vitória de Setúbal tem 6 pontos, menos um em relação ao seu adversário de hoje.

Com a realização destes dois encontros, o Campeonato fica com as «contas certas». Isto é: deixa de haver jogos em atraso.



Nas Antas os extremos tocam-se: Branco pode sair, André deseja regressar

Nota saliente do «team» da Luz: o treinador Eriksson voltou a convocar Pacheco para estágio, depois de ter abdicado do seu concurso no embate com o Nacional (da Madeira), na sequência do «amuo» que precedeu declarações públicas do avançado internacional, onde equacionava os processos tácticos do Benfica na recente temporada.

Porto permite saída de Branco

Jorge Nuno Pinto da Costa, presidente do FC Porto afirma a sua disponibilidade para negociar o futebolista Branco com o Génova (de Itália). «A direcção do FC Porto enviou, na passada semana, um fax ao Génova comunicando-lhe aa nossa disponibilidade (caso estejam interessados) em negociar o atleta Branco», garante Pinto da Costa.

O dirigente máximo dos azuis-brancos revelou ser política do seu clube «negociar jogadores para os quais tenha alternativa desde que sejam salvaguardadas as devidas condições. E temos já recursos para todos os lugares do 'team'».

Por seu lado, Branco afirma nada saber «acerca do possível interesse do clube italiano» sustentando só querer continuar a trabalhar para ajudar o seu clube a revalidar o título de campeão nacional. «Tenho ouvido muita gente falar de Génova me pretender, mas comingo ainda ninguém falou» — garante Branco.

Em declarações ao programa «Bola Branca» (da Rádio Renascença) Jorge Pinto da Costa é jocoso:

— *Fala-se muito do Branco poder ir embora, mais propriamente do interesse do Génova no seu concurso. Mas, certamente porque tem havido muito nevoeiro sobre as Pedras Rubras, ainda não apareceu nenhum enviado de qualquer clube a querer negociar Branco...*

Garcia: agora a responsabilidade de tirar o Sporting de Braga da má posição nacional

O presidente Alberto Silva e o resignante técnico Raul Águas: desfaz-se ligação bracarense

Ali Hassan no Nacional?

Decorrem negociações entre as direcções do Nacional e do Sporting com vista à eventual cedência, por parte do clube de Alvalade do jogador moçambicano Ali Hassan. Recorde-se que Hassan tem contrato com o Sporting até 31-7-92 mas, dado o número excessivo de estrangeiros que integram o seu quadro, poderá facilitar as negociações.

Barreirense reforça plantel

Contrariamente ao que é tradicional nos clubes portugueses, o Barreirense optou por reforçar o plantel em vez de proceder ao despedimento do treinador (Gabriel Mendes). Assim, o clube do Barreiro assegurou o concurso de Matos (Portimonense) e do uruguaio (ex-Peñarol) Marcelo Rotti.

Recorde-se que o Barreirense ainda não conseguiu averbar qualquer triunfo, registando três empates e três derrotas nos nove encontros efectuados a contar para o Nacional da Divisão de Honra.

Amanhã há futebol

Amanhã cumpre-se a 10.ª jornada dos Nacionais da Divisão de Honra e da II Divisão e a 9.ª ronda da III Divisão. Quanto a alterações dos recintos, são as seguintes: Amarante-Delães (Campo do Carvalhal, em Fridões), Oriental-Lusitano de Évora (Campo da Picheleira) e Olivais e Moscavide-Amadora (Campo n.º 2 de Alvalade).

Portosantense ameaça desistência

O Clube Desportivo Portosantense, da série «E» do Campeonato Nacional de futebol da terceira Divisão, ameaçou abandonar a competição caso subsistam as dificuldades no que se refere aos transportes aéreos.

A direcção do Portosantense refere em comunicado que a possibilidade de abandonar o Campeonato da terceira Divisão poderá verificar-se já amanhã, no encontro da nona jornada com o Estremoz, marcado pela Federação Portuguesa de Futebol.

A escassez de ligações entre a ilha do Porto Santo e o exterior, e o facto da TAP dispor apenas de um pequeno aparelho de 18 lugarres (insuficiente para uma comitiva normal do clube) no percurso Funchal-Porto Santo-Funchal, são as razões apontadas para esta decisão.

Esta situação, recorda a direcção do Portosantense, faz com que o clube, quando tem de sair da ilha do Porto Santo para jogar fora de «casa», seja obrigado a viajar em dois ou três horários diferentes, devido às limitadas capacidades do aparelho.

A verificar-se a ausência do Portosantense no jogo de amanhã quinta-feira, com o Estremoz, esta ficará a dever-se ao facto de a TAP não ter garantido, com a antecedência devida, as necessárias reservas, obrigando o clube a ter de regressar ao Funchal — caso se desloque ao continente — na noite de sexta-feira, para jogar no domingo, no Porto Santo, frente ao Marinhais.

Ex-presidente da Concaf: óbito

O ex-presidente da Concaf, o mexicano Joaquim Soiria Terrazas, faleceu ontem na Cidade do México, vítima de doença gastrointestinal.

Terrazas, ex-mandatário da Confederação de Futebol Centro-Americana e das Caraíbas e dirigente, durante 25 anos, da federação mexicana da modalidade (até 1970), encontrava-se doente há já um ano, segundo informou o filho [redacted].

Soria Terrazas foi membro fundador da Concaf, em 1961, e ascendeu à presidência do organismo sete anos depois, cargo que desempenhou até Abril passado.

Árbitros agredidos em Espanha

O trio de arbitragem do Colégio de Málaga, chefiado por Soler Cano,, que dirigiu o encontro Motril-Polideportivo Almeria, do Grupo IX da terceira divisão de futebol de Espanha, foi vítima de agressão no final do jogo.

A equipa de arbitragem, no regresso, viu-se forçada a passar por entre o público, de onde surgiram os agressores, irritados pelo facto de o árbitro ter expulso um jogador da equipa local, que os mesmos exaltados consideraram ter sido prejudicada em vários lances, entre eles uma grande penalidade.

BREVES

Xadrez: 4x4 no Mundial

Reatada a 8.ª partida do Mundial de xadrez, cuja primeira fase está a decorrer em Nova Iorque (a segunda fase terá por cenário a cidade francesa de Lyon) e de que ontem demos notícia até ao lance 40.°, registou-se mais um «nulo» pelo que, neste momento, Karpov e Kasparov, estão empatados 4-4.

Relação dos lances após o reatamento até final do jogo:

Kasparov (brancas)	**Karpov** (pretas)
41. RG3	CXD5
42. QG4	QC7
43. QD4	QD6
44. KH1	RE8
45. QG4	QD7
46. RD3	RE1+
47. KH2	RE4
48. QG3	RE5
49. RA3	RE8
50. QF4	QB7
51. KH1	QB8
52. QH4	QB6
53. QB4	D4
54. RG3	QC7
55. RD3	QC1+
56. KH2	QF4+
57. RG1	QC1+
58. KH2	QF4+
59. QG1	RC8
60. RD1	RD8
61. QXB5	WE3+
62. KH1	D3
63. QA5	QD4
64. QA1	QB6
65. QA2	KG7
66. QD2	QC5
67. QF1	RD4
68. RF3	QD6
69. RE3	RB4
70. RE1	H5
71. RB1	QD7
72. QD1	KH6
73. QD2+	KG7
74. QE3	H4
75. QF3	KH6
76. QE3+	KG7
77. QF3	D2
78. QH5	QF7
79. QXF7+	KXF7
80. RD1	RD4
81. KG1	RD5
82. KF2	RXF5+
83. KE2	RG5
84. KF2	Empate

Álvaro Pereira galardoado

O mestre internacional português Álvaro Pereira foi galardoado com a medalha de prata Bertl Von Masow pela Federação Internacional de Xadrez por correspondência (ICCF), decisão tomada durante a última reunião deste órgão.ç

Álvaro Pereira é o primeiro português a ser distinguido por iniciativa da própria ICCF, «por toda a sua actividade em prol do desenvolvimento do jogo de xadrez por correspondência a nível mundial», conforme o texto que acompanha a medalha.

Entretanto Álvaro Pereira e o mestre internacional Luís Santos concluíram com um empate o encontro que os opôs, relativo à fase final do Décimo Terceiro Campeonato do Mundo de Xadrez por Correspondência, iniciado em 1989 e que ambos prosseguem com mais 15 adversários de diversos países.

Canoagem: mais árbitros

De 1 a 4 de Novembro decorrerá nas instalações da Casa do Desporto, no Porto, mais uma acção de formação para árbitros, sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Canoagem.

Esta acção de formação, contempla os árbitros estagiários, regionais e nacionais, tendo sido motivada pelo crescente aumento de competições que se vão desenvolvendo por todo o País, sinónimo de que a canoagem continua a ter um desenvolvimento eficaz, de acordo com o estatuto que granjeou. Um vasto corpo de prelectores tratará temas como: Reg. Geral de Competições — José Ferreira e Castro Peniche; Regatas em Linha — José Ferreira; Estatutos, Reg. Interno e Reg. Disciplina — David Rocha; Slalom — Jacinto Regueira; Maratona — Castro Peniche; Orgânica do C. N. Árbitros — Sérgio Pais; Kayak Pólo — José Ferreira.

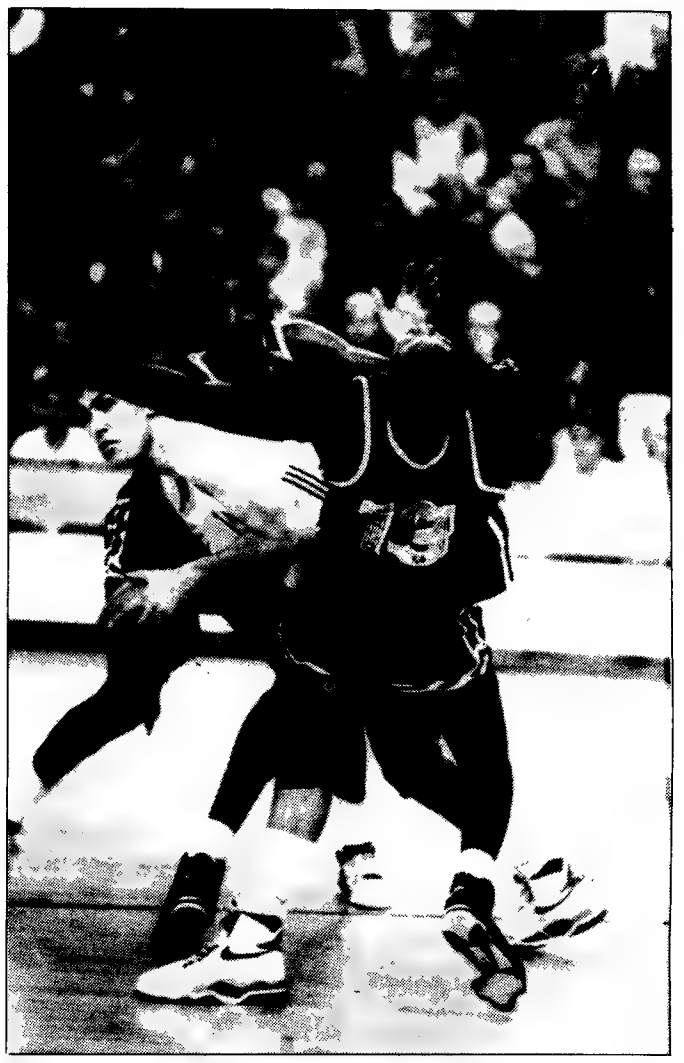
Inédito: Ovarense coloca basquetebol na Europa

Feito inédito e talvez pouco esperado aqui há meia-dúzia de meses: a equipa da Ovarense qualificou-se para os quartos-de-final da Taça Europeia dos Vencedores das Taças (em basquetebol) apesar de derrotada pelo Lahden Lhati (da Finlândia) no recinto deste, por 77-75. Tratava-se do encontro da 2.ª mão dos oitavos-de-final e no jogo da 1.ª mão (em Ovar) o conjunto português vencera por 86-77, pelo que passa à eliminatória seguinte com um total favorável de 161-154. É a 1.ª vez que uma turma portuguesa atinge os quartos-de-final de competição europeia de clubes de basquetebol.

No jogo em Lahti, a equipa local triunfava ao intervalo por 45-44. João Seica (com 26 pontos) foi o melhor marcador da Ovarense, seguido de Tó Ferreira (20 pontos) e de Mário Leite (11).

Sobre este êxito ovarense, o técnico adjunto Vítor Ferreira declarou:

— *Chegámos a um ponto de muito mérito mas não temos ainda hipóteses de nos batermos, no mesmo pé de igualdade, com os melhores «cinco» europeus. Há uma grande diferença que, todavia, tentaremos superar à custa de muita aplicação, energia e vontade de levar para Portugal mais etapas bonitas para o nosso basquetebol.*



Lahti, na Finlândia: Omar Roberts (13) e McNeil travam a marcha de Sergei Grishajev

Outros resultados dos encontros da 2.ª «mão» dos oitavos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças:

• Estrela Vermelha (Jugoslavia)-Pasabahce (Turquia), 86-76 (Estrela Vermelha apurado, com 171-170).

• Paok Salónica (Grécia)-Sunderland (Inglaterra), 97-85 (Paok Salónica qualificado, com 193-174).

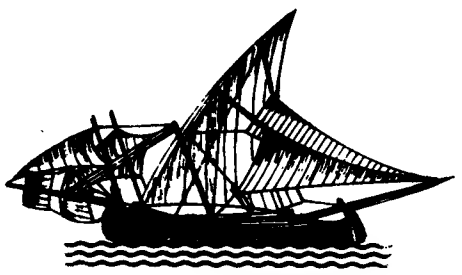
• Cholet (França)-Uppsala (Suécia), 105-84 (Cholet apurado, com 213-195).

• Knorr Bolonha (Itália)-Balanta (Roménia), 113-72 (Knorr Bolonha qualificado, com 218-141).

• Dínamo de Moscovo (URSS)-Kormend Hunor (Hungria), 113-72 (Dínamo apurado, com 119-146).

• CAI Saragoça (Espanha)-S. Bayreuth (Alemanha), 101-90 (CAI Saragoça apurado com 195-180).

• Hapoel Galil (Israel)-Slask Wroclaw (Polónia), 108-95 (Hapoel Galil apurado, com 217-179).



Vamos ter festa no Tejo

O Dia de Porto de Lisboa comemora-se e amanhã e, a exemplo da sua primeira edição (no ano transacto) é promovido um conjunto de iniciativas de âmbito social, cultural e desportivo.

Este ano, como novidade salta o facto daquelas acções terem lugar na zona ribeirinha da capital, objectivo da Administração do Porto de Lisboa (APL) em harmonizar o lazer com as operações portuárias, binónmio possível mas não raras vezes questionado, Assim, amanhã, após um almoço de confraternização entre o confraternização entre o concelho de administração e os trabalhadores da APL (no qual vários funcionários receberão a medalha do Porto de Lisboa) realiza-se, pelas 15 e 30 horas, um passeio fluvial que reunirá diversas embarcações típicas do Tejo (de que são exemplo fragatas, varinos, botes) com a participação especial da caravela «Bartolomeu Dias». Às 17 e 30 é inaugurado, na gare marítima da APL, onde decorrerá a cerimónia comemorativa do Dia do Porto de Lisboa, evento que contará com a presença de entidades oficiais e portuárias. Os convidados terão oportunidade de assistir à apresentação do filme «Frentes Ribeirinhas do Porto de Lisboa,» e ao lançamento da obra de prestígio «Estudo Histórico-Hidrográfico Sobre a Barra e o Porto de Lisboa» da autoria do hidrógrafo Baldaque da Silva (reedição da obra editada em 1893). Seguir-se-á a inauguração de uma exposição de fotografia relativa ao tema. Antes do «cocktail» de encerramento, os agentes de navegação serão distinguidos com as placas Porto de Lisboa.

O dia de amanhã é dedicado às actividades desportivas. Pelas 10 e 30 será dada a largada (em Belém) da Regata Dia do Porto de Lisboa, iniciativa que tem o apoio técnico da Associação Naval de Lisboa. Uma hora mais tarde, começa o concurso de pesca desportiva de mar (na zona da Junqueira/Belém) que porá à disposição de todos os adeptos da modalidade 115 pesqueiros. O concurso conta com o apoio da Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva.

As comemorações (pelo 2.º ano consecutivo— do Dia do Porto de Lisboa, constituem uma aposta forte da APL na promoção do porto de Lisboa nas múltiplas vertentes do seu plano estratégico (1990/92) que vem sendo implementado com olhos postos no desafio do Mercado Único Europeu de 1993.

Aurora Cunha: mais dois anos de azul-branco

Tudo solucionado, entre Aurora Cunha e os «dragões»: a campeã de Runfe continua, por mais dois anos, vestindo a camisola dos azuis-brancos. A atleta olímpica decidiu renovar o seu contrato com o F.C. Porto após uma reunião com o presidente Pinto da Costa, declinando uma proposta do Benfica. Aurora Cunha continua, deste modo, ligada ao clube que representa há 14 anos, apesar do Benfica e do Maratona lhe terem prometido melhores condições financeiras.

A campeã portista de (31 anos) venceu, no domingo passado, a Maratona de Chicago e contribuiu o mês passado para o triunfo de Portugal no Campeonato Mundial de Estrada de 15 Quilómetros (em Dublin) prova que já ganhou por três vezes consecutivas (de 1984 a 1986).

Face ao duplo convite para mudança de emblema, Aurora Cunha declarou: «A última palavra seria sempre do F.C. Porto». «A razão do impasse que se gerou nunca foi por questões financeiras, pois se desse importância a isso já há anos que tinha saído das Antas».

Por seu lado, Jorge Nuno Pinto da Costa declarou que «nunca se admitiu que Aurora Cunha pudesse deixar o F.C. Porto», fundamentando as suas afirmações com o facto de na reunião de acordo para continuidade nem sequer se ter falado em verbas: «A parte financeira foi completamente esquecida e só posteriormente trataremos desse assunto», disse Pinto da Costa, para quem a continuidade de Aurora Cunha no F.C. Porto foi muito importante, «pois ela é a grande embaixatriz por esse mundo fora».

Embora o respectivo contrato ainda não tenha sido assinado pelos dirigentes do Porto e por Aurora Cunha, sabe-se que foram alteradas algumas questões pontuais e, sobretudo, garantido à atleta um maior apoio e soterrados pequenos mal-entendidos que faziam a campeã estar reticente em relação ao prolongamento da sua defesa das cores das Antas. Acredita-se que, no compromisso mútuo, a rubricar no próximo dia 7 de Novembro, o actual vencimento mensal de Aurora (200 contos) seja melhorado, continuando a atleta livre para escolher os patrocinadores que melhor entenda a possam apoiar financeiramente.

Entretanto, o Benfica assegurou os serviços de Pedro Agostinho, recordista nacional dos 100 metros.

Barnes e o «doping»

A Comissão de «Doping» da Federação Internacional de Atletismo Amador (FIAA) afirma ter enviado ao Congresso de Atletismo (em Indianápolis) os resultados das análises de Randy Barnes, ex-recordista mundial do lançamento do peso. No centro do diferendo entre a federação e o congresso encontra-se a fuga de informação dos resultados do controlo «anti-doping», para a Imprensa.

António Cunha nega transferência para o Sporting, mas...

«Sem motivação, desisto»

O técnico de andebol António Cunha negou a possibilidade de se transferir para o Sporting, assegurando que *o FC Porto é o último clube que orienta.*

António Cunha mantém, no entanto, em aberto a hipótese de deixar o FC Porto, alegando que *sem motivação, desiste* e não considera que sua posição esteja em perigo pois *o seu lugar na vida e no desporto nunca está em perigo.*

O técnico portista falou também das possibilidades do FC Porto no encontro de sábado próximo, frente ao Atlético de Madrid, no Pavilhão das Antas, em jogo a contar para a Taça IHP, considerando que *o impossível não existe.*

António Cunha: «O meu lugar na vida e no desporto nunca está em perigo»

António Cunha reconhece a superioridade da equipa espanhola, e afirma que *o FC Porto está nesta competição por direito próprio e o seu melhor andebol vai tentar contestar o andebol de melhor qualidade do seu opositor.*

•

Os ordenados dos andebolistas do FC Porto estão em dia e não existem quaisquer problemas no clube, afirmou o director do andebol portista, Osvaldo Aguiar.

Não falhámos em nada, com excepção de alguns problemas pontuais, que existem em todos os clubes e em todas as modalidades, acrescentou o dirigente portista.

Vamos demonstrar no sábado, frente ao Atlético de Madrid, que tudo está bem no andebol do FC Porto e que nesta temporada temos todas as condições para triunfar, disse ainda Osvaldo Aguiar.

Esta tarde, em S. Siro (Itália)

Pelé: festa europeia com o «rei» a jogar

O holandês Marco Van Basten e o italiano Ancelloti são dois dos elementos que vão integrar hoje a equipa de futebol do Resto do Mundo na partida com o Brasil na festa de homenagem aos 50 anos de Pelé.

En desafio a decorrer no S. Siro de Milão, o seleccionado do Resto do Mundo orientado por Franz Beckenbauer e Arrigo Sacchi contará ainda, entre outros, com o concurso do brasileiro Alemão, banido da selecção do seu país e do argentino Diego Maradona.

A selecção do Brasil, comandada por Paulo Falcão, será constituída totalmente por futebolistas que militam em equipas do país, reforçada com o concurso do próprio Pelé que anunciou ir jogar durante os 90 minutos.

Sob a arbitragem de Tullio Lanese as equipas poderão apresentar os seguintes jogadores:

BRASIL: Adilson; Bismark, Cafu, Careca, Cássio, César Sampaio, Charles, Cléber, Donizete, Gil Bahiano, Leonardo, Luís Henrique, Neto, Paulão, Rinaldo, Ronaldo, Sérgio, Valdeir e Pelé.

RESTO DO MUNDO: Aleinikov, Alemão, Ancelloti, Basualdo, Calderon, Julio César, Clisters, De Leon, Detari, Francescoli, Goicochea, Hagi, Higuita, João Paulo, Kunde, Maradona, martin Vasquez, Michel, Milla, N'Kono, Preud'Homme, Ruggeri e Van Basten.

Maradona: «estou velho»

O argentino Diego Maradona mostrou-se desgostoso por completar 30 anos, mas frisou que a idade não o vai impedir de tentar conquistar a Taça dos Campeões Europeus pelo Nápoles, antes de abandonar o futebol.

«Oh Deus, como estou velho. O melhor é não falar nisso», disse Maradona, capitão da selecção Argentina de futebol.

Diego Maradona, que efectuou o seu primeiro jogo pela selecção da Argentina com 16 anos, tem tido uma época marcada por lesões na sua sétima temporada ao serviço do Nápoles, clube com quem tem contrato até 1993.

Maradona manisfestou, no entanto, a opinião que desejaria encurtar o seu contrato com o Nápoles para regressar ao seu país passando a representar o Boca Juniors, o clube que o lançou para o futebol profissional, em 1981, antes de ingressar no Barcelona.

Grécia-Malta realiza-se hoje

A contar para o grupo 6 da fase de apuramento para o Europeu realiza-se hoje, em Atenas, o confronto Grécia-Malta que será observado pelo técnico Jesualdo Ferreira. Recorde-se que o grupo 6 é formado ainda por Portugal (que lidera a actual classificação), Finlândia e Holanda.

Também para o Europeu jogam hoje: Hungria-Chipre (grupo 3), Jugoslávia-Áustria (grupo 4) e Luxemburgo-Alemanha (grupo 5).

Na categoria de esperanças a Alemanha venceu o Luxemburgo por 3-0, enquanto a Jugoslávia derrotou a Áustria por 1-0.

Carnevale e Peruzzi suspensão confirmada

A suspensão de um ano decretada pela Liga Italiana de Futebol aos jogadores do Roma, Andrea Carnevale e Angelo Peruzzi, por «doping», foi confirmada por uma comissão de apelo.

A comissão rejeitou assim um recurso apresentado pelos dois futebolistas, que solicitavam a anulação do castigo imposto pela Liga, no passado dia 13.

Cerca de 100 adeptos romanos contestaram vivamente a decisão tomada pelo júri de apelo, que deu também parecer favorável à multa de 136 mil dólares (cerca de 18 mil contos) imposta na ocasião ao Roma, em consequência dos testes «antidoping» positivos apresentados pelos seus jogadores.

Esta foi a última oportunidade concedida aos dois jogadores para recorrerem do castigo imposto pela Liga.

Taça inglesa

O Arsenaal venceu, fora, o Manchester City, por 2-1, em encontro a contar para a terceira eliminatória da Taça da Liga Inglesa.

Outros resultados da mesma ronda: Crystal Palace-Leyton Orient, 0-0; Ipswich-Southampton, 0-2; Middlesbrough-Norwich, 2-0; Sheffield United-Everton, 2-1 e Tottenham-Bradford, 2-1.

Pelé: último apronto para cumprir a promessa de jogar hoje na festa dos seus 50 anos

Golfe: portugueses no europeu

O Campeonato da Europa por equipas em golfe profissional inicia-se em La Manga com a participação de 21 países, entre os quais Portugal, distribuindo 11 500 contos em prémios.

O torneio, o primeiro organizado pela Assocciação dos Profissionais de Golfe da Europa, recentemente formada, será disputado em dois dias por equipas de três jogadores.

Os três profissionais portugueses presentes em La Manga são Sebastião Gil e Rogério Valente (Quinta do Lago) e Abílio Coelho (Vilamoura).

A equipa vencedora irá receber o prémio de 7500 libras estrelinas (1950 contos), enquanto os últimos classificados recebem 1500 libras (390 contos).

Sebastião Gil inicia a sua prova integrado no segundo grupo, com o galês Andy Griffiths e com o dinamarquês Nigel Willett, enquanto Rogério Valente sai com o alemão Thomas Coegele e com o dinamarquês Colin Smith, e Abílio Coelho integra o penúltimo grupo, com Graham Farr (País de Gales) e Yves Auberson (Suíça).

Muitos serão os concorrentes ao Troféu UMM

Raid à Neve na Estrela

O segundo Raid à Neve vai decorrer na região da serra da Estrela entre 8 e 9 de Dezembro, organizado pelo Clube Automóvel da Guarda, através da sua secção de todo-o-terreno.

O «raid», prova de primeira categoria pontuável para o Troféu UMM, vai utilizar percursos que na maioria são novos e «pretende dar a conhecer a todos, a bonita região da serra da Estrela».

O primeiro dia será preenchido com as verificações técnicas, no hotel da Guarda, e no dia 8 de Dezembro, inicia-se a prova a partir das 6 e 30 horas, com os concorrentes a seguirem em direcção à fronteira com a Espanha, passando por Sabugal e Vilar Formoso.

Remo: Baixinho segue em frente

Henrique Baixinho qualificou-se hoje para as meias-finais da prova de «scull» singular-ligeiro dos campeonatos mundiais de remo, a decorrer em Lake Barrington, na Austrália.

Baixinho foi o vencedor da segunda série das eliminatórias, com 7.28.67 minutos, cortando a meta com uma ligeira vantagem do italiano Enrico Gandola, que foi segundo classificado com o mesmo tempo do português.

Os restantes remadores portugueses que participaram na jornada de hoje dos «mundiais» foram eliminados, após as provas de repescagem.

Ciclismo: recorde mundial

A finlandesa Tea Vikstedt-Numan bateu o recorde mundial dos 100 quilómetros femininos em ciclismo, com o tempo de 2.24.57,618 horas, prova disputada na pista de Krylatskoye, em Moscovo.

O máximo anterior de 2.31.30,043 horas, era pertença da holandesa Navik Meke.

Donnelly recupera

O piloto inglês de Fórmula 1, Martin Donnelly, disse pela primeira vez, algumas palavras, após o grave acidente que sofreu no decorrer do Grande Prémio de Espanha a 28 de Setembro último.

Donnelly, que desde então entrou em estado de coma profundo, falou quando viu o seu amigo e compatriora Mark Gallagher.

O Lotus de Martin Donnelly despistou-se quando circulava a 260 km/hora, tendo o piloto sido operado de urgência num hospital de Sevilha, após o que foi transferido para Londres.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste, rodando para Noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros progressivamente de Norte para Sul.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Aguaceiros durante a madrugada. Pequena descida da temperatura mínima.

Depois de amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante Leste. Neblina ou nevoeiro matinal. Pequena subida de temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco do quadrante Oeste. Aguaceiros fracos.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul..

No Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva a partir da tarde..

Depois de amanhã

Céu muito nublado. Vento moderado de Sul. Períodos de chuva.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: Céu muito nublado. Vento moderado de Sueste, tornando-se forte. Períodos de chuva a partir da tarde. Mar de pequena vaga a cavado, tornando-se grosso com ondulação noroeste de 3 metros.

Grupo Central: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Leste. Aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação moroeste de 3 metros.

Amanhã

Céu muito nublado. Vento moderado a forte de Sudoeste. Períodos de chuva.

Depois de amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Oeste por vezes com rajadas. Períodos de chuva.

MARES

-Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
00.38	3,5	06.23	1,0m
12.53	3,6m	18.45	0,8m

Amanhã

01.20	3,7m	07.06	0,7m
13.38	3,8m	19.27	0,6m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

HÁ 20 ANOS

MOSCA - A CUIDINHA DE SUA JUSTIÇA SOBRE POUPANÇA

Diário de Lisboa

CAMPEÃO

Dois operários no novo Governo do Chile

Campo Grande: um viaduto com cinco metros de altura

Jane Fonda: melhor actriz que conferencista

MAIS DE CEM MORTOS NO VIETNAM DEVIDO ÀS CHUVAS

HOJE 48 PAGS. VENDEM PELA CIDADE

Dois operários no novo Governo do Chile

O presidente eleito do Chile, Salvador Allende, tornou público em Santiago o seu próximo Governo. Dele fazem parte quatro socialistas, três radicais, três comunistas e um representante de cada partido menor da União Popular. As pastas das Finanças e do Trabalho foram entregues, respectivamente, a um linotipista e a um operário agrícola.

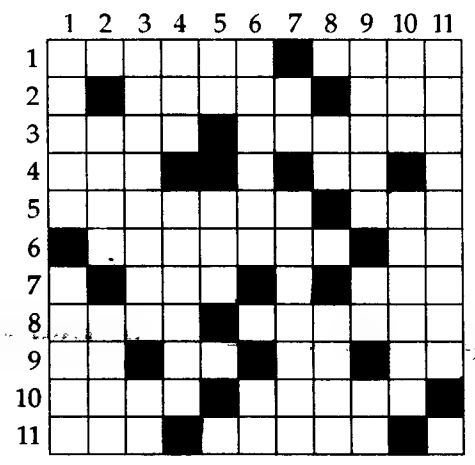
Campo Grande: um viaduto com cinco metros de altura

Está previsto para os primeiros meses do próximo ano o início da construção do viaduto de 380 metros que ligará as Avenidas Marechal Carmona e Marechal Craveiro Lopes, atravessando, a cinco metros de altura, o topo norte do Campo Grande. Técnicos municipais atribuem a maior importância ao empreendimento considerando que poderá desempenhar papel fundamental no descongestionamento do trânsito local.

Jane Fonda: melhor actriz que conferencista

A actriz Jane Fonda revelou-se pior conferencista do que actriz. Pelo menos, é assim que o público canadiano a julga. A vedeta, êxito de bilheteira assegurado quando aparece na tela, teve ontem que anular uma conferência sobre os direitos cívicos nesta cidade, porque só tinha vendido 20 bilhetes.

PALAVRAS CRUZADAS

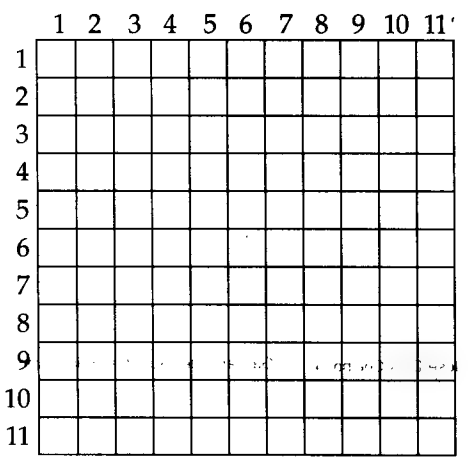


PROBLEMA N.º 18 035

HORIZONTAIS:
1 - Estampai. Rio da Crimeia tributário do mar Negro.
2 - Artigo definido. Zelos amorosos. Seguiam.
3 - Vigorosos. Máquina para comprimir.
4 - Possui. Mil e cem em romano.
5 - Arrear. Pronome pessoal.
6 - Que inspiram ódio. Prefixo de negação.
7 - Guarneça de asas. Matemática.
8 - Instrumento musical de cordas. Pruma.
9 - Existe. Compaixão. Rénio (s.q.). Bromo (s.q.).
10 - Adorna. Antigo país da Europa, compreendido entre o Tisza, o Danúbio, o Ponto Euxino, o Dniestre e os Cárpatos.
11 - Sadio. Moveu os remos.

VERTICAIS:
1 - Saboreia. Órgão da vista (pl.).
2 - Poeta primitivo, entre os Gregos. O mesmo que mãe-d'água.
3 - Adaptar. Em o.
4 - Mesquinhos. Gargalhada.
5 - Ouro (s.q.). Bêbado (Bras. gir.).
6 - Cruéis. Preposição.
7 - Érbio (s.q.). Coraram.
8 - Preposição. O mesmo que porco (prov.).
9 - Mamífero carnívoro também conhecido por gato-bravo. Mulo. Género de palmeiras do Brasil.
10 - Conjunção. O mesmo que diamba (Bras.).
11 - Criar ao peito.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 845

HORIZONTAIS:
1 - Brincalhão. Calote.
2 - Torturado.
3 - Educo. Acrescentando uma vogal é simples.
4 - Rio da Suíça. Silicato natural de alumínio e de magnésio (pl).
5 - Antepassados. Encontrais.
6 - Sadias. Lê. Acabamento de licença.
7 - Apatia profunda.
8 - Duzentos em romano. Combina.
9 - Óxido de cálcio. O mesmo que morada.
10 - Que causa dano. Acrescentei.
11 - Corar. Endurecido.

VERTICAIS:
1 - Tribo de índios do Brasil, em Mato Grosso. Duzentos em romano.
2 - Obstruído.
3 - O mesmo que touros. Pêlos de certos animais.
4 - Boi selvagem. Miriare. Em a.
5 - Samário (s.q.). Apelido.
6 - Recinto destinado à sepultura dos cadáveres humanos (pl.).
7 - Oprimo. Irmão de Moisés.
8 - Conjunto de soldados do exército (pl.).
9 - Centiare. Pancada com a palma da mão (pl.).
10 - Preposição latina que designa movimento. Numeral cardinal. Passai.
11 - O sono das crianças. Sua Senhoria. Leite de cal aplicado à parede.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 034

HORIZONTAIS: 1 - FOGE. DO. Cem. 2 - Arrumarão. 3 - Moa. At. Ama. 4 - Vilão. Ois. 5 - Lai. Dras. Re. 6 - Teias. Dor. 7 - Cia. Zoila. 8 - Arrue. Co. Ce. 9 - Oiã. Não. Man. 10 - Asoto. It. 11 - Os. Restasse.
VERTICAIS: 1 - Famalicão. 2 - Oro. Irias. 3 - Gravitaras. 4 - Eu. Or. 5 - MALDIZENTE. 6 - Datarão. Aos. 7 - Or. Oásico. 8 - Aa. Lo. Dá. 9 - COMO. DA. 10 - Airó. Cais. 11 - MD. SERPENTE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 844

HORIZONTAIS: 1 - Lanhelas. Ag. 2 - Ati. Semeada. 3 - Voa. Ciou. Im. 4 - Rasto. Saa. 5 - Ais. Liaças. 6 - Acha. 7 - AC. Apaga. 8 - Solidário. 9 - Redactores. 10 - Avias. Uso. 11 - Coas. Prosas.
VERTICAIS: 1 - Lavradas. AC. 2 - Atoai. Corvo. 3 - Niassa. Leia. 4 - Caídas. 5 - Escolhidas. 6 - Lei. Ia. Ac. 7 - Amola. Artur. 8 - Seu. Copioso. 9 - Sa. Aoros. 10 - Adias. 11 - Gama. Lassas.

PROVÉRBIO:
FOGE DO MALDIZENTE COMO DA SERPENTE.

I Série N.º 252
Dia 31 de Outubro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério do ano de 1990 no montante de 45 367 contos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portarias n.ºs 1090 a 1101/90:
Sujeita ao regime cinegético especial várias propriedades e prédios com localização nos concelhos de Arraiolos, Cantanhede, Mora, Figueira de Castelo Rodrigo, Montemor-o-Novo, Montijo, Sousel, Ourique e Sabugal.

PESSOAS & FACTOS

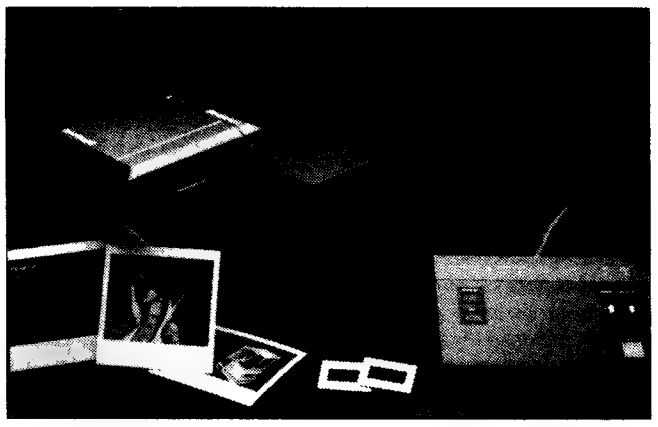
Publicado o Anuário de Numismática - 1991

Foi já posto à venda o **Anuário de Numismática - preçário de moedas e notas 1991,** que conta já com doze anos de existência.

Esta edição vem substancialmente melhorada e inclue um capítulo dedicado a notas, com os exemplares apresentados em boa impressão cromática.

Para as moedas a cotação é feita para três graus de conservação diferentes e para as notas, emissão em geral em escudos do Banco de Portugal, são considerados seis graus de conservação.

Apresenta,ainda, um pequeno resumo sobre cédulas, descrição e cotação das moedas de todos os países africanos de expressão portuguesa e textos diversos, versando temas numismáticos.



Polaroid transforma imagens de vídeo em fografia

Um sistema compacto e de fácil utilização, que permite transformar em fotografias ou slides a cores de alta definição, imagens obtidas a partir de vídeo constitui um dos equipamentos da marca Polaroid disponíveis em Portugal.

De utilidade reconhecida em muitos sectores, com relevância para a vida empresarial, médica, de ensino ou de publicidade, este sistema tem um vasto leque de apliacações.

Denominado «Freeze-Frame», o sistema pode ser ligado a gravadores ou câmaras de vídeo, a sistemas médios de imagem, a equipamentos de televisão e a computadores

O «Freeze-Frame», que como a restante gama dos equipamentos Polaroid é representado em Portugal pela «Polapor», é um sistema sofisticado capaz de eliminar as distorções de imagens caracterísitcas de alguns vídeos na posição de pausa, repondo a sua estabilidade e garantindo um slide ou uma fotografia de alta qualidade.

Produto da capacidade criativa da Polaroid, o Freeze-Frame» alia a qualidade das imagens a uma rapidez de utilização que se traduz na obtenção de fotos e slides a cores, em apenas oito segundos.

CINEMAS

LISBOA

ALFA
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
ASSALTO AO AEROPORTO
Filme deRenny Arlin
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
AIR AMERICA
Filme de Roger Spottiswoode
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS
Shoping Center de Lisboa
T. 691275
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spki Lee
M/12 - Às 13.45, 15.45, 19.45, 21.45 e 00.15
SALA 5
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 6
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 7
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 8
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 9
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00
SALA 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
VERIDICTO FINAL
Com James Woods
M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
O ANJO DAS SOMBRAS
M/ 16 anos - Às 15.30 e 21.30
ESTÚDIO SHEZA
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Jack Sholder
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A PROSTITUTA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39
T. 546085
CICLO MICHAEL POWELL
THE EDGE OF THE WORLD
Com John Laurie, às 18.30
RETURN TO THE EDGE OF THE WORLD
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
UM SONHO DE MULHER
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
SALA 3
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037
AUDITÓRIO 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.45 e 22.00
AUDITÓRIO 2
NA PELE DO URSO
Filme de Ann e Eduardo Guedes
M/12 - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133
DESPERTAR VIOLENTO
Filme de Aaron Russo e David Greenwalt
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
SALA 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45
SALA 2
SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 21.30
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.30 e 21.30

LAS VEGAS
SALA 1
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
TUAREG - O GUERREIRO DO DESERTO
Filme de Enzo G. Castellari
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
GARGANTA FUNDA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
DESPERTAR VIOLENTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
SALA 1
MARIDOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
NO TRILHO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

«Maridos à Água», de Peter Greenaway

18.00, 20.00 e 21.30
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.30 e 21.30

LAS VEGAS
SALA 1
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
TUAREG - O GUERREIRO DO DESERTO
Filme de Enzo G. Castellari
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
GARGANTA FUNDA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
DESPERTAR VIOLENTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
SALA 1
MARIDOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
NO TRILHO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE
SALA 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45
SALA 3
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ
R. António Mª Cardoso
T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
OS FABULOSOS IEMÃSO BAKER
De Steve Kloves
Às 18.00

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
DIAS DE TEMPESTADE
M/16 anos -Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30
SALA 2
JACKNIFE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
SALA 1
Telef. 2841769
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
SALA 2
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
48 HORAS - PARTE II
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
SALA 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
SALA 2
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
SALA 1
AIR AMERICA
SALA 2
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
SALA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
SALA 3
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO
Enc. de Camilo de Oliveira

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7
T. 878225
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

COMUNA
Praça de Espanha
T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

GRUPO DRAMÁTICO RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107
T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃ O E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer
T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

MARIA MATOS
Av. Fr. Miguel Contreiras,52
T. 897007
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO ABERTO
P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45. Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45. Dom. às 16.00
DESEJO SOB OS ULMEIROS
De Eugéne O'Neill

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11
T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOLF
De Edward Aldee.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75
T. 601866
De 3ª a Sáb. às 21.00. Dom. às 16.00
A TEIA
De Graça Gonçalves

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade, 9
T. 323200
Às 5ª, 6ª, e Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira

«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»

«Sweetie»
estreia de uma cineasta neo-zelandesa.Salvé!

«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica

«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecran...

«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama

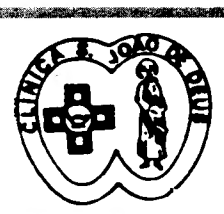
«Henry e June»
...só para ver Maria (Anaïs) de Medeiros

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTES
Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua da Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO
Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.



MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

SINTRA

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

ALMADA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032. Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h; **Setúbal:** Soromenho, R. Machado Santos, 24, Tel. 22691. Permanente; Marques, R. Arronches Junqueira, Tel. 22783. Permanente; Fuzeta, Av. Bela Vista BIE, 1-C, Tel. 72747. Até às 22 h.

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** A Voz de Roma; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
17.00: Ciclo Camilo Castelo Branco;
18.15: Ângulos e Reflexos. **19.00:** Integrais - A Integral dos Concertos Brandeburgueses de Bach, pelo agrupamento «The English Concert». Dir. de Trevor Pinnock; **19.20:** Álbum Musical - Obras de Schumann, Arnold Bax, Richard Strauss, Beethoven, Rodrigo, Carl Nielsen, Shostakovitch, Ravel e Wagner; **20.10:** Álbum Musical (cont.) **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Histórias de Música e Outras; **21.30:** Sonata em si menor para violino e piano de Respighi. Violino: Josef Suk. Piano: Jan Panenka; **22.00:** Noite de Teatro - «Agostinho de Ceuta» de Camilo Castelo Branco; **23.00:** Uma Hora com Bach; **00.00:** Música Variada. Obras de Boccherini, Mozart, Chopin, Frank Bridge e Fernando Sor.; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
14.00: Estúdio Três; **16.30** e **19.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00**: Contacto; **19.00** e **23.00:** Jornais - informação; **20.00**: Praça de Táxis; **21.00:** Estrada Fora; **23.00**: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; **15.00:** 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; **16.00:** Rock em Stock; **17.00:** A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; **18.00:** RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; **19.00:** Quatro Tempos, de Pedro Castelar; **20.00:** Nova Geração, de Fernando Quinas; **21.00**: Mercador de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM
10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música:
13.00: Tons suaves, com Francisco Gil;
16.00: «Surf», um programa de Augusto Fernandes;
18.00: Nuno Soares dos Reis escolhe música suave;
20.00: Paraísos perturbantes, de António Coelho;
21.00: Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; **23.00:** Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM
13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; 15.00: Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade do João Vaz; **18.00:** Informação geral e desportiva; **21.00:** Música suave; **00.00:** Espaço dedicado à música de vanguarda; **02.00:** Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE
96.6 FM
10.00: Oitava Colina; **17.00:** Fim de Tarde;
20.00: A Flauta Mágica; **21.00:** Terna é a Noite;
01.00: O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade;
18.00: Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço;
19.00: A Viagem Continua; **20.00:** Inf. Religiosa;
20.10: Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos;
21.00: Sequência; **22.00:** Espaço Musical;
22.30: Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida;
20.00: Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL
89.5 FM
Noticiário de meia em meia hora, editado por Miguel Monteiro e Paulo Bastos, com animação de António Macedo; **06.45:** Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lídia Franco e Rita Ribeiro; **07.15:** Sons com história; **07.30, 08.30, 09.30:** Discos pedidos por personalidades convidadas; **07.50, 08.50:** O humor de Herman José; **08.15:** Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; **08.30:** Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; **12.45:** Grande Prémio, editado por João Gabriel; **18.00:** O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; **19.00:** O acontecimento desportivo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às **12.00** de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco;
às **12.00** de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TELEVISÃO

14.30 - PRIMEIRA MATINÉE
«Abnegação»
16.15 - PONTO POR PONTO
«Efemérides» de Duarte Siopa Cruz, um apontamento sobre Teatro e a rubrica dedicada à investigação científica e tecnológica fazem parte desta emissão.
16.50 - O CORPO HUMANO
O sistema nervoso é o tema deste episódio
17.20 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Minet e o Cachorro», «Misha» e «Caderno Diário»
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUTCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
33ª Sessão
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
«Associação Centro da Ind. de Panificação»
20.17 - TIETA
3º Episódio
21.15 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Debaixo do Vulcão» (Under the Volcano): em 1938, em Carnavaca no México, no Dia de Finados e ainda sob os efeitos de uma ressaca provocada por uma violenta noite de copos na companhia de outro alcoólico, Geoffrey Firmin fica estupefacto ao constatar que a sua mulher Yvonne regressou, após se terem divorciado há um ano.
Um filme de John Huston, com Albert Finney, Jacqueline Bisset, Anthony Andrews, Iganacio Lopez Tarzo, Katy Jurado, James Villiers, Dawson Bray e Carlos Riquelme.
Duração: 107 minutos.
23.50 - 24 HORAS
00.25 - O TEMPO
00.30 - REMATE

Nos regimes totalitários...

Nos regimes totalitários, a Informação trata quase exclusivamente dos assuntos que interessam ao partido no poder.

Nos regimes totalitários escondem tudo o que possa prejudicar o Governo.

Nos regimes totalitários as notícias trazem o carimbo oficial.

Nos regimes totalitários cada ministro tem a sua câmara de televisão privativa.

Nos regimes totalitários são silenciadas todas as acções da oposição.

Nos regimes totalitários a televisão é só para os ministros, subsecretários ou seus protegidos.

Nos regimes totalitários a televisão presta culto ao primeiro-ministro.

Nos regimes totalitários, o primeiro-ministro aparece em todas as emissões, todos os dias, todo o dia.

Felizmente que em Portugal não temos um regime totalitário.

O chá de Mário Crespo

Há na televisão quem não seja tolo. E que, além de o não ser, tenha a coragem de mostrar que não é. O que representa muito, nestes ominosos tempos.

A cena passou-se entre Mário Crespo e Macário Correia, a ambiental figura. Diz-lhe a certa altura Mário Crespo com um esgar crítico disfarçado de sorriso:

— *O senhor é pessoa com expressão televisiva. Reparo que está a falar para a câmara e não para mim, o que indicia que é um homem votado a estas coisas...*

O reparo de Mário Crespo é justo. Em geral, os políticos vão ali para se servirem da televisão e consideram o jornalista como uma peça da engrenagem cuja missão é fazer as perguntas necessárias. A resposta dirigem-na aos espectadores — com desprezo do jornalista...

Mário Crespo recusou esse papel e deu o chá. Infelizmente são ali poucos os que têm essa coragem.

Imaginação (a falta de)

Numa semana, vejo uma anedota representada no *Badorosíssimo*.

Noutra semana, aparece a mesma anedota no *Euronico*.

E viva a imaginação!

João Cabral de Melo Neto. Para ele, o Prémio Camões. A televisão dá a notícia. Podiam aproveitar para darem ao menos um poemazinho dele...

David Mourão-Ferreira esteve no *Joaquim Letria*. Podia ser um protexto para nos darem dele um poemazinho.

Aliás, como fazem com os jogadores de futebol. Falam deles — e metem bola.

Ah, poetas, poetas, como vocês erraram a vocação!

Ana Paula, Majestade!

Aquela reportagem da chegada dos portugueses de Bagdad! A sensação de fragilidade, de insegurança, tudo preso por cordéis. O pobre António Luís Rafael aflito: «Se a minha voz desaparecer, já sabem que foi o cabo que se soltou...»

Quanto a Ana Paula Cabral...

Chegou da América. Chegou, viu e venceu. De mergulho, zás!, no *Telejornal*.

Lê com eficiência. Portanto, para locutora, tudo bem. Mas como repórter, tem-se mostrado uma desgraça. E sem nenhuma experiência, atiram com ela para um directo tão complicado.

Nenhuma naturalidade, nenhuma possibilidade de desenrascanço. Os diálogos dela com os regressados eram assim:

— *Descreva-me as suas emoções...*

— *Qual é a sensação do reencontro?*

— *Como é que sente estar em casa?*

Quanto ao seu português, Ana Paula deve cuidar de uma reciclagem urgente. Dar notícia em primeira mão, não é dar a notícia *em primazia...*

O que nesta jovem impressiona é a sua aparência de diva, de primeira figura da companhia. Aconselho-a a arrepiar caminho.

Se é que Vossa Magestade permite um conselho a este humilde servidor...

Saber improvisar

Ana Bola terminou a sua campanha dos 10 dias, na apresentação do «Ponto de Encontro». Deve ter sido para ela uma experiência dolorosa, talvez. Para nós, foi com certeza. Não encontrou o ritmo certo, deu sempre um ar de fadiga, de sono ou de doença. Sempre mal preparada — por culpa de quem?

Hoje, segunda-feira, coube a vez a Rita Ribeiro de desafiar os seus 10 dias. Foi uma desgraça. Rita fez tudo o que não se deve fazer. Em vez de conversar, perguntava. Em vez de simplificar, complicava — ai aquela «entrevista» a Costa Carvalho! Em vez de improvisar lia a sebenta!

Letria recordou na televisão aquela história de Bob Hope que dividiu o seu óscar com quem escrevia os seus brilhantes improvisos...

Rita em vez de «improvisar», lia os imprevisos que deviam

Um vulcão chamado Bisset

O prato forte das quartas-feiras televisivas é invariavelmente o cinema. Hoje, por exemplo, na «Lotação Esgotada» você pode apreciar um clássico contemporâneo. Às 21 e 40, ponha o vídeogravador a trabalhar. O pitéu é nada mais, nada menos que **«Debaixo do Vulcão»** de John Huston, com Jacqueline Bisset, Albert Finney e Anthony Andrews. A acção tem lugar nos anos trinta, no México, onde o antigo cônsul britânico vive com um «vulcão chamado Bisset» e um irmão mais jovem e mais atraente (ou não fosse o fabuloso Anthony Andrews que dá vida à personagem).O resultado é o esperado: a bela senhora envolve-se com o não menos apetecível cunhado e o pobre atraiçoado inicia um triste processo de auto-destruição, com copos e drogas à mistura. A importância desta obra percebe-se nisto: publicado o romance por Malcolm Lowry em 1947,ele despertou imediatamente o interesse de John Huston. Todavia, o realizador que, então já tinha no activo um filme como «Relíquia Macabra», esperou trinta anos para proceder à adaptação. Datado de 1984, «Debaixo do Vulcão» é, afinal, o trabalho de exigência e maturidade de um cineasta que só assinou obras-primas.

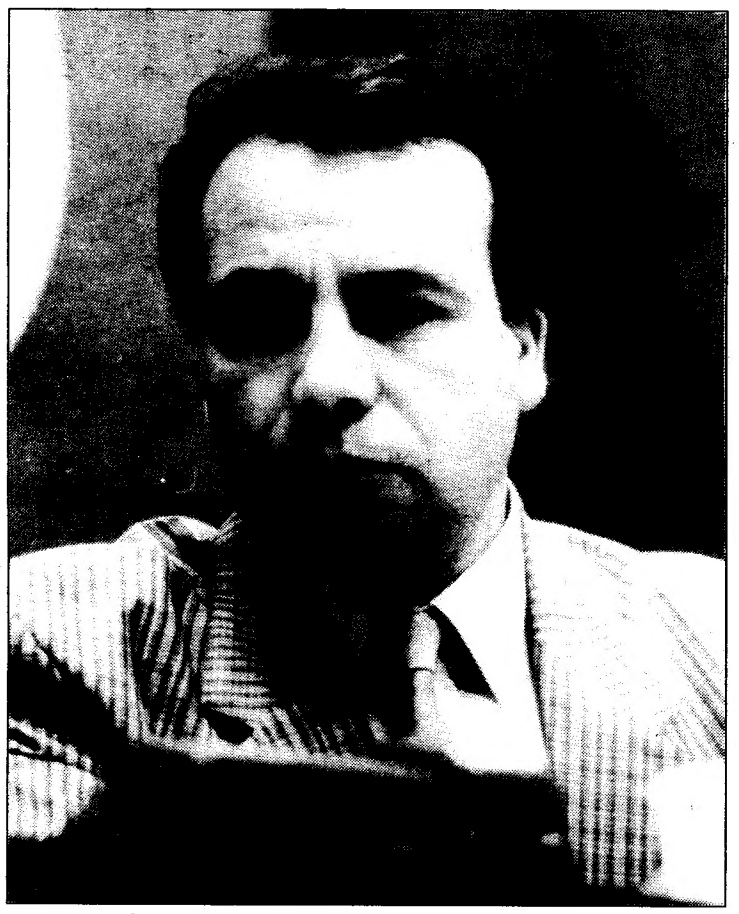
Não se pode ter tudo. Ao mesmo tempo que você se delicia com «Debaixo do Vulcão», há alguém que prefere **«Xingu»**, a transmitir a partir das 23 e 30, na RTP 2. Se ainda não viu e não morre de amores por Huston (é quase impossível, mas, enfim...) não perca. Vai já no sexto episódio, mas não deixa de ser importante este documentário relativo à cultura e quotidiano dos índios brasileiros. O episódio que hoje vai para o ar será, aliás, dos mais interessantes, uma vez que se debruça sobre os conceitos de vida e morte entre as tribos amazónicas.

Menos interessante do que tais programas, mas, de qualquer forma, eventualmente motivador serão **«Ruas de San Francisco»**, o clássico da TV, cujo sexagésimo primeiro episódio vai para o ar às 19 e 50. Se aprecia a aventura, não desligue logo. Ela segue dentro de momentos, quando às 20 e 45, a RTP 2, transmitir o 33º episódio do herói da moda: **Dick Tracy.** Na versão pré-histórica, entenda-se... sem Warren Beatty nem Madonna.

SNOOPY POR SCHULZ

2 RTP

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
16.45 - RECREIO DO 2
«Cristal Tipps e Allistair»
e «Nils Holgersson»
17.30 - ETERNO FEMININO
33º Episódio: «As crianças são a melhor coisa do Mundo». Um interessante tema que levará ao estúdio Manuela Eanes (presidente do Ins. de Apoio à Criança), Maria Violante Vieira (representante da UNICEF) e do dr. Sá e Melo (que se debruçará sobre a infertilidade). Teresa Guilherme conversa ainda com a mães de um bébé proveta e de uma criança adoptada.
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: um jovem da equipa de basquetebol de que Mike Stone é o treinador, testemunha o espancamento de um homem e fica hesitante entre contar o que viu a Mike ou acatar o silêncio que lhe foi imposto.
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.50 - JOAQUIM LETRIA
23.25 - XINGU
Apesar da noção do tempo não existir nas sociedades tribais, a velhice e a morte são, factos que fazem parte da vida. Neste episódio iremos ver como os Xingu reagem ao envelhecimento e à morte.
00.10 - O TEMPO



Carvalho da Silva: uma entrevista notável

ser!

A RTP deve saber que um actor não é, por natureza, um apresentador — como um escritor não é, por natureza, um crítico. Apresentador é apresentador. Há que procurá-los. Formá-los. Promovê-los. Trata-se de um ofício, não de um *hobby*. Trata-se de uma maneira de ser, não de uma imposição.

Rita, se você for mal, como hoje, não se deixe frustrar. Porque você não é uma apresentadora.

Continue, Filipa!

Filipa Vacondeus. Um desastre mais naquela manhã desastrada. Simpaticamente inocente: «Hoje só fiz disparates!» O óleo era pouco, a frigideira pouco funda, esqueceu-se do leite, entornou os ovos, esguichou a água, queimou a tosta...

E tão vaidosa que ela estava com os seus brócolos e os seus «tomatinhos pequenos, uma delícia!»

Tantos falhanços, tem graça, não lhe diminuíram o interesse. Pelo contrário. Torna-a mais próxima, mais do nosso lado. Do meu, pelo menos. Até eu fiquei apto a fazer aquelas tostas tão práticas.

Obrigado, Filipa. E continue a ser assim, desastradazita. Se deixar de o ser, perde toda a graça.

Carvalho da Silva: saber estar na TV

Adriano Cerqueira convidou Torres Couto, da UGT, e Carvalho da Silva, da CGTP, para um frente a frente. Só Carvalho da Silva apareceu...

Sublinhe-se a forma imperfeita como Cerqueira se preparou para a entrevista. São inadmissíveis situações como estas:

Cerqueira — *Depois de o senhor considerar que o acordo aceitável...*

Carvalho da Silva — *Nós nunca dissemos que o acordo era aceitável...*

Ou então:

C — *Já disse que era possível a CGTP vir a assinar o acordo...*

C.S. — *Eu nunca disse isso...*

Como a história de a CGTP assinar se o aumento salarial fosse de 13,7 e não 13,5.

Carvalho da Silva:

— *Isso nunca esteve na mesa. A última proposta que nós subscrevemos com a UGT previa um aumento de 15 por cento e combinámos com a UGT que não aceitaríamos salários mínimos abaixo dos 42 100$00 e reformas abaixo dos 20 500$00.*

Para desfazer as já usuais acusações de ordem partidária:

— *No decorrer das negociações, fui abordado por dirigentes destacados da UGT a pedir que não assinássemos o acordo!*

A entrevista de Carvalho da Silva pode considerar-se notável, do ponto de vista televisivo. Ele conversou com Cerqueira, não passou por cima dele. Nunca foi agressivo nem demagógico, nem redundante. A sua voz teve o registo certo. Cativou a audiência. Deu uma sensação concreta de seriedade.

Torres Couto fez bem em não ir lá.

Mário Castrim

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
09.30 - RUA SÉSAMO
10.00 - MISSA DO DIA DE TODOS OS SANTOS
11.00 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - O TEMPO
13.35 - DIVULGAÇÃO INSTITUTCIONAL
13.40 - PRIMEIRA MATINÉE
«As Sandálias do Pescador»
16.05 - PONTO POR PONTO
16.55 - CIDADES COM METRO
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - TIETA
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/ /BOA NOITE
21.20 - EURONICO
22.15 - MEMÓRIAS E EMOÇÕES
23.15 - 24 HORAS
23.45 - O TEMPO
23.55 - REMATE

RTP-2

12.02 - A FORÇA ASTRAL
12.25 - ORA AGORA CONTO EU
12.35 - FILHOS E FILHAS
13.00 - JERRY LEWIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.50 - AVENTURA
16.20 - A ILHA DAS BORBOLETAS
16.45 - RECREIO DO 2
17.20 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - O MENINO DOUTOR
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.45 - VIA RÁPIDA
20.00 - REGIÕES MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DRAMAZINE
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.45 - CINECLUBE
«O Denunciante»
00.15 - O TEMPO

«*Lisboa é uma cidade que está a desmoronar-se*»

Editorial do «Diário de Notícias», 30.10.90

A PERGUNTA DO DIA

António José Seguro
MASP Jovem

Como vai funcionar o Espaço MASP Jovem?

«O Espaço MASP Jovem, que esta noite é inaugurado às 21.30 horas com a presença de Mário Soares, vai funcionar na garagem do edifício da sede nacional da candidatura e pretende ser um espaço especificamente dirigido aos jovens. Trata-se de um espaço polivalente, preparado para acolher espectáculos musicais e teatrais, bem como exposições e debates. O programa das iniciativas está em fase de preparação. No que se refere aos horários de funcionamento, o Espaço MASP Jovem estará aberto todos os dias das 18 horas às 24 horas, excepto aos fins de semana em que começará a funcionar à hora do almoço. Para já, os utentes podem consultar as publicações da hemeroteca, escutar música, pôr as suas dúvidas e apresentar sugestões e apoios às pessoas do movimento que estarão sempre presentes. Hoje, no final da inauguração, haverá uma festa numa discoteca de Lisboa.»

Sexta-feira no
Diário de Lisboa
O cavalo e a Feira da Golegã
Política de A a Z por Fernando Piteira Santos
Reportagem sobre o Dia do Porto de Lisboa

MEDIA

Rui Vasco

Polícias fardados e à paisana separavam os repórteres da televisão dos repórteres dos jornais e das rádios

O pluralismo na Informação pode ser diminuído de várias formas, entre elas a restrição do acesso aos acontecimentos. Foi o que aconteceu no aeroporto de Lisboa, quando chegaram os reféns portugueses no Iraque. À televisão couberam privilégios - o que se dá mal com direitos

TV, polícia e censura

A saúde das sociedades democráticas mede-se também, e especialmente, pelo grau de liberdade de expressão. O aprofundamento da democracia pressupõe a expansão deste direito. Reconhece-se, pois, que o menor retrocesso no direito à informação traduz e produz um défice democrático, mesmo quando o regime parece consolidar-se noutras vertentes e a sociedade conhece um surto de desenvolvimento. O progresso, em tais condições, é enganoso; está inquinado nos fundamentos.

A complementaridade entre meios de comunicação escritos e audiovisuais, que é hoje indiscutível em boa teoria, foi precedida da concentração de esforços numa concorrência inexistente de naturezas, desprezadas que foram as especificidades da palavra e da imagem, o alvo principal do apelo de cada meio. Estas noções foram estonteadas pela força incomensurável que se pressentia no audiovisual, temível para a Imprensa escrita, que não dispensa o alfabeto nem pode ser distribuída à velocidade da luz. Competir em vez de articular estabeleceu-se como palavra de ordem, e a multiplicação de tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas de comunicação à distância, com graus crescentes de autonomia e instantaneidade planetária, isolou o audiovisual como instrumento preferencial para a transmissão de mensagens. O Poder apercebeu-se cedo deste incomensurável potencial difusor e com ele as diversas forças políticas e sociais. A Imprensa escrita, já convicta do papel insubstituível que desempenha no apelo à reflexão, complementado pelo apelo da imagem aos sentidos, tinha perdido o seu lugar tradicional entre os canais de comunicação. Disto saía ferido o pluralismo informativo pela desigualdade de acesso aos cidadãos. Ao meio universal por excelência, a televisão, foi reconhecido um privilégio real : o de marcar o tempo, isto é o de determinar a que horas começam os acontecimentos que cobre — porque antes de instaladas as câmaras nada começa. Dez segundos de reportagem televisionada valem bem, para os aproveitadores da emissão passiva, duas colunas de prosa meditada, activa, suscitadora de ideias, mais do que de adesão emocional.

Na semana passada, em Lisboa, os poderes reivindicaram de vez para a televisão o estatuto de meio que até com analfabetos comunica. À chegada dos vinte e cinco reféns portugueses vindos do Iraque, acompanhados de três jornalistas portugueses desde França, as autoridades do aeroporto impediram estes profissionais de Imprensa de cumprir a sua missão, não hesitando em recorrer a meios violentos para imporem a censura. E os repórteres — dos jornais e das rádios — que tinham acorrido à Portela para registar o acontecimento viram-se, a dada altura, impedidos de trabalhar em condições porque não foram autorizados a aproximar-se dos recém-chegados: esse contacto estava reservado à televisão, protegida por um cordão de polícias, fardados e à paisana — certamente os mesmos que, de censores da Imprensa escrita, se haviam transformado, num passe de mágica, em protectores do sossego das câmaras, silenciosamente gravando uma ante-estreia privadíssima.

Esta discriminação é ilegal, à luz de todas as leis pertinentes, mas tem o picante de ser imposta pelas autoridades que deveriam reprimi-la. É uma obstrução ao direito de informar, protegida pela polícia. É o monopólio institucionalizado do audiovisual.

Nós sabemos que a televisão precisa de espaço para se movimentar; mas também sabemos que a cada um o seu espaço. Estávamos habituados, embora não conformados, à marcação do tempo; seguir-se-á, à marcação do espaço, a determinação do modo?

João Paulo de Oliveira

CRÓNICA

Por uma unha negra

Por uma terça-feira de chuva miudinha, quase pela hora do meio-dia, altas eram as palavras de zanga num rés-do-chão da Rua Andrade Corvo - e tão altas eram elas, com acusações mútuas à mistura, que um momento houve em que a mesa posta para o almoço toda se desfez, pratos, copos e talheres pelo chão...

- Desta é que me vou! Não aturo mais as tuas mentiras! O telefonema que atendi...

- Ora! O telefonema que atendeste! O telefonema que atendeste foi, pura e simplesmente, o engano de alguém...

- Era uma fulana, uma fulaninha, e perguntou por ti com todas as letras!

- Amélia, quantos homens, nesta cidade, não têm o meu nome...? Raúl, um nome tão vulgar! Abre, abre a lista telefónica e vê! É uma enfiada deles! Não muitos, mas alguns...

- Isso não me convence! A tipa que telefonou sabia que tu estavas em casa, a uma hora a que nunca estás - e tu estavas!

- Mulher! Eu estava em casa por um único e simples motivo: saí daqui sem guarda-chuva, sem gabardine, e pedi lá ao meu chefe que me deixasse sair mais cedo para escapar à chuva que não tarda muito caia com toda a violência... Foi isso que me fez chegar mais cedo a casa, Amélia!

- Claro, claro - e logo o telefonemazinha para ti! A querida não suportava a tua ausência! Queria-te mais tempo junto dela! Essa é que é a verdade! Como estes dedos da mão, sabes...?

«Miau!» - E o gatinho doméstico lá de casa entrou pela sala, assarapantado com aquelas coisas todas pelo chão, a comida fora dos pratos, o triângulo de um bife mesmo apontadinho aos bigodes do bichano. E - trunca! - logo ali ele espetou os dentes, as unhas abertas, o olhar enviesado. Depois, de um salto, sumiu-se na cozinha - e de novo o casal se embrenhou na discussão, palavra puxa palavra, isto e mais aquilo, uma coisa sobre a outra, insulto atrás de insulto.

E Amélia:

- Pois fica sabendo, meu querido, que hoje, dia 29 de Outubro de 1990, tudo está terminado entre nós! Vou-me embora - e vou já!

Raúl correu para Amélia, a mão desenhando uma bofetada - e, subitamente, eis que a Rua Andrade Corvo, depois de um grande estrondo, se encheu de bombeiros, sirenes, ambulâncias, pessoas a correr e a gritar. A chuva miudinha cessara - e Amélia e Raúl, surpresos, suspenderam os gestos, calaram-se, abriram a porta, atónitos saíram...

- O que foi...? - perguntaram a uma mulherzinha com as mãos na cabeça, aflita, estacada no meio da rua.

- Desgraça! Quantos mortos! Desabou ali aquele prédio, oito andares, ai!, meu Deus que grande desgraça!

8 andares desabaram em Lisboa

Raúl e Amélia foram-se aproximando do local, polícias e bombeiros a colocarem barreiras, um amontoado de pedras, telhas e caliça - e cerca de duas horas depois, remoção feita com saber e experiência, só um homem se encontrou sob os oito andares desmoronados. Vivo - e a dizer com um sorriso:

- Só parti uma unha...

Amélia e Raúl, tomados de emoção, tudo esqueceram num abraço, fazendo as pazes, amando-se no ar de quem se alegra:

- Eh, pá! Foi mesmo por uma unha negra!

Pedro Alvim

AMANHÃ, por ser feriado nacional, estarão encerrados todos os serviços do «Diário de Lisboa», pelo que só voltaremos ao contacto com os leitores na próxima sexta-feira.

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS AUDI VW
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75